CATALOGO

DA

EXPOSIÇÃO DE ARTE RELIGIOSA

NO

COLLEGIO

DE

SANTA JOANNA PRINCEZA

em beneficio dos pobres

DE

AVEIRO

AVEIRO
MINERVA CENTRAL
—
1895

CATALOGO

DA

EXPOSIÇÃO DE ARTE RELIGIOSA

NO

COLLEGIO

DE

SANTA JOANNA PRINCEZA

em beneficio dos pobres

DE

AVEIRO

AVEIRO
MINERVA CENTRAL
—
1895

Classes das obras d'arte existentes no districto de Aveiro, admissiveis á exposição d'arte religiosa, que se ha de inaugurar no Collegio de Santa Joanna Princeza (antigo convento de Jesus) no dia 22 de agosto.

1.º Ourivesaria:—Metaes preciosos, joias—Alfaias do culto—Custodias, calices, cruzes d'altares, procissionaes e peitoraes, pyxides, galhetas, thuribulos, navetas, sacras, porta-pazes, castiçaes, campainhas, corôas, resplandores, lampadas, relicarios, baculos, jarros, salvas, gomis, bacias, etc.

2.º Obras de metaes não preciosos:—Obras de serralheria—Fechaduras, aldravas, chaves, etc. Bronzeria e obras de outras ligas metallicas—Bacias, castiçães, campainhas, galhetas, picheis, etc.

3.º Tecidos e bordados: — Paramentos e alfaias do culto—Paramentos de brocado, lhama ou seda notaveis pela especialidade do estofo e pela bordadura ou antiguidade, casulas, dalmaticas, pluviaes, véus d'hombros, véus de calix, frontaes, pavilhões de sacrarios, vestidos de imagens, colchas, etc.

4.º Mobilia:—Moveis proprios do culto—Sacrarios, credencias, estantes do côro, retabulos, etc.

5.º Esculptura decorativa:—Estatuetas, baixos relevos, imagens de santos, figuras de presepes—em marmore, em marfim, em barro, em madeira e em cêra.

6.º Ceramica, vidros e esmaltes.

4—Calix de prata dourada com quatro tintinabulos pendentes da copa. Seculo XVI.
Junta de parochia de Cacia.

5—Custodia de prata dourada. Compõe-se de duas partes podendo servir a inferior de calix; lavores em forte relevo; a parte superior é formada por quatro columnas estriadas, estylo renascença, no meio das quaes está o relicario; remate, pequena cupula com a imagem de Christo ressuscitado. Tem dois pingentes de crystal, além do logar para dois que faltam. Altura 0^{m},68.
Junta de parochia de S. Thyago de Riba Ul—Oliveira d'Azemeis.

6—Custodia de prata dourada. O relicario está collocado entre dois pequenos feixes de pilares, coroados por corucheus, que servem d'apoio a um baldaquino rematado por uma cruz; na haste gravados de cercadilho cabeças de cherubins e de satyros, e na base, que é dividida em oito gomos, pequenos ramos de flôres. Altura 0^{m},50.—Seculo XVI.
Junta de parochia da freguezia de Pecegueiro—Sever do Vouga.

7—Custodia de prata dourada, ornato de cercadilho; do relicario pendem dois tentinabulos; na base, tem gravados uma cruz e um calix. Altura 0^{m},40. Seculo XVI.
Junta de parochia de Villarinho do Bairro—Anadia.

8—Custodia de prata dourada. Altura 0^{m},62. O relicario cercado de raios está debaixo d'uma cupula com a imagem de Christo ressuscitado, a que servem de apoio quatro columnas, estylo renascença; ornamentação de folhagem e cabeças de serafins em forte relevo; da copa e entabolamento das columnas pendem oito tintinabulos.
Junta de parochia de Cedrim—Sever do Vouga.

9—Custodia de prata dourada. Altura 0^{m},80. O relicario cercado de raios está no meio d'um grande resplendor de estrellas rematado pela imagem do Salvador. O re-

licario assenta sobre uma especie d'urna de que pendem pingentes de crystal. Sobre a urna estão quatro anjos em adoração. O nó hexagonal é formado por pequenos paineis com seis nichos em que se vêm cabeças de serafins, separados uns dos outros por columnelos cuja base assenta sobre a cabeça de satyros. A superficie é ornada de ramagens e cabeças de cherubins e tem gravado um brazão rematado por um chapeu abbacial.

Junta de parochia d'Ilhavo.

10—Custodia de prata dourada. Altura 0m,70. O ediculo, ornamentado de nuvens, é cercado de raios. A haste e nó são adornados de cabeças de serafins. Seculo XVIII.

Irmandade do Santissimo Sacramento de parochia de Oliveira d'Azemeis.

11—Custodia de prata dourada Altura 0m,75. O relicario cercado de raios é ornado de pedras.

Irmandade do Senhor Jesus do Bemdicto.

12—Custodia de prata dourada. Altura 0m,58. O relicario que é quadrado está entre quatro columnas sobre que assenta uma cupula rematada por uma cruz. Tem dois tintinabulos; a copa é lisa e a base ornada de lavor de cardilho.

Junta de parochia de Roccas—Sever do Vouga.

13—Cruz procissional de prata. As extremidades dos braços e haste superior terminam em gomos semicirculares. A haste descança sobre uma base hexagona, de que pendem seis tintinabulos. Altura 1m,10.

Junta de parochia de S. Pedro das Aradas.

14—Cruz procissional de prata. Altura 1m,10. Largura 0m,45. As extremidades dos braços e superior da haste terminam em gomos semicirculares. A ornamentação é de cercadilho; tem por orla um estreito rendilhado. Da base batida a martello, pendem quatro tintinabulos. Seculo XVII.

Junta de parochia de Roccas.

15—Cruz procissional de prata. Altura 1^{m},16. As extremidades dos braços e haste superior terminam em gomos semicirculares, tendo ao centro uma cabeça de serafim alada. A haste descança sobre uma base guarnecida de seis columnas de que pendem tintinabulos.
Junta de parochia da Vacariça—Mealhada.

16—Imagem da Virgem do Rosario com o menino nos braços, cercada por um resplendor, sobre uma peanha de prata dourada; mãos e rosto pintados.
Irmandade de Nossa Senhora do Rosario de Esgueira.

17—Cruz procissional de prata. Altura 1^{m},85.
Junta de parochia de S. João de Loure.

18—Cofre de prata branca e dourada. Assenta sobre quatro cabeças de cherubins. Comprimento 0^{m},185. Seculo XVII.
Santa Casa da Misericordia de Aveiro.

19—Cofre de prata com lavores e pedras encarnadas. Comprimento 0^{m}, 18, altura 0^{m},16. Seculo XVIII.
Sr. Visconde de Valdemouro.

20—Duas lanternas procissionaes de prata.
Junta de parochia de S. João de Loure.

21—Colar de prata ornado de diamantes.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

22—Cofre relicario de prata e crystal, rematado pelo brazão das armas reaes portuguezas, segundo o estylo do reinado de D. Pedro II. Contém parte do habito, rosario e outras peças do vestuario da Princeza Santa Joanna e usadas por ella na occasião do seu fallecimento, em 1490.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

23—Relicario circular de crystal e prata, rematado por uma cruz. Encerra uma pequena madeixa dos loiros cabellos da Princeza Santa Joanna.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

24—Pyxide de prata dourada. Ornamentação de arabescos. Tem na copa espigas, cachos, a arca da aliança, o pelicano, o cordeiro e a phenix. A tampa é encimada por uma cruz. Seculo XVII.
Junta de parochia de S. João de Loure—Albergaria a Velha.

25—Medalhão relicario de suspender ao pescoço, de prata batida. Um vidro encerra um pequeno fragmento da cruz de Christo, cercado por uma grinalda de flôres em prata.

Junta de parochia de S. João de Loure—Albergaria a Velha.

26—Salva de prata com pé.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz,

27—Jarro de prata. Estylo Luiz XV.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

28—Bacia correspondente ao jarro.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

29—Grande bandeja de prata. Tem ao centro um brazão d'armas gravado.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

30—Dois vasos de prata, tendo na frente em alto relevo um cordeiro, segurando uma bandeira.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

31—Grande corôa, aberta, de prata, destinada a uma imagem.
Extincta mitra de Aveiro.

32—Quatro candelabros de prata. Altura $0^{m},57$.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

33—Adreço de prata com amethystas e diamantes, formado de broche e brincos.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

34—Par de galhetas de crystal e prata com prato correspondente de prata dourada. Altura 0^{m},20.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

35—Par de brincos de prata com diamantes.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

36—Relicario de prata com um medalhão ao centro de filagrana. Altura 0^{m},29.
Junta de parochia d'Albergaria.

37—Tres cravos grandes de prata, com as cabeças ornadas de pedras roxas.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

38—Imagem da Virgem com o Menino nos braços, de prata levantada e cinzelada. Altura 0^{m},40. Seculo XVIII.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

39—Medalha de filagrana de oiro, com a cruz de Christo esmaltada nas duas faces. Altura 0^{m},055.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

40—Quatro vasos de prata lisa com uma grinalda junto ao bocal, cinzelada.
Real Irmandade de Santa Joanna.

41—Quatro vasos de prata batida a martello. Junto á bocca tem uma corôa de espinhos gravada.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

42—Garrafa de prata inteiramente coberta de finissimos lavores, representando ramagem, aves e flôres. Altura 0^{m},11.
Sr. Visconde de Valdemouro.

43—Pyxide de prata; a copa é ornada de cabeças de cherubins, espigas de trigo e cachos d'uvas.
Junta de parochia da freguezia de Roccas—Sever.

44—Dois relicarios de prata. Altura 0^{m},25.
Extincta mitra de Aveiro.

45—Rosario de filagrana de oiro com cruz e pingente da mesma filagrana e fios de perolas, pendentes d'este ultimo.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

46—Peanha de prata pertencente a uma cruz.
Extincta mitra de Aveiro.

47—Cruz procissional de prata. Altura 1^{m},10.
Junta de parochia da Palhaça.

48—Calix de prata dourada. Na copa tem pequenos medalhões com os emblemas da Paixão.
Extincta mitra de Aveiro.

49—Baculo de prata dourada.
Extincta mitra de Aveiro.

50—Cruz de crystal e oiro.
Extincta mitra de Aveiro.

51—Pequena pia de agua benta, de prata.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

52—Relicario de prata rebatida.
Sr. Manoel Antonio Loureiro de Mesquita.

II

Tecidos e bordados

53—Casula de veludo carmesim alcachofrado de oiro com sabastos n'uma e n'outra facha, bordados a fio de oiro e seda de varias côres, em alto relevo, divididos em nichos de estylo gothico florido, com as imagens do Salvador, S. João Evangelista, Santo André, S. Thyago e S. Paulo. Seculo XVI.

Junta de parochia d'Albergaria.

54—Frontal de seda branca tecida a prata com dois paneis divididos por uma facha de veludo carmesim, tendo bordado cada um d'elles um vaso com flôres. De um e outro lado do vaso um leão coroado. Fachas de veludo carmesim bordado a fio de oiro e prata em alto relevo carcam-n'o por tres lados. No centro da facha superior um medalhão de latão prateado com raios, symbolisando o sol n'um circulo de pedras falsas. Seculo XVI.

Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

55—Frontal de brocado com fachas de tissu bordado a oiro em alto relevo. No centro da facha superior um medalhão com um cordeiro bordado a perolas. Seculo XVI.

Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

56—Frontal de brocado com fadas inteiramente cobertas de bordados a seda frouxa e oiro, representando aves e flôres symbolicas—trabalho indiano. Seculo XVI.

Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

57—Frontal de brocado com fachas de veludo carmesim bordado a fio de oiro em alto relevo; na facha superior sob fundo azul uma aguia coroada segurando no bico um cesto, aos lados uma estrella e um crescente bordado a fio de prata e lentejoulas. Seculo XVI.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

58—Frontal de tissu encarnado com ramagens tecidas a ouro, e fachas de veludo carmesim bordadas a fio de oiro em alto relevo. No meio da facha superior as iniciaes I. H. S. Seculo XVI.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

59—Frontal de talagarça de linho todo bordado a seda de côres.
Sr. Manoel de Mello Freitas.

60—Capa d'asperges de brocado com sabastos de veludo carmesim com bordados de applicação. No dorsal a imagem da Virgem bordada a fio d'oiro e seda. Seculo XVII.
Junta de parochia da freguezia de Nossa Senhora da Gloria.

61—Casula de setim branco bordada a seda frouxa e oiro.
Capella das Almas (Bussaco).

62—Dalmatica de veludo carmesim com bordados de applicação. Seculo XVII.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

63—Quatro reposteiros de brocado amarello e carmesim.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

64—Casula de lhama branca bordada profusamente a oiro.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

65—Frontal de tecido de ouro com ramagem de veludo em relevo.
Junta de parochia da freguezia da Gloria.

66—Vestido de imagem, de rendas de prata e oiro.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

67—Casula de seda, côr de rosa, com fachas de seda acinsentada, com bordados de applicação.
Sr. Bernardino Maximo d'Albuquerque.

68—Frontal de brocado encarnado com fachas de veludo carmesim com bordados de applicação. Seculo XVII.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

69—Mitra abbadecial de lhama branca bordada a fio de oiro e prata em alto relevo, tendo d'um lado as armas reaes portuguezas e d'outro um brazão. Seculo XVI.
Real Irmandade de Santa Mafalda—Arouca.

70—Quadro bordado a matiz representando a Virgem, S. José e o Menino.
Sr. Luiz da Silva Mello Guimarães.

71—Capa d'asperges de veludo carmesim com o dorsal e sabastos de ramagem de veludo, sobre fundo de brocado de oiro.
Junta de parochia de Albergaria a Velha.

72—Capa d'asperges de setim branco bordado a seda frouxa e oiro.
Capella das Almas (Bussaco).

73—Veu d'hombros de setim branco bordado a seda frouxa e oiro.
Capella das Almas (Bussaco).

74—Veu de calix de lhama encarnada bordada a oiro; ao centro, entre raios e outros ornatos, as iniciaes I. H. S.
Extincta mitra de Aveiro.

75—Casula de tissu encarnado, bordada profusamente a oiro, tendo ao fundo da facha central um brazão episcopal bordado a fio de oiro, prata e torçal.
Extincta mitra de Aveiro.

76—Mitra de lhama branca bordada a fio de oiro com pedras de côres.
Extincta mitra de Aveiro.

77—Pluvial de tissu encarnado com o dorsal e sabastos bordados a oiro. Nas extremidades um brazão rematado por o chapeu episcopal.
Extincta mitra de Aveiro.

78—Capa d'asperges de lhama roxa com o dorsal e sabastos bordados profusamente a oiro. Nas extremidades um brazão episcopal.
Irmandade dos Passos.

79—Casula de seda branca bordada a oiro.
Extincta mitra d'Aveiro.

80—Casula de veludo carmesim com ramagens tecidas a oiro.
Extincta mitra de Aveiro.

81—Colcha de setim branco bordada a seda azul, dois tons.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

82—Colcha de setim azul ferrete bordado a matiz.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

83—Veu de calix de seda encarnada bordado a seda frouxa e perolas; ao centro o Cordeiro Paschal e em volta uma inscripção latina.
Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda—Arouca.

84—Panno de pulpito de lhama branca bordado a oiro.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

85—Duas dalmaticas de lhama branca profusamente bordadas a oiro.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

86—Capa d'asperges de lhama branca bordada profusamente a oiro.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

87—Gremial de lhama branca bordada profusamente a oiro; ao centro a Cruz dominica.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

88—Veu de calix de lhama de prata encanastrada com ramos bordados a fio de oiro, palheta e lentejoulas, tendo uma orla de folhagens e flôres, e um vaso a cada canto.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza, de Aveiro.

89—Bolsa de corporaes de lhama de prata encanastrada, com estreita orla bordada a fio de oiro e ao centro o Cordeiro bordado a perolas.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

90—Capa da imagem do Senhor Ecce-Homo de veludo carmesim bordado a oiro.
Santa Casa da Misericordia de Aveiro.

91—Pavilhão de sacrario de lhama branca bordado a oiro.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

92—Pavilhão de pyxede de lhama branca bordada a oiro.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

93—Duas cortinas de seda branca com ramagens tecida a oiro e seda de varias côres com renda de oiro.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

94—Véu de hombros de talagarça de seda com ramagem tecida a oiro.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

95—Um frontal de lhama branca profusamente bordado a oiro.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

96—Duas cortinas de setim encarnado, tendo uma orla bordada a oiro e ao centro bordada a seda frouxa uma cruz, um cilicio e a urna dos perfumes.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

97—Bandeira de damasco branco agaloado e franjado de oiro, tendo ao centro as armas da Real Irmandade de Santa Joanna Princeza, bordadas a fio de oiro em alto relevo.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

98—Veu d'hombros de damasco carmesim com ramagem tecida a oiro.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

99—Palio de oito varas, de lhama branca profusamente bordada a oiro.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

100—Colcha de seda crúa bordada a matiz e fio de oiro, com aves, animaes, etc. Trabalho oriental.
Sr. Manoel de Mello Freitas.

101—Colcha de seda crúa, etc. Trabalho oriental.
Sr. Manoel de Mello Freitas.

102—Colcha de setim branco bordada a matiz.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

103—Veu d'hombros de setim branco bordado a oiro.
Irmandade do Santissimo Sacramento da freguezia de Nossa Senhora da Gloria.

104—Manto de imagem de seda azul bordada a seda frouxa. Nas extremidades uma vista da antiga capella da Senhora de Vagos, hoje demolida.
Junta de parochia de Vagos.

III

Metaes não preciosos

105—Campainha de bronze com ornatos em meio relevo representando um homem tocando rebeca, ursos e coelhos dançando. Tem a data de 1553. Cabo de ferro batido. Altura $0^{m},17$.
Misericordia de Arouca.

106—Duas chaves de bronze dourado. Comprimento $0^{m},17$.
Extincta mitra de Aveiro.

107—Serpentina de cobre esmaltado, para cinco lumes. Altura $0^{m},34$.
Sr. Luiz da Silva Mello Guimarães.

108—Porta-paz de bronze dourado e esmaltado. Tem ao centro a imagem do Ecce-Homo. Altura $0^{m},8$.
Santa Casa da Misericordia de Aveiro.

109—Dois castiçaes e uma cruz d'altar, de estanho.
Marques Gomes.

110—Dois castiçaes de banqueta, de estanho.
Egreja de S. João Evangelista (Carmelitas).

111—Jarro e bacia correspondente, de estanho.
Egreja de S. João Evangelista (Carmelitas).

112—Quatro grandes ambulas para os Santos Oleos, de estanho.
Extincta mitra de Aveiro.

113—Pichel e prato, de estanho.
Sr. Joaquim de Mello Freitas.

114—Quatro castiçaes de cobre.
Junta de parochia da Vera-Cruz.

115—Grande copo do commungatorio, de estanho.
Junta de parochia de Albergaria a Velha.

116—Par de galhetas e prato correspondente, de estanho.
Junta de parochia da Vera-Cruz.

117—Jarro e bacia de estanho. A asa do jarro é formada por uma esphinge.
Marques Gomes.

118—Prato de metal tendo um medalhão ao centro representando Adão e Eva no Paraizo; em volta uma inscripção em caracteres gothicos.
Junta de parochia de Macinhata do Vouga.

119—Prato de latão tendo ao centro uma alvarrada. Seculo XVI.
Junta de parochia da Vaccariça—Mealhada.

120—Prato de latão com um baixo relevo ao centro representando dois homens levando um grande cacho de uvas. Seculo XVI.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

121—Prato de latão tendo ao centro a imagem da Virgem no meio d'uma irradiação e, em volta uma inscripção latina.

122—Lampada de bronze lavrado suspensa de cadeias que prendem em cabeças de serafins aladados.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

IV

Mobilia

123—Duas credencias de madeira entalhada e dourada.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

124—Dois castiçaes de banqueta de madeira entalhada e dourada. Altura 0m,97.
Extincta mitra de Aveiro.

125—Cirio paschal de madeira pintada e dourada; estylo renascença.
Junta de parochia de Nossa Senhora da Gloria.

126—Dois plynthos triangulares de carvalho com ornatos de talha. Altura 0m,96.
Sr. Jayme de Magalhães Lima.

127—Dois castiçaes de banqueta de talha dourada. Altura 0m,47.
Collegio de Santa Joanna Princeza.

128—Estante de côro, de pau santo. Com embutidos e a data de 1634.
Collegio de Santa Joanna Princeza.

129—Moldura em carvalho com ornamentação de aves, flôres e serafins.
Marques Gomes.

130—Credencia de madeira entalhada e dourada.
Extincta mitra de Aveiro.

131—Dois mochos de nogueira com assento forrado de risso encarnado; grandes prégos de bronze dourado.
Junta de parochia da Vera-Cruz.

132—Dois mochos de pau santo com assentos forrados de risso encarnado.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

133—Quatro mochos de pau santo com assentos forrados de veludo carmesim; grandes pregos dourados.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

134—Oratorio e credencia correspondente de madeira entalhada, pintada e dourada.
Collegio de Santa Joanna Princeza.

135—Dois bufetes pequenos de pau santo.
Collegio de Santa Joanna Princeza.

136—Grande bufete de pau santo com pés e travessas torneadas em aspiral; ornamentado nas quatro faces; guarnições de bronze.
Sr. Eugenio d'Albuquerque Sanches da Gama.

137—Tres grandes bufetes de pau santo com os pés e travessas torcidas em aspiral.
Collegio de Santa Joanna Princeza.

138—Dois mochos de madeira pintada, tendo um, em uma das faces as armas do primeiro bispo de Aveiro D. Antonio Freire Gameiro de Sousa, e o outro, as do segundo bispo D. Antonio José Cordeiro.
Extincta mitra de Aveiro.

139—Duas molduras de madeira entalhada, contendo gravuras, representando uma a Virgem, e outra Santa Joanna Princeza em trajos de côrte.
Marques Gomes.

140—Moldura oval de madeira entalhada com um pequeno Christo e cruz de marfim.
Marques Gomes.

141—Quatro misulas de madeira entalhada.
Marques Gomes.

142—Quatro misulas em carvalho de obra de talha representando cabeças de serafins.
Marques Gomes.

143—Duas cadeiras de nogueira, com assento e costas de couro lavrado; pregaria miuda. No espaldar as armas da Ordem de S. Domingos.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

144—Taboleiro rectangular de madeira. Tem ao centro um medalhão com aguia do imperio germanico.

145—Cadeira abbadacial de pau santo, assento e costas de velludo carmesim e pregaria dourada.
Collegio de Santa Joanna Princeza.

146—Credencia de talha dourada.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

147—Credencia e oratorio de madeira com talha dourada.
Collegio de Santa Joanna Princeza.

148—Sete molduras de madeira entalhada e dourada com pinturas em pergaminho.
Collegio de Santa Joanna Princeza.

149—Uma credencia de talha pintada.
Egreja de S. João Evangelista (Carmelitas).

150—Par de castiçaes de madeira entalhada. Altura $0^{m},35$.
Sr. Luiz da Silva Mello Guimarães.

151—Relicario de talha dourada.
Santa Casa da Misericordia de Aveiro.

152—Credencia de talha dourada; a cada canto uma caritide; ao centro, dois anjos sustêm o brazão dos Carmelitas.
Irmandade dos Passos.

153—Nove molduras de carvalho com talha muito levantada. Typos differentes e execução aprimorada.
Sr. Manoel Luiz Mendes Leite.

154—Moldura com talha relevada de castanho; serve de caixilho ao medalhão oval de porcelana de Wedgwood com uma alegoria em meio relevo branco sobre fundo azul.
Sr. Manoel Luiz Mendes Leite.

155—Duas columnas salomonicas de carvalho.
Sr. Manoel de Mello Freitas.

156—Duas columnas pequenas de carvalho com alguma obra de talha.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

157—Oratorio de talha dourada.
Collegio de Santa Joanna Princeza.

158—Cadeira parochial de nogueira, com assento e costas de couro lavrado. No espaldar a cruz de Aviz.
Junta de parochia da Vera-Cruz.

V

Esculptura decorativa

159—Imagem do Senhor Ecce-Homo em madeira. Tamanho natural. Bella esculptura Seculo XVI.
Santa Casa da Misericordia d'Aveiro.

160—Duas estatuetas em madeira representando S. João Evangelista e Nossa Senhora. Altura 0m,46.
Sr. Antonio Carlos da Silva Mello Guimarães.

161—Imagem de Santa Maria Magdalena, em barro vermelho, na sua côr. Os cabellos cobrem-lhe o busto seminú. O braço e mão direita pousam sobre um craneo. Altura 0m,27.
Sr. José Antonio Marques.

162—Grupo representando S. João sentado debaixo d'uma arvore, offerecendo agua por um covilhete a um cordeiro que tem ao lado. Barro vermelho pintado a oleo. Altura 0m,46.
Sr. José Antonio Marques.

163—Imagem de S. Francisco de Paula em barro vermelho pintado a oleo. Altura 0m,55.
Sr. José Antonio Marques.

164—Grupo de tres estatuetas em marfim, representando a Virgem, S. José e o Menino fugindo para o Egypto. Altura 0m,18.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

165—Imagem da Virgem da Conceição. Madeira pintada e dourada. Altura 0m,30.
Ordem Terceira de S. Francisco.

166—Baixo relevo em jaspe; a entrada de Jesus em Jerusalem. Moldura de madeira entalhada. Altura 0m,14—largura 0m,9.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

167—Imagem de S. João Evangelista, em barro vermelho, pintado e dourado. Altura 0m,74.
Junta de parochia da Vera-Cruz.

168—Estatueta em marfim, representando S. João sentado sobre o plyntho em que se vê uma fonte, carneiros bebendo, aves. Altura 0m,15.
Sr.ª D. Mathilde Marques Gomes.

169—Dois baixos relevos em madeira, representando os desposorios da Virgem e S. José. Moldura entalhada.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

170—Imagem de S. Jeronymo, em barro vermelho, pintado.
Sr.ª Julia da Graça.

171—O descimento da cruz. Sobre uma pequena montanha tres cruzes, na do centro Christo despregado, envolto n'um lençol e amparado por S. João Evangelista e Nicodemos; sobre escadas dois homens inclinados sobre os braços da cruz seguram toalhas de que está suspenso o cadaver de Christo; em baixo a Virgem, a Magdalena, as santas mulheres e alguns soldados da guarda pretoriana, tudo em barro vermelho pintado.
Sr. José Bernardes da Cruz.

172—Grupo em jaspe composto das imagens da Virgem da Conceição, sobre um plintho na parte superior; em baixo a de S. Miguel calcando o demonio, e de quatro estatuetas symbolisando a Europa, a Asia, a Africa e a America.
Marques Gomes.

173—Grande cruxifico em marfim; cruz e peanha de pau santo com ornatos de prata lavrada. Altura do Christo da cabeça aos pés $0^{m},93$.
Sr. Duarte Ferreira Pinto Basto.

174—Dois baixos relevos compostos de varias peças em barro vermelho, representando um, o Nascimento de Christo, e outro a Adoração dos pastores.
Collegio de Santa Joanna Princeza.

175—Baixo relevo em madeira dourada, representando Santa Clara.
Ordem Terceira de S. Francisco.

176—Pentecostes. Baixo relevo em madeira. Ao centro a Virgem sentada em oração; de um e outro lado os Apostolos. Altura $1^{m},25$—largura $2^{m},20$.
Junta de parochia da freguezia de Nossa Senhora da Gloria.

177—Crucifixo em marfim; cruz forrada de tartaruga com incrustações de madreperola; peanha de madeira entalhada.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

178—Imagem de Santa Joanna, vestida com o habito da ordem dominica, de setim preto e branco bordado profusamente a oiro.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

179—Imagem de S. Domingos vestido com o habito da sua ordem, de setim branco e preto profusamente bordado a oiro.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

180—Imagem de Christo crucificado, em marfim; cruz e peanha de pau santo; ornatos de prata. Altura $0^{m},21$.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

181—Estatueta em madeira pintada e dourada, representando S. Miguel. Altura 1^{m}.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

182—Estatueta em pedra, representando Nossa Senhora com o Menino; assenta sobre uma base ornamentada de nuvens e cabeças de serafins. Altura 0m,94.
Irmandade dos Passos.

183—Baixo relevo em marfim. O Padre Eterno (meia figura) com a mão esquerda sustenta um globo encimado por uma cruz e com a direita abençoa; sobre o peito o symbolo do Espirito Santo. Altura 0m,4.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

184—Estatueta em madeira, representando o Menino Jesus sentado sobre um tamborete; peanha de talha dourada. Altura do Menino 0m,24.
Sr. João Salgado.

185—Estatueta em barro vermelho pintado, representando a Virgem da Conceição. Altura 0m,18.
Marques Gomes.

186—Imagem de Christo crucificado. Altura 0m,40. E' tradição haver pertencido á Princeza Santa Joanna.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

187—Visitação da Virgem; baixo relevo, em madeira pintada a côres.
Camara Municipal de Aveiro.

188—Presepio, contendo vinte e duas estatuetas em barro vermelho, pintado, representando a Virgem, S. José, o Menino, anjos e pastores. Altura maxima de cada uma das figuras 0m,17, minima 0m,6.

189—Dois grupos em barro vermelho pintado, representando pastores, uns na attitude de orar e outros offertando fructas, aves e outros animaes. Altura 0m,27.
Sr.ª Rosa Gamellas.

190—Imagem de Christo crucificado, de madeira; cruz de pau santo com ornatos de prata.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

191—Estatueta em madeira pintada e dourada, representando S. Raphael. Altura 1m,10.

192—Crucifixo de azeviche; a imagem é de marfim. Altura 0m,38.
Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda—Arouca.

193—Baixo relevo em alabastro, representando a Trindade. Seculo XV. Altura 0m,49—largura 0m,28.
Junta de parochia de Cedrim—Sever do Vouga.

194—Duas estatuetas em barro vermelho, pintado, representando a Virgem e S. José em adoração. Altura 0m,19.
Sr.ª Maria Rosa dos Reis.

195—Estatueta em barro vermelho pintado, representando um pastor tocando n'uma gaita de foles.
Sr.ª Rosa Gamellas.

196—Figura em barro, representando um velho muito corcovado levando ás costas uma restea de cebolas.
Sr.ª Rosa Gamellas.

197—Estatueta de porcelana da Vista Alegre, representando S. Fernando, rei de Castella. Altura 0m,34.
Real Fabrica da Vista Alegre.

198—Estatueta de pedra pintada mutilada, representando a Virgem com o Menino ao collo; esculptura bastante tosca. Altura 0m,58.
Sr. Duarte Ferreira Pinto Basto.

199—Crucifixo em marfim; cruz de pau santo com ornatos de talha dourada. Altura do Christo 0m,45.
Sr. Manoel de Mello Freitas.

200—Estatueta de pedra pintada, representando a Trindade. Altura 0m,75. Seculo XVI.
Sr. Duarte Ferreira Pinto Basto.

201—Dois capiteis corynthios; calcareo d'Ançã.
Sr. Duarte Ferreira Pinto Basto.

202—Pequeno crucifixo de marfim. Altura 0m,11.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

203—Estatueta em barro vermelho, pintado, representando S. João vestido de pelles. Tem ao lado o cordeiro. Altura 0m,63.
Asylo Escola—Secção José Estevão.

204—Baixo relevo em marfim, representando a Magdalena abraçada á cruz e aos lados S. João Evangelista e a Virgem. Altura 0m,9.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

205—Estatueta em marfim, representando S. João. Semelhante ao n.º 168. Altura 0m,14.
Sr. David da Silva Mello Guimarães.

206—Castiçaes de barro vermelho pintado, formados por duas figuras de mulher com cornucopias. Altura 0m,46.
Sr. José Maria da Naia.

207—Imagem de Christo cruxificado; cruz de pau santo com ornatos de prata.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

208—Estatueta de barro vermelho pintado, representando Santa Maria Magdalena. Altura 0m,16.
Sr. Luiz da Silva Mello Guimarães.

209—Estatueta de barro vermelho, representando Santa Quiteria. Altura 0m,36.

210—Grupo em barro vermelho, pintado, representando o Menino deitado sobre as palhas d'um estabulo, a Virgem e S. José de joelhos, em acto de adoração. Altura 0m,34.
Sr. Manoel Ferreira Pinto de Sousa.

211—Estatueta em barro, representando S. Sebastião preso a um tronco d'arvore. Altura 0m,15.
Sr. José Luiz Bernardes.

212—Grupo em barro vermelho pintado e dourado, representando a morte de Santa Joanna Princeza. No primeiro plano, a Santa deitada sobre um pequeno catre e ao lado duas religiosas dominicas chorando; no segundo plano sobre um plintho Jesus Christo abraçado á cruz, no meio de nuvens e, cercado de serafins com a esponja, as disciplinas, os cravos e a corôa de espinhos. Resguarda-o uma redoma, sobre que assenta uma pequena cupula dourada, com as armas do primeiro bispo de Aveiro, D. Antonio Freire Gameiro de Sousa, a quem pertenceu. Altura 0m,42.
Extincta mitra de Aveiro.

213—Sacra de barro vermelho, tendo ao centro em meio relevo um medalhão com a imagem do Ecce-Homo. Altura 0m,24—largura 0m,16.

214—Medalhão octogono em barro pintado com moldura em madeira, representando a Virgem, S. José e o Menino; na parte superior o symbolo do Espirito Santo, tendo por baixo uma corôa de espinhos. Altura 0 ,22 —largura 0m,18.
Sr. Manoel de Mello Freitas.

215—Medalhão octogono em barro pintado com moldura de madeira, representando Santo Antonio de joelhos e tendo na mão esquerda um ramo de açucenas; na parte superior o Menino descendo n'uma nuvem. Altura 0m,22—largura 0m,18.
Sr. Manoel de Mello Freitas.

216—Estatueta em barro vermelho pintado, representando Santo Antonio; sobre um livro que, tem aberto na mão esquerda a imagem do Menino. Altura 0m,58.
Sr. José Bernardes da Cruz.

217—Baixo relevo em barro vermelho; na parte inferior o purgatorio cheio d'almas; ao centro do lado direito S. Francisco estendendo o cordão a uma d'essas almas que ergue para elle mãos supplicantes; na parte superior Jesus Christo crucificado.
Marques Gomes.

218—Estatueta em barro vermelho pintado e dourado, representando Santa Maria Magdalena de joelhos, tendo a cabeça levantada com expressão de dôr. Altura 0m,51.
Junta de parochia da Vera-Cruz.

219—Duas estatuetas em barro vermelho pintado e dourado, representando S. Pedro e Santa Maria Magdalena. Altura 0m,13.
Sr.ª Genoveva dos Reis.

220—Contra molde em barro vermelho do baixo relevo acima descripto. Tem gravada esta inscripção; «Feita aos 23 d'agosto de 1766 —Gaspar».
Sr. José Antonio Marques.

221—Baixo relevo em barro vermelho, pintado. No plano inferior o purgatorio, na parte superior a Virgem com o Menino distribuindo rosarios. Altura 0m,35—largura 0m,26.
Junta de parochia da Vera-Cruz.

222—Estatueta de barro vermelho pintado, representando S. João sentado debaixo d'uma arvore. Altura 0m,28.
Sr. Manoel Amaro de Carvalho.

223—Duas estatuetas de barro vermelho pintado e dourado, representando a Virgem e S. José em adoração. Altura 0m,19.
Sr.ª Rosa Gamellas.

224—Estatueta em barro vermelho pintado, representando a Virgem da Conceição. Altura 0m,31.
Sr.ª Rosa Gamellas.

225—Estatueta em barro pintado e dourado, representando a Virgem com o Menino. Altura 0m,35.
Sr. Manoel de Mello Freitas.

226—Grupo em barro vermelho pintado e dourado, representando a Virgem amparada por as Santas Mulheres. Altura 0m,73.
Junta de parochia da Vera-Cruz.

227—Estatueta em barro vermelho pintado e dourado, representando S. João Evangelista. Altura 0m,70.
Junta de parochia da Vera-Cruz.

228—Grupo em barro vermelho pintado e dourado, representando a sagrada familia. Sentada n'uma cadeira de espaldar com pregaria dourada Santa Anna, tendo do lado direito a Virgem de joelhos na acção de lêr n'um livro que aquella tem aberto sobre os joelhos; do lado esquerdo, em pé, S. Joaquim.

229—Estatueta em barro vermelho pintado, representando S. Pedro com habitos pontificaes. Altura 0m,90.

230—Grande baixo relevo em barro vermelho, pintado. Ao centro a Imagem da Virgem n'uma gloria d'anjos. Em baixo no meio de chammas sete estatuetas representando almas penando e esta inscripção: «Joaquim Marques dos Santos fes ad obra. no mez de julho de 1782.» Altura 0m,90—largura 0m,55.
Junta de parochia da Vera-Cruz.

VI

Ceramica, vidros e esmaltes

231—Duas cabaças de porcelana, com ornatos azues sobre fundo branco, China.
Collegio de Santa Joanna Princeza.

232—Jarra de faiança azul sobre fundo branco; no bojo as armas da Ordem de S. Francisco.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

233—Jarro de faiança, pintura azul sobre fundo branco. D'um lado uma paysagem e do outro um ramo de flôres.
Junta de parochia da freguezia de Nossa Senhora da Gloria.

234—Azulejo, pintura sepia sobre fundo branco, representando Herodes debaixo de um docel e a filha de Herodiades. Maria Salomé, recebendo a cabeça de S. João Baptista, que, um rapaz traz sobre uma salva. Velho Delft. Moldura em madeira na sua côr.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

235—Placa de azulejo; moldura de madeira entalhada. Retrato do sr. Bispo Conde, D. Manoel de Bastos Pina (copia d'uma gravura). Fabrica da Fonte Nova—pintor José de Pinho.
Marques Gomes.

236—Peanha de imagem, de barro vermelho, pintado; imitação de talha. Altura $0^{m},14$—largura $0^{m},28$.
Ordem Terceira de S. Francisco.

237—Placa de azulejo; moldura de madeira na sua côr. Um cruzeiro na Serra de Estrella (copia d'uma gravura

do jornal o *Occidente*). Fabrica da Fonte Nova. Pintor José da Silva.
Marques Gomes.

238—Placa de azulejo com moldura de madeira na sua côr. Cruzeiro gothico em frente da antiga egreja de S. Domingos, em Aveiro (copia d'uma photographia). Fabrica da Fonte Nova—pintor José da Silva.
Marques Gomes.

239—Azulejo com moldura dourada; a Sagrada familia, de Rubens; (reproducção d'uma gravura de Lucas Worstermann). Fabrica da Fonte Nova, 1892. Pintor José de Pinho.
Sr. David da Silva Mello Guimarães.

240—Jarro de faiança pintado de azul e, bacia correspondente ao jarro.
Sr. Luiz da Silva Mello Guimarães.

241—Medalhão em azulejo com moldura em barro vermelho, representando o claustro de Cellas. Fabrica da Fonte Nova, 1893—pintor José de Pinho.
Marques Gomes.

242—Medalhão em azulejo com moldura de barro vermelho, representando um dos claustros do convento de Christo, em Thomar. Fabrica da Fonte Nova, 1893 — pintor José de Pinho.
Marques Gomes.

243—Jarra de faiança; pintura roxa sobre fundo branco.
Junta de parochia da Vera-Cruz.

244—Tres jarras; pintura amarello torrado, com medalhões brancos, d'um e outro lado com grupos de figuras sobre um fundo de paysagem. China. Altura 0m,23.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

245—Par de jarras em fórma de canudo, bocca larga, pintura azul, vermelha e amarella, com medalhões ao centro, representando grupos de figuras e paysagens. China. Altura 0m,14.
Collegio de Santa Joanna Princeza.

VII

Obras de tartaruga e incrustações

246—Estante de missal com primorosas incrustações de madreperola. Ao centro as iniciaes I. H. S. Trabalho oriental.
Junta de parochia de Barcouço—Mealhada.

247—Cofre de tartaruga com guarnições de prata.
Sr.ª D. Mathilde Marques Gomes.

248—Cruz com incrustações de madreperola. Altura 0m,21.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

249—Cofre de tartaruga com guarnições de prata.
Collegio de Santa Joanna Princeza.

250—Cruz de madeira com incrustações de madreperola. Altura 0m,23.
Marques Gomes.

251—Concha de madreperola coberta de gravados, representando a Adoração dos Magos. Altura 0m,15—largura 0m,16.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

252—Cofre forrado exteriormente de velludo carmezim com ornatos de prata. Na tampa que é abaulada, uma lisonja partida em pala e esta esquartelada, o primeiro quartel em branco e no segundo as quinas do Reino sem a orla dos castellos.
Collegio de Santa Joanna Princeza.

253—Cruz com incrustações de madreperola. Altura 0m,30.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

254—Prato de madeira, com a borda levantada e dividida em vinte e quatro gomos, inteiramente forrado de um e outro lado de pequenos fragmentos de madreperola, vidros de côr e pedras mais ou menos transparentes. Trabalho oriental. Diametro 0m,28.
Sr. José Reynaldo Rangel de Quadros Oudinot.

255—Medalhão com incrustações de madreperola, tendo ao centro em meio relevo, a imagem da Virgem da Conceição. Altura 0m,14—largura 0m,11.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

256—Dois rosarios com cruz de madreperola. Offerecidos pelo Papa Gregorio XVI a D. Miguel de Bragança e dados por este á sua antiga aia D. Francisca Vadre.
Marques Gomes.

257—Rosario e cruz respectiva com incrustações de madreperola.
D. Maria Julia de Mello Freitas.

VIII

Quadros a oleo e miniaturas

258—Retrato de Clemente XIV. Altura 0^{m},90—largura 0^{m},60. Extincta mitra de Aveiro.

259—S. Gregorio, papa. O santo de pluvial, com um livro aberto na mão, em acção de ler; á esquerda na parte superior, o symbolo do Espirito Santo. Altura 0^{m},10—largura 0^{m},70.
Sr. Manoel Luiz Mendes Leite.

260—Santo Antonio. O santo de joelhos recebe a benção do Menino que desce para elle no meio de nuvens e cercado de cherubins. Moldura de madeira pintada e dourada. Tela. Altura 0^{m},42—largura 0^{m},29.
Sr. Luiz da Silva Mello Guimarães.

261—Nossa Senhora da Piedade. Christo morto no collo da Virgem. Madeira. Altura 0^{m},50—largura 0^{m},40.
Sr.ª Rosa Gamellas.

262—A Sagrada Familia. Ao centro a Virgem sentada tendo sobre os joelhos uma peça de costura; á direita o Menino e S. João; ao fundo S. José cavacando uma tabua. Tela. Altura 1^{m}—largura 0^{m},70.
Sr. Manoel de Mello Freitas.

263—A Virgem e o Menino. A Virgem abraçando o Menino, que tem ao collo. Moldura um retabulo de madeira entalhada e dourada. Tela. Altura 0^{m},62—largura 0^{m},45.
Collegio de Santa Joanna Princeza.

264—Grupo de tres anjos; um tocando harpa, outro violino e o terceiro cantando. Tela. Altura 1m,55—largura 0m,75.
Sr. Manoel de Mello Freitas.

265—Grupo de anjos; um tocando guitarra e dois cantando, com livros abertos. Tela. Altura 1m,55—largura 0m,75.
Sr. Manoel de Mello Freitas.

266—Retrato do 1.º bispo de Aveiro D. Antonio Freire Gameiro Sousa. Sobre uma mesa a insignia doutoral da faculdade de leis na Universidade de Coimbra, onde foi cathedratico. Tela. Altura 0m,80—largura 0m,60.
Extincta mitra de Aveiro.

267—S. Filippe Nery. O santo de casula tem na mão esquerda um ramo de açucenas. Tela. Altura 0m,80—largura 0m,65.
Sr. Manoel de Mello Freitas.

268—A Santa Familia. Ao centro a Virgem sentada, com um livro n'uma das mãos; do lado direito Santa Anna offerecendo fructas ao Menino que, corre para ella. Cobre. Altura 0m,25—largura 0m,19.
Marques Gomes.

269—Claustro de S. Bento. Um longo corredor de convento abobadado, cheio de luz, com as paredes revestidas de quadros, e guarnecido de bancos de madeira; a distancia uns dos outros, tres religiosos. Tem a assignatura do Conde de Mello. Tela. Altura 0m,56—largura 0m,40.
Sr. Manoel Luiz Mendes Leite.

270—A Virgem, o Menino Jesus e S. José. Ao centro o Menino Jesus conduzido pela mão da Virgem que se apoia a um bordão e, pela de S. José que tem na mão esquerda um ramo de açucenas; ao fundo uma paysagem; na parte superior o Padre Eterno e o symbolo do Espirito Santo. Cobre. Altura 0m,18—largura 0m,15.
Sr. Manoel de Mello Freitas.

271—Adoração dos Reis. A' direita a Virgem sentada com o Menino no collo e junto d'esta S. José; diante da Virgem um dos reis de joelhos em acção de offerecer uma urna ao Menino; á esquerda outro rei com uma urna na mão e em baixo um pequenino pagem sobraçando um cofre; ao fundo gente da comitiva e uma paysagem. Cobre. Altura 0m,16—largura 0m,12.
Sr. Manoel de Mello Freitas.

272—O descimento da cruz. Ao centro Christo morto sustado por S. João Evangelista e Nicodemos; a Magdalena beija-lhe os pés; do lado direito a Virgem em pé. Vidro. Altura 0m,38—largura 0m,30.
Sr. Luiz da Silva Mello Guimarães.

273—Santa Joanna Princeza. Ao centro, a santa com os habitos de religiosa dominica. Em baixo no primeiro plano as armas de Portugal e, as de França. Seculo XVII. Moldura coeva. Altura 0m,19—largura 1m,14.
Collegio de Santa Joanna Princeza.

274—Tryptico. Tres apostolos. Quadro do centro S. Simão tendo na mão direita uma cruz e na esquerda um livro aberto. S. Thiago Menor, porta da direita; Judas Thadeu, porta da esquerda. No lado exterior das portas dois brazões com as armas dos Almeidas, Silvas e dos Noronhas (antigos condes de Villa Verde e marquezes de Angeja). Seculo XVI. Madeira. Altura 1m,18; aberto, largura 1m,48; fechado 0m,48.
Collegio de Santa Joanna Princeza.

275—S. Pedro. Representa o santo n'uma gruta em seguida ao haver negado o Mestre. Cobre. Altura 0m,75—largura 0m,15.
Collegio de Santa Joanna Princeza.

276—Santa Barbora. Ao centro d'uma grinalda de flôres a santa em trajes de princeza do seculo XVI, tendo na mão direita uma torre acastellada e na esquerda uma palma. Fundo uma paysagem. Moldura coeva. Cobre. Altura 0m,19—largura 0m,14.
Collegio de Santa Joanna Princeza.

277—Christo no Horto. No primeiro plano, lado direito, S. Pedro, S. João Evangelista e outro apostolo dormindo; ao centro Christo em oração defronte d'um anjo, abraçado a uma cruz que, lhe apresenta o calix; ao fundo, a distancia, Judas e, soldados com archotes. Cobre. Altura 0m,26—largura 0m,21.
Irmandade dos Passos.

278—Quatro quadros com molduras em vidro de Veneza, representando S. Pedro, Santa Maria Magdalena, S. João Baptista e Santa Catharina. Vidro. Altura 0m,35—largura 0m,28.
Collegio de Santa Joanna Princeza.

279—A Virgem da Conceição. Vidro. Altura 0m,31—largura 0m,24.
Sr.ª D. Anna Candida de Mello Freitas.

280—A flagelação de Christo. Madeira. Altura 0m,55—largura 0m,26.
Sr. Manoel de Mello Freitas.

281—S. Thiago. Ao centro d'uma arcaria gothica, o santo de bordão e chapeu em attitude de abençoar uma freira dominica, que, de joelhos e mãos postas está ao seu lado direito. Seculo XVI. Madeira. Altura 0m,1 — largura 0m,75.
Collegio de Santa Joanna Princeza.

282—Miniatura sobre marfim, representando S. Francisco de Paula.
Sr. Manoel de Mello Freitas.

283—Morte de S. Domingos. Ao centro, sobre uma enxerga S. Domingos com um crucifixo e as mãos cruzadas sobre o peito, expira; em volta grande numero de religiosas com cruz alçada, toxas acesas e livros abertos cantando o officio da agonia; ao lado esquerdo para além das arcarias do claustro um pedaço de céu, deixando vêr atravez das nuvens o santo a ser levado por dois anjos para a mansão celeste. Madeira. Altura 0m,24, largura 0m,57.
Collegio de Santa Joanna Princeza.

284—Dois quadros em vidro com moldura de madeira, representando o Ecce-Homo e S. José.
Sr. Manoel Ferreira Pinto de Sousa.

285—Santa Clara. Pintura em vidro; moldura de madeira. Altura 0m,37—largura 0m.29.
Sr. Manoel de Mello Freitas.

286—S. Sebastião. Do lado opposto o Enterro de Jesus. Cobre. Altura 0m.22—largura 0m,17.
Sr. José Antonio Marques.

287—Retrato de Jesus Christo (meia figura). Cobre. Altura 0m,29, largura 0m,23. Tem esta inscripção em caracteres dourados: «RETRATO. E IMAGEM. VERDADEIRA DE JESV. X. PÔ. SALVADOR E SNOR. NOSSO. O QVAL. FOI TIRADO DE AMIRALDA. POR. O. GRÃO TVRCO E MANDADO. DE. PRESENTE. AO PAPA. INNOCENTIO. V. I. I. I. PERA. EFFEITO. DE LLE. RESGATAR. HV. IRMÃO. QVE. TINHA. CATIVO.»
Irmandade dos Passos.

288—O Presepe. Do lado direito a Virgem sentada descobre o Menino deitado, que um grupo de anjos contempla. No lado fronteiro S. José. Moldura octogona de ebano com ornatos de cobre prateado. Cobre. Altura 0m,34—largura 0m,29.
Marques Gomes.

289—Duas portas d'armario axaroadas, sendo a parte interior de cada uma d'ellas dividida em dois quadros, representando scenas da Paixão.
Sr. Duarte Ferreira Pinto Basto.

290—Santo Antonio e o Menino Jesus. A' direita o santo de joelhos tendo diante de si um livro aberto, em acção de pegar no Menino que, salta para elle dos braços da Virgem que, n'uma nuvem desce do céu ao aposento do santo. Em baixo, á direita, um nobre em trajos do seculo XVII, de joelhos e mãos postas. Cobre. Altura 0m,37, largura 0m,28.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

291—Apresentação do Menino no Templo. Ao centro do quadro uma meza de marmore sobre que está o Menino em pé; á direita a Virgem de mãos postas e S. José offerecendo duas rolas; á esquerda o sacerdote Simeão de joelhos, e em plano mais afastado sobre uma especie d'altar um anjo de joelhos com uma vela acesa. Principios do seculo XVI. Madeira. Altura 0m,94, largura 0m,56.
Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda—Arouca.

292—Ecce Homo (meia figura). Cobre. Altura 0m,23, largura 0m,18.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

293—Miniatura em cobre representando a Virgem.
Sr. José Luiz Bernardes.

294—Adoração dos Santos Reis. A' direita os tres Santos Reis cada um com a sua urna com offertas, no primeiro plano um de joelhos offerece uma urna ao Menino que, está do lado opposto sobre os joelhos da Virgem; mais ao fundo S. José e o aprisco. Seculo XVI. Madeira. Altura 0m,86, largura 0m,68.
Collegio de Santa Joanna Princeza.

295—A Virgem e o Menino. A Virgem com o Menino nos braços, que, tendo na mão uma cruz, espeta a extremidade d'ella, uma lança, na cabeça da serpente que está sob os pés da Virgem. Cobre. Altura 0m,23, largura 0m,18.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

296—Santa Catharina. No centro d'uma silva de flôres a santa tendo na mão direita um punhal e na esquerda uma palma. Cobre. Altura 0m,21, largura 0m,16.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

297—Tarja de pergaminho fino, pintada, emoldurando um retrato em photographia do sr. Bispo Conde, tendo na parte superior, lado direito, o brazão episcopal, e do lado esquerdo o da cidade de Aveiro, com as côres proprias. Estylo Luiz XV. Silva Rocha. Altura 0m,33, largura 0m,28.
Marques Gomes.

298—S. Domingos de Soriano. Interior d'um templo; no primeiro plano a Virgem acompanhada de Santa Catharina e Santa Maria Magdalena, entregando ao beato fr. Lourenço de Groteria uma tela representando S. Domingos. Madeira. Altura 0^{m},23—largura 0^{m},41.
Collegio de Santa Joanna Princeza.

299—Refeitorio do convento de S. Xisto, em Roma. Uma meza em fórma de ferradura a que, estão sentados desoito religiosos. Dois anjos servem as iguarias. Ao fundo na parte superior um quadro representando o martyrio de Santo André; do lado esquerdo um religioso n'um pulpito lendo. Tem a assignatura de Antonio André. Madeira. Altura 0^{m},22—largura 0^{m},56.
Collegio de Santa Joanna Princeza.

300—S. João Evangelista. Ao centro um vestibulo ornado de columnas, occupando toda a altura do quadro S. João Evangelista, segurando na mão esquerda um calix de que sae uma vibora que elle afaga com a mão direita. Ao fundo um jardim rodeado de edificios de caracter civil. Seculo XVI. Madeira. Altura 0^{m},79—largura 0^{m},65.

301—Veronica. Madeira. Altura 0^{m},19, largura 0^{m},16.

IX

Pannos de Arrás, tapetes

302—Cinco tapetes de Arrayolos,
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

303—Tapete de Arrayolos, fundo côr de castanho com ramagem azul e amarella.
Sr.ª D. Anna Candida de Mello Freitas.

304—Tapete oriental de lã e seda, azul e encarnado. Franja de lã.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

305—Dois tapetes de Arrayolos.
Junta de parochia da Vera-Cruz.

X

Desenhos, gravuras e photographias

306—Desenho representando o tumulo do bispo de Miranda D. Manoel de Moura Manoel, na capella da Vista Alegre. Croquis de Casa Nova. Altura 0m,27, largura 0m,22.
Marques Gomes.

307—A communhão de S. Jeronymo; gravura polychroma de Pomel, copia do celebre quadro do mesmo nome de Domeniquin Zampiere.
Marques Gomes.

308—A santa familia. Gravura polycrama de J. Barbie, copia d'um quadro de Corregio.
Sr. Manoel Massa.

309—Tumulo de Alexandre Herculano, em Santa Maria de Belem. Photographia de Carlos Relvas.
Marques Gomes.

310—Tumulo de Santa Joanna Princeza, no convento de Jesus de Aveiro. Photographia de Emilio Biel.
Marques Gomes.

311—A Ascenção da Virgem. Jesus Christo n'uma gloria d'anjos, desce a receber a Virgem que sóbe ao céu, acompanhada por dezenas de seraphins. Tem esta inscripção: No angulo inferior direito: Franciscus Vieira Lusitanus invenit etc. No esquerdo, Emmanuel Ioachimus de Mendonça, incidit Olisipone, 1781. Altura 0m,79, largura 0m,50.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

312—Collecção de 23 photographias e phototypias de diversos formatos, reproduzindo quadros religiosos notaveis, objectos d'arte sacra, etc.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

313—Collecção de 6 photographias, representando tumulos, esculpturas, etc.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

314—Collecção de 18 photographias de edificios religiosos (Batalha 10 e Evora 8).
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

315—Collecção de 16 phototypias de Carlos Relvas, representando varios objectos de arte sacra que figuraram na exposição retrospectiva de arte ornamental de Lisboa em 1882.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

316—Oito gravuras inglezas de assumptos biblicos, e de diversos formatos.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

317—Fac-similes chronolythographicos dos livro d'horas da rainha D. Leonor, e d'El-Rei D. Duarte (duas paginas de cada um) 2 folhas.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

318—Photographia do quadro de Vieira Lusitano: *A adoração dos pastores,* que existe na egreja de Santo Antonio dos Portuguezes, em Roma. (0,35×0,24).
Marques Gomes.

319—Christus ad angeluse Gr. em cobre. Lebrum pinx. Konig sculp. (0,61×0,42).
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

320—Immaculée conceptiom. Peint par Murillo. Lith. par Marin Lavigne. (0,48×0,34).
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

321—Santo Antonio adorando o Menino. Desenho a lapis

vermelho do pintor Joaquim Manuel da Rocha (fallecido em 1786) copia d'outro de Vieira Lusitano (0,24×0,21).
Marques Gomes.

322—S. Francisco de Paula, Gr. oval em cobre. No ang. inf. de Eq (ues) Vieira Lus (itano) inv. No esq.: Gerônimo Gil esculp. (0,18×0,13).
Marques Gomes.

323—Santo Antonio cortando os ares. Gr. em cobre. No ang. inf. dir. Eques Vieira Lus. inv. Por baixo: Ora pro nobis Beate Antonii, etc. (0,19×0,16).
Marques Gomes.

324—Santo Antonio pregando. Gr. em cobre s. n. do gr. (0,16×0,12).
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

325—Santo Antonio com o menino sentado n'um livro, e este sobre uma meza. Gr. em cobre. No ang. inf. etc.: D. F. Fecit Bracharae. Em volta: *Santo Antonio de Lisboa Espelho de Portugal.* (0,18×0,14).
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

326—Santo Antonio com o menino. Lithographia. Figura o santo sobre um globo, vendo-se no alto á esquerda um grupo d'anjos, um dos quaes lhe colloca uma corôa de flôres na cabeça. Em baixo, á esquerda, um anjo sustentando o escudo das quinas, de fórma oval, tendo no alto: *D. Miguel Primeiro,* e encostado a si uma bandeira, com a legenda: *Quem com Deus?* tendo a extremidade inferior em fórma de lança, e ferindo com ella uma figura de bruços e arrancando os cabellos. Do lado direito um outro anjo empunhando uma cruz, terminando tambem inferiormente por um ferro de lança, e calcando a figura da discordia, egualmente de bruços, a cabelleira composta de viboras, e com um punhal na mão direita. O anjo segura com a mão esquerda uma fita onde se lê: *Erros e demonios Antonio afugenta.* No angulo inferior J. T. da Fonseca, inv. des. e lith. No esquerdo: O (fficina) R. (eal). Lith. Por baixo: A Sua Magestade) O Senhor D. Miguel Pri-

meiro O. D. C. O Seu mais humilde e fiel vassalo, João Thomaz da Fonseca. Estampa curiosa e pouco vulgar. (0,30×0,19).
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

327—Albrecht Dürer's Kleine Passion, getreu in holz nachgeschnitten, vo C. Deis... Eichstätt & Stuttgart... 1868. 8.° peq. Reproducção em fac-simile das 37 gravuras em madeira de Alberto Durer, conhecidas pela denominação de: «Pequena paixão».
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

328—O enterro de Christo. Ao fundo Christo conduzido para o sepulchro por quatro homens, indo adiante duas figuras com brandões acezos. No primeiro plano a Virgem desmaiada e rodeada por duas mulheres. Desenho a dois lapis sobre papel de côr. Altura 0^{m},54—largura 0^{m},41.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

Supplemento

Ourivesaria

329—Cruz de prata filagranada, com as extremidades dos braços e haste divididas em gomos semi-circulares. Christo de metal; base de pau santo. Trabalho oriental. Altura 0m,30..
Sr. Manoel Massa.

330—Jarro de prata e bacia correspondente.
Sr. José Reynaldo Rangel de Quadros Ondinot.

331—Estatueta de prata levantada e cinzelada, sobre uma base tambem de prata, ornada de cabeças de serafins, representando a Virgem com o Menino. Altura 0m,51.
Sr. Barão de Cadoro.

332—Dois thuribulos de prata e respectivas navetas. Tem gravadas as armas de Santa Joanna Princeza.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

333—Pixide de prata dourada. Na copa, tem a urna dos perfumes, o pelicano, o cordeiro e a phenix, em meio relevo. Altura 0m,37.
Extincta mitra de Aveiro.

334—Caldeirinha de prata. Altura 0m,22.
Junta de parochia de S. João do Loure.

335—Custodia de prata dourada; o relicario está sob uma cupula rematada por uma cruz que assenta em quatro columnellos. Tem dois tintinabulos. Altura 0m,36.
Junta de parochia de S. João do Loure.

336—Crucifixo de marfim; cruz de prata com ornatos rebatidos; base de pau santo. Altura da cruz 0m,42; da base 0m,22; do Christo 0m,20.
Extincta mitra de Aveiro.

337—Dois relicarios de prata. Altura 0m,35.
Real Irmandade de Santa Joanna Princeza.

Tecidos e bordados

338—Colcha de setim amarello bordada a matiz.
Extincta mitra de Aveiro.

339—Grande colcha de seda-côr de tijolo, inteiramente coberta de bordados a troçal; estylo persa. Trabalho oriental.
Sr. Manoel de Mello Freitas.

340—Casula de setim branco bordada a matiz.
Junta de parochia de Esgueira.

341—Bolsa de sanguinhos de setim côr de laranja, bordada a oiro e perolas, falsas.
Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda—Arouca.

Mobilia

342—Duas cadeiras de espaldar, de coiro estampado com ornatos de talha dourada.
Sr. Luiz da Silva Mello Guimarães.

343—Duas cadeiras de pau santo, com estofo de veludo carmezim. Estylo *empire*.
Camara Municipal de Aveiro.

344—Cadeira de espaldar, de nogueira, entalhada, com estofo de damasco carmezim.
Ordem Terceira de S. Francisco.

345—Mocho de madeira pintada e dourada, com estofo de veludo azul e pregaria dourada.
Junta de parochia da Vera-Cruz.

346—Quatro grandes cadeiras de nogueira com assento e costas de couro lavrado.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

347—Seis cadeiras de nogueira com assentos e costas de couro lavrado.
Sr. David da Silva Mello Guimarães.

Esculptura decorativa

348—Estatueta em barro vermelho, pintado, representando Santa Maria Magdalena. Tem aos pés um craneo sobre um livro aberto. Altura 0^m,35.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

349—Estatueta em barro vermelho, pintado, representando S. João debaixo d'uma arvore, tendo ao lado uma fonte. Altura 0^m,47.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

350—Estatueta, em barro vermelho, pintado, representando uma creança orando. Altura 0^m,32.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

351—Estatueta em marfim, representando S. João Baptista. Altura 0^m,32.
Sr. Manoel Francisco Leitão.

352—Estatueta em barro vermelho pintado, representando S. João Baptista com o cordeiro, sentado sobre o tronco d'uma arvore. Altura 0m,46.
Sr. Manoel Francisco Leitão.

353—Estatueta em barro vermelho, pintado, representando Santa Barbora. Altura 0m,35.

354—Estatueta de barro vermelho, pintado e dourado, representando a Virgem dentro d'uma gruta. Altura 0m,46.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

355—Estatueta de barro vermelho, pintado, representando a Virgem com o menino ao collo. Altura 1m,10.
Sr. José Maria Coelho.

356—Estatueta de porcelana, em biscoito, representando a Virgem com o Menino, sobre um penhasco, ao fundo do qual se vê um homem deitado. Altura 0m,36.
Real Fabrica da Vista Alegre.

357—Estatueta em porcelana, representando a Virgem, (Coração de Maria). Altura 0m,91.
Real Fabrica da Vista Alegre.

358—A Virgem e o Menino, coroada por dois anjos. Baixo relevo em gesso, reproducção (tamanho do original), do medalhão que fórma o centro do tympano da porta lateral da egreja da Sé Velha, em Coimbra. Esculptura em pedra d'Ançã, attribuida a João de Castilho. Seculo XVI.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

Quadros a oleo

359—S. João Baptista no deserto. Madeira. Altura 0m,31, largura 0m,24.
Sr. Alvaro d'Almeida d'Eça.

360—Tres quadros, representando diversos factos da vida da Virgem. Moldura pintada e dourada imitando charão. Tela. Altura 0m,69, largura 1m,10.
Sr. Alvaro d'Almeida d'Eça.

Desenhos, gravuras e photographias

361—Santo Antonio de Padua. No alto da estampa e no centro de uma irradiação cercada de nuvens, o santo de habito, com chapéo de tres bicos, tendo na mão direita um oculo de longa vista, e na esquerda uma espada. Em baixo, um negro com os braços erguidos para o Santo, junto do mar onde se vêem alguns navios, e que banha uma cidade fortificada. Pela parte superior da imagem, n'uma fita, cujas extremidades terminam por cabeças de cherubins, lê-se a seguinte inscripção: «S. Antonius Pad; haf in disen Aufzug mit weschen ihne der Spanische Admiral in der Francis caner Kirchen zu Alicante belfeider alle Mohren aus Oran verjaget. Anno 1732. (S. Antonio de Padua expulsou os Mouros de Oran no anno de 1732, revestido d'este fardamento que lhe deu o Almirante de Hespanha na egreja dos Franciscanos de Alicante). Na parte inferior: Klauber Sc. A. V. (Augusta Vindeleicorum). Gravura em cobre, muito curiosa e interessante.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

362—Quatro photographias de Rochini, reproduzindo os quatro cartões de Domingos Antonio de Sequeira, existentes no muzeu das Janellas Verdes, e que representam: A adoração dos Magos, o Calvario, a Ascenção e o Juizo final. Altura da chapa 0m,22, largura 0m,29.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

363—Santo Ivo. Gravura em cobre. Corpo inteiro, vestido d'habitos lateraes, com capello e borla. Na parte inferior e gravado na mesma chapa: Advogado dos Pobres, Patrono da sociedade de advogados da cidade de Beja,

estabelecida na capella Episcopal de S. Sisenando, etc. No angulo inferior: Sebastião de Lemos, sculp. Altura 0m,15, largura 0m,10.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

364—As quatro partes do mundo adorando o coração de Jesus. Gravura em cobre. No alto o coração de Jesus encimado por um calix, no centro de um nimbo de nuvens. Em baixo no primeiro plano, quatro figuras representando a Europa, Asia, Africa e America. Na parte inferior: Laudate Dominum omnes Gentes Laudate eum omnes Populi. Psal. 166. No ang. inf.: Gregorio) Francisco) de Queiroz, Grav. de S. Mag. fez Lx.a 1830. Altura 0m,24, largura 0m,14. Reproducção do retabolo do altar mór da egreja da Estrella, em Lisboa.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

365—S. José. Gravura em cobre. O santo em pé sobre um globo, com o menino nos braços. Ao lado direito, formando grupo, um anjo sustentando um escudo, que tem no centro um ramo de assucenas e no alto em semicirculo a letra: Divi Josephi Patrocinium. No ang. inf. etc.: Eques F. Vieira invenit. No esq.: Antonius Joachin Padrão Sculp. Altura 0m,23, largura 0m,14.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

366—A Virgem, o Menino e S. João. Gravura a agua forte. N'uma paysagem a Virgem, o Menino e S. João de joelhos, em frente d'este. No ang. inf.: Pietro Testa Fec. No esq.: F. Bartolozzi f. Altura 0m.96, largura 0m,27.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

367—Martyrio de S. Lourenço. Grav. em cobre. No primeiro plano o santo sobre as grelhas, com os braços abertos e olhando para o céo, de onde desce um anjo com uma corôa. No segundo plano superior, os jinyés, etc. No ang. inf.: Le Sueur pinxit. No esq.: A Paris chez Andran, etc. Altura 0m,32, largura 0m,22.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

368—S. Francisco de Paula. Grav. em cobre. O Santo em busto de perfil á direita olhando para o alto. No ang.

inf.: Joannes Baptista Piazzetta Pinxit. No esq.: Marcus Pelli Delineavit et Sculpsit. Altura 0m,45, largura 0m,36.
Sr. Manoel Ferreira Pinto de Sousa.

369—A Ceia. Grav. em cobre. No ang. inf.: Leorns du Vincius Pinxit. No esq.: Ignatius Pavon Sculpsit. Altura 0m,43, largura 0,88.
Sr. Manoel Luiz Mendes Leite.

370—Christo entregando as chaves do Céu a S. Pedro. Gr. em cobre. No ang. inf.: Niccoló Pussino dip. Ao centro: Michelé Keck dis. No esq.: Alessandro Contardi inc. Altura 0m,43, largura 0m,89.
Sr. Manoel Luiz Mendes Leite.

371—A Virgem da cadeira. Gravura em aço. No ang. inf.: Raphael Sanzio pinxit. Ao centro: Cigenthum und Verlag von J. Burger in Munchem. No esq.: J. Burger Del et sculpsit. Altura 0m,80, largura 0m,64.
Sr. Jayme de Magalhães Lima.

Livros raros e curiosos, manuscriptos

372—Exposição districtal de Aveiro em 1882. Reliquias da arte nacional. Phototypias inalteraveis de E. Biel & C.ª. Texto de Marques Gomes e Joaquim de Vasconcellos. Aveiro. Gremio Moderno. MDCCCCXXXIII. Fol. oblongo.
Marques Gomes.

373—Collecção de algumas ruinas de Lisboa causadas pelo terremoto e pelo fogo do primeiro de novembro do anno de 1755. Debuxadas na mesma cidade por MM. Paris et Pedegache E abertas á o boril em Paris por Jac. Ph. Le Bas. Recueil, etc. (o mesmo titulo em francez) en 1757. Seis estampas, além do frontespicio gravado. Tem junto as mesmas seis estampas, gravadas em Londres. Fol. oblongo.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

374—Missal pontifical de Estevam Gonçalves Netto, conego da Sé de Vizeu. Fac-simile chromolythographico do original existente na Academia Real das Sciencias de Lisboa... Editores Maciá & C.ª, Paris, fol. max. encadernado em couro da Russia.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

375—Les chefs-d'oeuvre de la peinture italiénne, par Paul Manîz, ouvrage contenant vingt planches chromolithographyques exécutées par F. Kellerhoven, trente planches sur bois, et quarante culs-de-lampe et lettres ornées. Paris, F. Didot... 1870, fol. max.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

376—Oratio habita in parentalibus solemnibus Petri V Portugalliae et Algarbiorum Regis Fidelissimi.... in sacra cade regali S. Antónii ab Aloisio de Comitibus Machei Romae, ex typ. Salviueci, 1864, 4.º gr. Com uma photographia do interior da egreja de Santo Antonio dos Portuguezes em Roma, na occasião das exequias.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

377—Historia das vidas & feitos heroicos & vidas insignes dos Sanctos: com muitos sermõ·s & praticas spirituaes que servem a muitas festas do anno. Revistas e cotejadas cõn os seus originaes antenticos & pelo padre frey Diogo do Rosairo da ordem de são Domingos, de mandado do muy illustre & Reverèdissimo senhor dõ frey Bartholomeu dos Martyres, arcebispo & Senhor de Braga, Primas das Hespanhas..... Impresso em Braga, em casa de Antonio de Mariz, Impr. de S. S.ª R.ma 1567, fol. car. goth.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

378—Exposição retrospectiva da arte ornamental em Lisboa. MDCCCCXXXII. Album de phototypias a beneficio da Santa Casa da Misericordia da Gollegã, clichés de C. Relvas e phototypia de J. Leipitz. Tiragem de vinte exemplares numerados. Exemplar n.º 8. Impresso na officina de J. Leiperte em Lisboa, 1893. Fol. max.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

379—Apparatus historiens desem contineus argumenta, sivé non obscura Sanctictatis indicia, religiosissimi Rincipis D. Alfonsi Henrici, primi Portugalhae Regis;... conferat, dedicat, conseirat Josephus Pinto Pereyra Lusitanus. .. Roma, typ. Rochi Bernabó, 1728, 4. Encadernação em marroquino vermelho, com o brazão portuguez nas pastas.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

380 —Historiarvm seraphicae religionis libri tres seriem temporum continentes, quibus rebus explicantu fundamenta, universi q ordinis amplificatio, gradus et instituta... A. F. Petro Rodulphio Tossianensi Con Fran..... Venetiis apud Franciscum de Franciscis Senesen MDLXXXVI, fol. gr. Fol. 70: Vera B. Antonii confessoris Effigies, (gr. em madeira), e d'ahi até fol. 83 a vida de Santo Antonio, com diversas gravuras em madeira, representando os milagres do thaumaturgo.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

381—De origine Seraphicae Religionis Frãciscanae eiusq progressibus, de Regularis Observãciae institutione, forma administrationis ac legibus, admirabiliq eius propagatione. Fr. Francisci Gonzagae eiusdem Religionis Ministri G alis. Ad S. D. N. Sixtum V. opus in quatuor partes diuisum. Rome Cu licèciüa Superior 1587. No fim: Romae, Ex Typographia Dominici Basae MDLXXXVII fol. vol. parch. á fermoir, fr. gr. et fig.
Pag. 290. Ret. de Santo Antonio gr. em chapa de metal, tendo nos angulos, pequenos medalhões circulares, representando varios milagres do Santo. A pag. 140, outra gravura representando a batalha de Ourique, e a apparição de Christo a D. Affonso Henriques. Tem varias outras gravuras referentes a Portugal.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

382—Historia eclesiastica de todos los santos de Espana. Primera, segunda, tercera y quarta parte: donde se cuenta muy particularmente, todas las vidas, martyrios y milagros, de los Santos y Santas proprios que en esta nuestra Espana ha avido... y los concilios que ha avido desde el tiempo de los Apostoles hasta agora.... Compuesta por el Rvd.º P.e Fr. Juan de *Marieta*.... Cuenca, Pedro del Valle, imp. 1596 fol. comp.
Fol. 18 v., a fol. 40. Tercera parte. Libro diez y seis de la vida de San Antonio de Padua, de la Orden de San Francisco.
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

383—Regra e constitvições que professam as freyras da ordem do glorioso Patriarca são Domingos; com o modo que nella se vza de deytar o habito, fazer profissão ás Freyras, & capitulos. Trasladado tudo de latim por Margarida de São Paulo, Freyra professa da mesma ordem no Mosteyro de nossa Senhora da Annunciada da cidade de Lisboa.... Em Lisboa por Pedro Crasbeeck, 1611. 8.º encad. em marroquim, dourado nas pastas a petits fers. Encad. portugueza. (?)
Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

384—Oração funebre que nas solemnes exequias pelo eterno descanço do.. principe o Snr. D. Pedro d'Alcantara Bragança e Bourbona, o libertador Duque de Bragança, celebradas pela Ill.ma Camara Municipal da V.lla de Vianna do Minho, pronunciou na egreja matriz da mesma Villa a 27 d'Outubro

de 1834, José de Sousa Alves Guimaraens. . . Lisboa, typ. de Eugenio Augusto, 1835, 4.º. Curiosa encadernação em veludo azul, bordada a ouro fino.

Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

385—Exequias feitas em Roma á Magestade Fidelissima do Senhor Rey Dom João V. por ordem do Fidelissimo Senhor Rey D. José I. seu filho, e sucessor. Em Roma, na offi. de João Maria Salvioni, impressor pontificio da Vaticana, 1751, fol. max.

Sr. Annibal Fernandes Thomaz.

386—Codice escripto em pergaminho a 2 col. car. gothicos, fol. 161 folhas, letras capitaes e iniciaes a côres.

A folh. 1:

Em este livº he scrjto e se contem ho nacjmêto prjcipio e fundamêto deste moesteyro & casa de Ihû nosso Sôr desta villa de aveyº q' pessoas ho fundarô nos hediffiçios e casa.

A folh. 48:

Seguesse em breve ho memorial da mujto excellente princesa, E muyto v'tuosa Snra, ha Sra Iffante Dona Iohanna nossa Snora, ffilha dº muy Catholyco e cristianissymo Rey dom affº qujnto. E da Sra Rª dona Isabell sua molher.

A folh. 115:

Memorial de todas as Religiosas que ffezerõ proffissom neste moesteyro de Jhû Nosso Snor. E em que anno. E mes.

A folh. 143:

Memoryal das madres e Irmãas, que nesta casa de nosso Sñor. Jhû ffalecerom. s. ho anno E tenpo ê que desta vida presente sse foram pa a gloria eternall.

A folh. 152:

Lº das servidoras. E do têpo q' em este õto carramento (sarramento? encerramento?) entrarõ asseruyr. E ajudar as Religiosas d'este moesteyro de Jhû nosso Snr.

Collegio de Santa Joanna Princeza.

PROCESSIONAL

387—Codice em pergaminho, 8.º, 87 folhas, car. goth. A meio da folha 86 em letra vermelha, lê-se: Este Livº pcessional he do mostey.º de jhu davey.º acabousse 3.ª feyra XVIj dias de junho. Era de mil CCCC. LXXXÍX. Escreveo. Soror Ysabel luys freyra do dicto conuento.

Collegio de Santa Joanna Princeza.

FORMA DE LANÇAR O HABITO

388—Codice em pergaminho, 4.º 97 folh. car. gothicos, No fim do verso da folha 94, em letras vermelhas, a nota:

Este lyvº he do mostey.º de jhû daveyro acabousse de escrever sabado. XXij. dias de Julho. Era de mil CCCCXCI. E escreueo jsabel. Luys, freyra do dicto convêto.

Esta senhora Isabel Luiz, que caligrafou este e o antece-

dente codice, professou em 1487, e falleceu a 21 de junho de 1597. São muito interessantes, especialmente sob o ponto de vista philologico.

Collegio de Santa Joanna Princeza.

OFFICIO DO TEMPO PASCOAL

389 - Codice em pergaminho, fol. max. 146 folhas. Letras capitaes, e iniciaes a côres. Tem na parte interior da pasta da encadernação, collada uma folha de pergaminho com duas curiosas illuminuras, representando a da parte superior a ressurreição de Christo, e a inferior as tres mulheres conduzindo os vasos dos perfumes.

No fim da penultima folha tem a seguinte subscripção :

«Este Livro screveo e Apontou a muyto Virtuosa madre: marja dathayde poressa deste moesteyro de Ihu nosso Snor.»

Interessante encadernação em couro pintado e dourado, tendo no centro da pasta superior a imagem da Senhora da Conceição, de pintura em fundo dourado, e no da inferior a Lua, com a letra: Pvlchra Lvna. Seculo XV.

Collegio de Santa Joanna Princeza.

390—Livro de Canto Cham do Mosteiro I H S da Villa de Aveiro. Volume I, 1619.

Codice em pergaminho, fol. max., 161 folhas. Letras capitaes a preto, azul, vermelho, etc. Encadernação em couro estampado, com fechos, cantos e pregos de bronze.

Collegio de Santa Joanna Princeza.

391—Este Livro mandou fazer a Snr.ª D. Joanna Vicencia de S.to Thomaz, sendo cantora no Real Convento de Jesus no anno de 1744.

Codice em pergaminho, fol. max., 149 folhas. O titulo é escripto em letras vermelhas, e em letras verdes realçadas de ouro, no centro de uma larga tarja no estylo da epocha, na qual predominam as mesmas côres. Letras capitaes a preto, vermelho, azul, etc., sobre fundo de ouro.

Collegio de Santa Joanna Princeza.

392—In festo SS. Apostolorum Petri et Pauli ad Vesporas. Anno MDCCCXXVII.

Codice em papel, fol. max., 21 folhas, fingindo caracteres de impressão, e tendo alguns desenhos á pena, imitação muito habil de gravura em metal. As letras capitaes são escriptas sobre um fundo, em geral colorido, e semelhando diversos tecidos. Foi caligraphado por José Antonio Beirão, natural de Aveiro.

Irmandade de S. Pedro da freguezia da Gloria.

393—Livro de Cantochão. Codice em pergaminho, car. gothicos, fol. max., 162 fol. Na primeira pag. uma grande letra capital enquadrando uma miniatura que representa Santo André.

Collegio de Santa Joanna Princeza.

Notas e additamentos

I

E' pouco numerosa a collecção de ourivesaria, mas ainda assim é assaz importante. Pelo que se acha exposto, e pelo mais que ficou disseminado pelos differentes concelhos do districto, que é provavel que seja bastante, se póde avaliar quão rica em objectos d'arte, referentes ao culto, era esta região. Os extravios sem conta nos ultimos 50 annos, as extorções de Junot em 1808 e o decreto de 30 de maio de 1834 que mandou recolher á casa da moeda as pratas e alfaias de valor dos conventos supprimidos, não foram sufficientes para fazer desapparecer de todo os vestigios da nossa passada grandeza. Perdeu-se e roubou-se muito é verdade, mas ainda alguma cousa se salvou. A prova é a presente exposição.

A diocese aveirense, hoje extincta, era de criação muito moderna, não havia pois que procurar antigas e, valiosas alfaias na nossa cathedral. Durante bastantes annos, muitos dos paramentos e mais objectos do culto que ali serviam, foram fornecidos por emprestimo pelas parochias da cidade, especialmente pela de Nossa Senhora d'Apresentação, que em pratas e ornamentos suplantava a antiga matriz de S. Miguel. Os rendimentos da mitra não eram grandes e os haveres dos tres prelados que aqui houve, não lhe permittiam tambem fazer largas acquisições, mas ainda assim outras sés tinham menos. Ignoro se em 1808 alguma coisa foi levado pelos francezes da fabrica da Sé, o que sei é que o existente á data da extincção da diocese lá está ainda, pois o ex.^{mo} sr. Bispo Coude, sempre generoso e bom, não quiz privar Aveiro das alfaias da sua antiga sé, que a lei lhe facultava levar para a sua cathedral de Coim-

bra, deixando continuar aqui tudo depositado como sempre esteve. Mas por isto e por todos os mais beneficios que, já são muitos que s. ex.ª tem feito a esta cidade, grandes louvores lhe cabem, e podemos nós aveirenses dizer com verdade, que Aveiro é uma cidade sem diocese, mas toda com bispo.

O sr. Bispo Conde quiz e muito bem, que, tudo continuasse no mesmo estado em que estava anteriormente á extincção da diocese. Parte dos paramentos guardam-se nas arrecadações da egreja da extincta Sé, e outra parte, a mais valiosa, no recolhimento das Carmelitas onde estiveram sempre e, d'onde só sáem por ordem de s. ex.ª rev.ma ou do seu representante aqui, o arcypreste da cidade, para as grandes solemnidades religiosas, como são: a festa de Santa Joanna Princeza e de Corpus Christi. Evitam-se assim não só extravios e damnificações irreparaveis, mas até mesmo que se commettam attentados como succedeu ha pouco em Leiria, em que a Junta de parochia da freguezia da Sé, e que, por extincção d'aquella diocese ficou depositaria dos paramentos d'ella, vendeu-se ao desbarato o unico objecto de verdadeiro valor artistico que ali havia, um porta-paz de prata dourada com esmaltes, onde sob um baldaquino gothico se via a imagem de Nossa Senhora da Piedade; exemplar muito curioso pertencente ao seculo xv e que na Exposição retrospectiva d'arte ornamental de 1882 em Lisboa, esteve exposto na sala M sob o n.º 186. Mas o facto em Leiria tinha infelizmente precedentes, poucos annos antes da extincção d'aquella diocese, o respectivo cabido, vendeu parte d'uma grande custodia, para com o seu producto adquirir duas pequenas salvas de prata e um ou dois pares de galhetas, de fórma que a sé ficou com galhetas mas sem custodia. As restantes peças da custodia, que hoje não póde ser utilisada em nenhuma ceremonia do culto, esperam que a Junta de parochia lhe dê identico destino ao do porta-paz, o que n'este caso é aliás justificado.

Mosteiros de freiras de fundação regia e largas rendas, apenas tinhamos o de Arouca, mas ali a derrocada principiou bem cedo; muitos e preciosos objectos pertencentes ao culto foram vendidos ha mais de cincoenta annos pelas religiosas e ao que se diz, por vil preço. Parece que se pagou apenas o peso do metal e nada mais. Havia tam-

bem o de Jesus, mas este apesar de haver sido escolhido por uma princeza para sua residencia, teve quasi que, desde a sua fundação em 1461 até meados do seculo XVIII, uma existencia nada faustuosa. Os seus rendimentos mesmo nos seus tempos aureos, não eram grandes. O que n'elle havia de notavel, era tudo dadivas de religiosas e de um dos duques de Aveiro. Os francezes, ou para melhor os portuguezes afrancezados levaram muito, mas o que ficou e, que ainda é bastante, chegou por assim dizer intacto até nós. Lá está tudo, e a exposição é d'isso eloquente testemunho. Guardadas religiosamente á morte da ultima professa pelas ex.mas sr.as D. Leonor Angelica Cardoso de Lemos e D. Thereza Tavares Pinheiro, antigas pupilas do convento, todas as preciosidades do mosteiro foram tres annos depois concedidas pelo governo á Real Irmandade de Santa Joanna Princeza, que além de se desvelar pela sua conservação, muito tem cuidado em augmentar o deposito recebido.

***

Dos objectos levados d'aqui pelos francezes em 1808, não ha noticia exacta e, sobretudo circumstanciada. Consta que das differentes parochias da antiga comarca d'Aveiro, quasi tão grande como é hoje o districto, foram conduzidas para esta cidade um grande numero de cruzes procissionaes e não poucas custodias, pyxides, etc.

Como é sabido, Junot por decreto ou cousa semelhante de 1 de fevereiro de 1808, mandou que todos os objectos de oiro e prata das differentes egrejas, capellas e confrarias, fossem entregues aos recebedores das decimas no praso de quinze dias, e por elles fossem remettidas para a casa da moeda, attenta a grande falta de numerario e á urgente necessidade de ser paga a contribuição de guerra de cem milhões de francos, imposta por Napoleão a Portugal. A ordem tambem chegou como não podia deixar de chegar a Aveiro, e aqui a colheita foi abundantissima, pois subiu a um grande numero de arrobas de prata, o pezo dos objectos pertencentes ao culto, que foram entregues a Francisco José Ferreira, negociante da nossa praça, que

foi o encarregado da sua arrecadação. O deposito fez-se n'um armazem, que está hoje incluido no edificio da Caixa Economica, na antiga rua Larga, hoje de José Estevão. Parece que o depositario recebeu sem conta e deu por conta, de fórma que lucrou bastante. Como descargo de consciencia, annos depois, em 1813, offertou á veneranda imagem do Senhor *Ecce-Homo*, da Santa Casa da Misericordia, um rico manto de velludo bordado a oiro. E' o mesmo que está exposto sob o n.º 90.

Das egrejas da cidade pouco ou nada se salvou. Só da da egreja parochial de Nossa Senhora d'Apresentação foram seis varas de palio, e outras tantas lanternas procissionaes, uma cruz tambem procissional e seis lampadas, tudo de prata; da antiga capella de Santa Maria de Sá, uma preciosa cruz procissional de prata dourada do mesmo estylo do calix que hoje pertence á parochia da Vera-Cruz, exposto sob o n.º 3, e que, n'uma cópia d'um antigo inventario, tirada em junho de 1579, vem assim descripta: «Item uma cruz muito grande de prata dourada toda, que tem de peso vinte e oito marcos e meio, com seis campainhas de prata tambem douradas, mettida em uma caixa de pau forrada de ambas as partes de bocaxim» (1). Do convento de Jesus além d'outros valores, como varas de palio, lanternas, etc., foram os tres grandes lampadarios que estavam em frente do tumulo da Princeza Santa Joanna e que, haviam sido offerecidos ao convento pelo 7.º duque de Aveiro, D. Raymundo de Lencastre. A descripção d'estes lampadarios encontra-se no instrumento publico da entrega dos mesmos lavrado em 3 de janeiro de 1735, cujo original se guarda no archivo do convento e, de que

(1) O Doutor Pedro Lopes de Villarinho, Provedor e Contador dos Residuos com Alçada, por El-Rei Nosso Senhor em esta Comarca de Coimbra, &. Mando ao Juiz e Mordomos da Confraria de Nossa Senhora de Sáá, d'apar da Villa de Aveiro, que não consintaes, que a cruz d'essa confraria se entregue, nem dê em nenhum tempo para procissão alguma da Villa de Aveiro, nem de outra nenhuma parte, e isto com pena de dez crusados para as obras da dita confraria; sómente as procissões que elles tem por costume por suas devoções sómente, e por este mando ao Escrivão da Confraria, que vo-o publique, e da notificação me enviareis certidão nas costas d'este. Cumprio assim—feito em Coimbra sob meu signal e Sello de Provedoria aos desoito dias do mez de novembro. Pedro Cabreira o fez de mil e quinhentos e cincoenta e cinco annos.—*Petrus.*

foi publicada uma cópia na Historia Genealogica da Casa Real—Tomo II das *Provas*, pag. 31, e que é esta:

«D'essas cinco Alampadas ou Aranhas, huma d'ellas, que he a mayor, tem duas ordens de luzes; a de cima de seis e a debaixo de doze luzes, toda lavrada a cinzel; e as quartellas vazadas, com sua Cruz e bandeira por remate, e hum Touro pendurado no remate debaixo, que peza cincoenta e hum marcos, quatro onças e duas oitavas; e a segunda e terceira Aranha ambas iguaes, com doze luzes cada huma, ambas lisas e pesão oitenta e oito marcos, cinco onças e duas oitavas; a quarta que he a mais pequena, tambem lisa, que peza vinte marcos e cinco oitavas; e a quinta Aranha, que he mediana, com doze luzes, toda liza, peza trinta e tres marcos, tres onças e quatro oitavas; e por todas cinco vem a importar o pezo cento e noventa e tres marcos, cinco onças e meya e huma oitava.»

N'aquelle documento, punha-se a condicção de que por nenhuma causa, motivo ou necessidade por mais urgente que fosse, as lampadas podessem ser vendidas ou desfeitas em tempo algum, nem tão pouco emprestadas para fóra do convento.

De nada valeram estas disposições, os lampadarios eram conhecidos de mais para aos executores do decreto de Junot serem sonegados, como o foram outras pratas, que as religiosas fizeram enterrar n'um canavial que ha na cerca e em cujo numero estavam as hoje expostas sob os n.os 22, 23, 32, 38, 40, 41 e 337.

***

Decretada a extincção das ordens religiosas (28 de maio de 1834) ficaram fazendo parte da fazenda nacional, no districto de Aveiro, os haveres dos conventos de Nossa Senhora da Misericordia (S. Domingos), de Nossa Senhora do Carmo, e de Santo Antonio, d'esta cidade; de S. Martinho de Cucujães, de Santo Antonio, de Serem; Collegio do Espirito Santo, da Feira e o hospicio de Santo Antonio, de Anadia. Todos, com excepção do de Nossa Senhora da Misericordia, tinham uma pequena mediania, e mesmo este não era rico.

Em todos se fez logo inventario do respectivo mobiliario, inventario defficientissimo, como o de todos os ou-

tros conventos do paiz e em que, os encarregados d'esse serviço, com raras excepções, guardaram para si uma boa parte do que, encontraram de melhor.

Em Aveiro succedeu o mesmo que em todo o reino, muitas casas particulares ficaram convertidas em verdadeiras sachristias, podendo-se dizer sem offensa para a memoria dos juizes ou escrivães que fizeram os inventarios dos nossos conventos, o mesmo que disse sobre os da Perfeitura da Extremadura Antonio Moreira Leite Pereira Cabral, e que é o seguinte:

«Quando uma vez vi um d'estes juizes profanadores voltar d'uma commissão acompanhado da sua alçada, mais estrondosa do que a do Arcebispo de Colonia, todos montados em roliças mullas, que sem as comprarem, nem lh'as darem chamavam suas, munidos de grossas mallas, e largos alforges, que de impertigados vinham arrebentando, e que para encobrirem aquelle impertigamento, que a todos dava nos olhos, diziam ser os inventarios dos bens dos conventos que alli levavam, mas sabe Deus o que era, e nós tambem o não ignoravamos; confesso que logo me occorreu á ideia da volta dos romanos da Asia, todos carregados dos ricos despojos dos Parthos». (1)

Dos objectos inventariados nos conventos de frades d'este districto, ha apenas noticia dos preciosos. A prata arrecadada foi no valor de 1:688$958 réis—sendo esta a sua proveniencia—Nossa Senhora da Misericordia (S. Domingos) 190$677 réis; Nossa Senhora do Carmo, 375$409 réis; Santo Antonio (Aveiro) 200$678 réis; S. Martinho de Cucujães, 147$818 réis; Santo Antonio (Serem) 686$276 réis; Espirito Santo (Feira) 73$200 réis; Santo Antonio (Anadia) 15$100 réis. Parte d'estas pratas, na sua maioria, calices, custodias, pixides, etc., foram distribuidos por differentes egrejas parochiaes, e o restante foi remettido para a Casa da moeda, em Lisboa.

Das pratas aqui arrecadadas ha noticia de terem sido mandadas reservar as seguintes, por se julgarem obras d'arte: Um cofre e uma custodia do antigo convento de Nossa Senhora da Misericordia (S. Domingos) d'esta cida-

(1) *Ideia geral dos trabalhos administrativos que se fizeram na segunda secção da primeira direcção da perfeitura da Extremadura, desde o 1.º de julho de 1834 até 7 de fevereiro de 1835.* Lisboa 1835, pag. 21.

de, e uma custodia do de Santo Antonio de Serem, concelho de Agueda. (1)

E' de crer que as duas custodias sejam alguma das que presentemente formam a collecção do Muzeu Nacional de Bellas Artes; quanto ao cofre não resta duvida que lá está, não obstante ser alli hoje ignorada a sua proveniencia, quando é certo que, tendo sido mandado á exposição de Pariz em 1867, foi então exposto como havendo pertencido ao convento de S. Domingos, de Aveiro. Esteve tambem na Exposição retrospectiva de arte ornamental portugueza e hespanhola em Lisboa em 1882, e vem assim descripto no respectivo *Catalogo*—Sala O—n.º 378:

«Cofre octogono de prata dourada com ornatos de applicação de prata branca, formando arabescos e medalhões com os emblemas da Eucharistia. E' rematado por uma cruz. Altura 0m,635.—Academia Real de Bellas Artes de Lisboa».

***

O mosteiro d'Arouca, já anterior á fundação da monarchia, reformado e largamente dotado depois pela virtuosa filha de D. Sancho I a Rainha Ranta Mafalda, era ainda no seculo passado uma das casas religiosas mais ricas da provincia. No trienio que decorre de 1786 a 1789, as receitas do mosteiro foram de 37:199$290 réis, não havendo nada de extraordinario qne as fizesse augmentar:

«Nos fins do seculo XVI, era senhor de todo o feracissimo valle de Arouca, n'uma redondeza de mais de 20 kilometros quadrados, fruia os direitos reaes sobre a villa e toda a jurisdicção, muitas propriedades e rendas no concelho de Estarreja, com varios padroados de egrejas e o dominio directo de muitas herdades no concelho de Fermedo, e recebia além d'isso avultadas e muito valiosas rendas e fôros de numerosos pontos do paiz, até mesmo dos mais afastados». (2)

Com tão largas rendas tudo leva a crêr, que o mosteiro adquirisse no decurso de tantos seculos, alfaias valiosas para serviço do culto, pois além de serem essas as tenden-

(1) *Contas correntes dos objectos preciosos de ouro, prata e joias que pertenceram aos conventos supprimidos do continente do reino.* Lisboa 1842.

(2) Sr. Abel Accacio — *Mosteiro d'Arouca* — no *Occidente*, 7.º anno. Vol. VII, n.º 184, pag. 30.

cias geraes d'então, tinham alli o exemplo aberto pela sua santa reformadora e grande bemfeitora a Rainha D. Mafalda, que no seu testamento, feito no mesmo anno em que falleceu, 1256, lhe legou muitas reliquias e preciosos objectos, como se vê d'esta disposição:

«Item demitto eis totam meam Capellam & crucem majorem & ditagas & brachium de argento cum omnibus reliquiis quae ibidem inventæ fuerint, & Cruxifixum magnum de ebore & magestates, & prohibeo sub benedictione & maledictione dictarum reliquiarum quod nec Abbas aliquis, nec Abbatissa, nec vir, nec mulier possit alienare, vel devidere, nec transferre, nec auferre à Monasterio de Arauca.»

A supposição de que o mosteiro adquirira em tempos passados muitas e ricas alfaias para o serviço do culto, é mais que verdadeira. O que desappareceu sem deixar vestigios, e que ha fundadas razões para crêr que foi muito, o que está hoje em poder d'outras corporações, mas que se sabe positivamente ter pertencido ao mosteiro e o que ainda lá se encontrou quando este se extinguiu, provam-no bem. Do que chegou até nós direi adiante. Vejamos agora o que se perdeu. Depois que foram abolidos os direitos senhoriaes em 1834 e, com elles os dizimos, os rendimentos do mosteiro diminuiram enormemente, mas o fausto e grandeza d'outr'ora exforçaram-se por continuar esperando por dias melhores e que, afinal nunca chegaram. O desequilibrio entre a renda e a despeza que principiou a ser grande, mais augmentou quando ahi por 1840 a maior parte dos foreiros principiaram a fazer gréve, recusando-se a pagar as respectivas pensões. Alguns fornecedores do mosteiro, em parte commerciantes do Porto, começaram então a exigir os seus creditos e a recusarem-se fornecer os generos alimenticios que em grande quantidade remettiam semanalmente para Arouca. A miseria parecia avisinhar-se, então as freiras ao contrario das suas irmãs de Lorvão, que ao tempo já se deixavam morrer quasi de fome, principiaram a enviar desde esse dia para a cidade da Virgem carradas e carradas de prata em troca dos costaes de bacalhau e caixas de assucar que d'alli lhe vinham. Vendeu-se tudo, a esmo; não houve selecção nos objectos que se iam vendendo, nem tão pouco se procurou quem melhor os reputasse. Era o primeiro ourives que aparecia o comprador, satisfeito o peso da pra-

ta, como se fosse para fundir, estava o negocio ultimado. Seria curiosissima hoje, uma noticia circumstanciada d'esses objectos. Uma parte d'essa prata foi decerto logo fundida e applicada a novos usos, a outra mandada para o estrangeiro. Escaparam felizmente duas ou tres peças, para darem uma ideia do resto. São ellas uma custodia pertencente hoje á Sé do Porto que a obteve por compra, e dois calices da Misericordia da mesma cidade. Estes calices adquiridos pelo fundador do muzeu Allen, foram vendidos em leilão, e depois comprados por um padre Villaça, que os legou por sua morte um, áquelle estabelecimento de caridade e, o outro ao recolhimento de Nossa Senhora da Esperança. Foram expostos pela primeira vez na Exposição de archeologia e de objectos raros realisada no Palacio de Crystal do Porto em 1867. Na exposição retrospectiva d'arte ornamental em Lisboa em 1882, estiveram expostos na sala M. sob os n.os 106 e 193. Do primeiro ha uma reproducção lithographica no Catalogo d'aquella exposição e uma phototypia na collecção Relvas. O dr. Filippe Simões faz d'elle esta descripção:

«O maior dos calices que foram de Arouca (106) differença-se dos outros, que attribui aos fins do seculo XV ou aos principios do seculo XVI, pela maior prefusão, perfeição e delicadeza dos ornatos. E' um bello exemplar do estylo que, em correspondencia ao da architectura, se formou em Portugal no reinado de D. Manoel. Seria menos possivel attribuir á industria estrangeira este calix, do que á arte de outro paiz os edificios de Thomar, de Belem ou de Santa Cruz de Coimbra.

A base de muito maior altura que em nenhum dos outros, é distribuida em dose gomos, nas quaes se alternam ornatos e imagens de santos em baixo relevo, que se prolongam á maneira de arco, na parte superior, formando uma especie de nicho a cada santo.

Adorna a parte inferior da haste, junto da base, um corpo hexagono, acastellado, com arcarias, columnellos ou torrinhas e corucheus extremamente delegados. Dois outros corpos semilhantes formam o nó; o inferior, mais volumoso, tem seis nichos, com outras tantas estatuetas.

A copa, muito grande e ornada de anjos tocando harpas e orgãos portateis, na zona superior e na inferior, de bellos ornatos em baixo relevo do estylo Renascença, muito semilhantes aos do gomil mais ornamentado de sua magestade el-rei o senhor D. Fernando.

Restam na mesma linha circular, que separa as duas zonas, doze anneis pequenos, seis dos quaes serviriam decerto para suspender tintinabulos, e os outros seis, em correspon-

dencia com outros tantos na parte mais baixa da zona inferior, serviriam da mesma sorte para fixar seis ornatos que se alternariam com os tintinabulos. Esta particularidade, que não se encontra em nenhum outro dos calices expostos, devia dar ao de Arouca um aspecto singularissimo, augmentando ainda a exhuberancia da sua grande e complexa ornamentação. E' para lamentar que hoje não possamos fazer a menor ideia dos ornatos que se fixavam na copa, alternando-se com os tintinabulos.

Ao passo que este calix, pelas razões indicadas, sobreleva a todos os que se conhecem do mesmo estylo, o outro, do mesmo mosteiro, da mesma epocha, da mesma abbadessa D. Melicia de Mello, com uma patena muito semelhante, é uma obra que se não differença por nenhuma particularidade notavel, dos outros calices dos principios do seculo XVI.» (1)

Tambem cousas relativamente de menor valor, foram vendidas pelas freiras. N'este caso estão as capas dos chamados breviarios da Rainha Santa, dois volumes de pergaminho em 8.º maximo, escriptos em caracteres gothicos e que, hoje se guardam na Bibliotheca Nacional de Lisboa.

Os dois volumes foram recolhidos em principios de 1894 com os demais manuscriptos do extincto mosteiro de Arouca, pelo meu illustrado amigo o sr. Lino d'Assumpção, que para esse fim veio de proposito a Aveiro, e para onde os mesmos tinham vindo em 1892.

D'elles faz esta descripção aquelle distincto homem de letras:

«São elles dois tomos d'um missal, embora tivessem encadernações differentes. N'um encontram-se introitos, graduaes, tractus, prefacios, secretas, post communium, etc., tendo a meio o Canon da missa, que em tempo foi precedido de duas estampas, de ha muito cortadas á thesoura; no outro apenas se contém evangelhos. No primeiro abundam capitaes d'um desenho original, por vezes elegante, combinações de côres felicissimas e duraduras de grande conservação; no outro as capitaes são de menos cuidados, e pouca a variedade nos I, porque começam, em geral, quasi todos os evangelhos. As capitaes de ambos são feitas a azul, vermelho, roxo, verde e preto, havendo nas de phantasia varias gradações de uma mesma tinta. Na guarda do rosto do primeiro tomo, e na da ultima pagina do segundo, lê-se a seguinte nota: *Livro da rainha Santa.*

(1) A exposição retrospectiva de arte ornamental, etc. Lisboa 1882, pag. 83 a 85.

Os volumes foram, como já disse, primitivamente encadernados, com o tempo cahiram-lhes as capas, e para que se não perdesse a tradicção a quem tinham pertencido, mão piedosa escreveu-lhes a designação acima.

Mas, quem era *Rainha Santa?*

Não será arriscado conjecturar que fosse D. Mafalda, filha de D. Sancho I, a reformadora do convento de Arouca». (1)

As capas d'estes codices eram de prata, o que me parece ser desconhecido do meu amigo Lino d'Assumpção, e, ainda existiam no seculo passado. Completarei aquella curiosissima noticia, transcrevendo o que dois ourives, Martinho de Cerqueira e José Pereira Mendes, depozeram como peritos a proposito d'elles no processo para a canonisação da Rainha Santa Mafalda, e que é o seguinte:

«Que os dois livros manuscriptos chamados breviarios da Rainha Santa que se achavam decentemente collocados entre os dois relicarios que continham respectivamente as reliquias do leite e sangue de Santa Catharina e os dentes de Santa Apolonia e de outros Santos que estavam cobertos de chapas de prata lavrada e tinham cada um 1 palmo e um quarto de comprimento, 1 palmo de largura e quasi tres dedos de espessura.

E ainda que pela antiguidade a prata estivesse muito deteriorada, todavia ainda podia entender-se que nas chapas que cobriam os dois livros havia baixos relevos, isto é, n'um a imagem de um crucifixo de uma parte e da outra a imagem da Virgem Santissima e os doze Apostolos, registiam em ambas as partes ou incobertos de prata n'outro livro, mas muito deteriorados; e os mesmos livros pela sua antiguidade desarranjados». (2)

Ou porque o estado financeiro do mosteiro melhorasse, pois passados annos vencidas algumas demandas contra os foreiros, estes voltaram a pagar as pensões a que eram obrigados, ou porque as penas comminadas no testamento da rainha Santa Mafalda, para que nenhum abbade ou abbadessa, nem homem ou mulher, podesse alienar, dividir, mudar ou tirar do mosteiro os objectos do culto

(1) Boletim mensal da livraria de M. Gomes. 1.º anno—abril 1894, n.º 2, pag. 23.

(2) *Sacra rituum congregatione êmo, & rõmo domino card, corsinio lusitana, seu Lamecen. Canonisationis beatae mafaldae filiae sanchii. Igregis portugalliae reginae castellae ac deinde monialis ord. cistereiensis, ac reformatricis monasterii S. Mariae de Arouca. Positio super cultu—Romae, MDCCXC.* Pag. 205.

que ella lhe legára, atterrassem as freiras, susteve-se finalmente a venda, salvando-se assim um triptico de prata, uma cruz relicario de prata dourada, etc., cuja existencia ultimamente até era desconhecida das pupilas e mais pessoal interno do mosteiro. Julgava-se e com toda a razão que tivessem tido igual destino aos dos calices e demais preciosidades.

Quando em 1881 se tratou de reunir os objectos para a exposição retrospectiva d'arte ornamental que no anno seguinte se realisou em Lisboa, foi a Arouca o dr. Filippe Simões a fim de visitar o mosteiro e levar d'elle o que julgasse digno de ser exposto. O que então se passou é assim descripto por o finado archeologo e distincto homem de letras:

«Chegámos a esta villa (Arouca) no dia 30 de maio, e logo nos foi permittida a entrada no convento, para o que levava uma portaria do Governador do Bispado de Lamego.

Infelizmente aquelle rico e antigo mosteiro tem sido de tal sorte explorado, que hoje não se encontra alli uma só obra de arte com valor artistico, excepto a urna de ebano e prata em que se guarda o corpo de Santa Mafalda. Esta obra, parece do tempo de D. João V, é notavel pela elegancia da fórma, belleza e delicadeza dos ornatos, e valor das materias empregadas na sua fabrica.

.....

O grande templo, (1) construido no seculo XVIII, e todo cercado de largos corredores, adornados de pinturas, retabulos e altares. Debalde porém se buscarão n'elle tecidos, bordados, jarras, quadros ou alfaias de algum valor. Debalde se buscará um movel antigo pelas casas do vasto convento. Se, como é provavel, houve umas e outras cousas, totalmente desappareceram, substituidas por aquellas que alli hoje existem e que nenhum interesse offerecem archiologico ou artistico.

Da communidade restam apenas duas religiosas. Como tivemos de passar do côro á sachristia, demoramo-nos alli de proposito emquanto as criadas retiravam dos gavetões a maior parte dos paramentos com receio de que lh'os levassem. Julgo porém que entre elles não encontraria nada notavel. O que é certo è que as pobres mulheres, que até então pareciam muito abatidas, colheram novo animo ao sahirmos da sachristia. E. entrando depois na cosinha, grandiosa na fórma do costume da ordem, disse-me uma d'ellas, apontando para uma grande mesa de granito:

—Quererá v. levar esta mesa para a Exposição?

—Não, minha senhora, lhe respondi, é uma boa pedra que vv. ex.as devem conservar para pôr sobre as cousas que não queiram que se vejam.

(1) No original está «templo» mas deve ler-se «côro».

E n'outra occasião, dizendo-me que no tempo da invasão não tinham os francezes entrado no convento, observei:

—Pois dir-se-hia que não sómente francezes, mas italianos, inglezes e allemães teriam aqui entrado para levarem todos os objectos que houvesse no convento». (1)

O sarcophago em que repousa o corpo da rainha Santa Mafalda, foi mandado fazer por occasião das grandes festas da canonisação da mesma rainha, em 1792; é portanto mais moderno que a epocha indicada por o dr. Filippe Simões. O seu custo, incluindo o risco e condução, foi de 3:359$385 réis.

E' certo que as freiras occultaram muita cousa por occasião da visita dos delegados da exposição de arte ornamental de Lisboa, pois até a famosa cadeira abbacial esconderam, mas tambem não é menos certo que alguma cousa ficou á vista, que não é de todo destuida de interesse. A precipitação com que eram feitas estas visitas, deu em resultado ficarem por essas provincias além um sem numero de objectos tão ou mais dignos de serem expostos e estudados do que a maioria dos que se reuniram no Palacio das Janellas Verdes. Filippe Simões foi illudido pelas freiras que lhe esconderam muita cousa é verdade, mas tambem se illudiu a si proprio julgando o não visto, pelo que conseguiu vêr. O que lhe occultaram tinha e tem valor artistico e, senão que o digam o tripitico e a cruz relicario que, são as peças capitaes da presente exposição. Em abril de 1882, um anno depois de ter ido a Arouca o dr. Filippe Simões, fui alli para fim identico com o meu illustre amigo e distinctissimo engenheiro o sr. conselheiro Antonio Ferreira d'Araujo e Silva. Não podemos entrar no convento; fomos recebidos na grade pela abbadessa e uma outra freira para quem levavamos cartas de recommendação e a quem fomos apresentados pelos srs. dr. Vicente Carlos Teixeira Pinto e Manoel de Sousa e Brito.

O primeiro d'estes cavalheiros, antigo deputado e advogado muito distincto, havia prestado ao mosteiro relevantissimos serviços, pois fora a exforços seus que acabára a gréve dos foreiros a que me referi ha pouco. Ex-

(1) *Memorias postumas—Escriptos diversos de Augusto Filippe Simões, colligidos por ordem da secção de archiologia do Instituto de Coimbra.*—Coimbra 1888—pag. 328 e 329.

posto o fim da nossa visita, que era o colligir objectos para a exposição d'arte ornamental que se ia realisar em Aveiro, disse-nos immediatamente a abbadessa:

— Tudo que havia de notavel n'este mosteiro foi vendido para acudir ás necessidades da casa, presentemente nada temos que possa ir para a exposição, a não serem uma ou duas casulas.

Insistindo o sr. dr. Vicente Carlos Teixeira Pinto para que se procurasse bem na sachristia de dentro, pois tinha maximo empenho que, aquelle mosteiro a quem elle prestára tantos e, tão desinteressados serviços se fizesse representar n'esta exposição que era districtal, e por isso mesmo todos notariam e, com razão que do riquissimo mosteiro de Arouca nada alli apparecesse, respondeu-lhe a freira que acompanhava a abbadessa:

— Que quer v. ex.ª! nós dissémos aos senhores de Lisboa que aqui vieram o anno passado que nada já tinhamos, como poderemos agora proceder d'outra fórma!...

A *verdade* com que as freiras haviam fallado ao dr. Filippe Simões estava confirmada. Não insistimos mais. Despedimo-nos trazendo apenas d'alli uma casula de seda branca com ramagem tecida a fio de oiro e seda, unico objecto que nos emprestaram para assim continuar a prevalecer a ideia de que, o mosteiro já nada possuia de precioso.

Quando falleceu a ultima religiosa professa, em 1886, mais se confirmou a suspeita de que algumas cousas de valor existiam ainda no mosteiro. Veio então de Lisboa a Arouca, commissionado pelo governo, o sr. Manoel de Macedo, illustrado conservador do Museu Nacional de Bellas Artes e meu presado amigo, que logo me revelou a existencia do tripitico, cruz relicario e outros objectos de valor artistico que havia encontrado no mosteiro e que, na sua opinião deviam ser removidos para aquelle estabelecimento do Estado. Rompeu então rija campanha entre a direcção do Museu Nacional e os habitantes d'Arouca, sobre a posse das preciosidades artisticas do mosteiro, vencendo afinal estes, pois o governo fez concessão d'ellas á Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda e Junta de Parochia de S. Bartholomeu que, hoje as possuem e religiosamente as guardam.

*
* *

Entre todas as peças de ourivesaria expostas não ha nenhuma que vá além do seculo xv, e parece-me bem que em todo o districto não existe sequer hoje uma só de epocas anteriores.

O oratorio ou tripitico de Arouca (1) é o objecto mais notavel da ourivesaria. A tradicção dá-o como havendo pertencido á Rainha Santa Mafalda, a piedosa filha de D. Sancho I reformadora d'aquelle convento que tambem escolheu para sepultura. Esta tradicção conta já seculos é verdade, mas nem por isso póde ser admittida. O tripitico podia ter pertencido áquella Rainha e por ella sido legado ao mosteiro de Arouca, mas o que não é admissivel é que o mesmo não tenha passado dois seculos mais tarde por uma grande transformação. A capa de prata que o reveste completamente tanto externa como internamente, é obra do seculo xvi. Os que classificam como de bisantino o tripitico, querendo assim vêr a tradicção e nada mais, tomam como ponto de partida a verba do testamento da Rainha Santa Mafalda que atráz deixo transcripta. Isto não tem razão de ser.

N'aquelle documento não se especifica nenhum tripitico; do que alli se falla é d'um braço de prata «*brachium de argento cum omnibus reliquiis quæ ibidem inventae fuerint*». D'este braço de prata que, ainda existia no seculo passado como adiante se verá, não ha hoje noticia.

O tripitico, despido da capa de prata que presentemente tem, talvez fizesse tambem parte do espolio da Rainha Santa Mafalda, póde ser que esteja incluido na «*totam meam Capellam*» isto é, todas as minhas alfaias e vasos sagrados que ella legou ao mosteiro. Mas tivesse ou não sido pertença d'aquella santa rainha, o que é fóra de duvida é que o tripitico tal como está não é obra do seculo xiii.

A ornamentação vegetal é a que predomina na parte externa do tripitico que, como disse, é todo forrado de prata; é verdade que no seculo xiii se começaram a empregar na ornamentação architectonica os vegetaes indigenas (1) mas tambem é certo que este uso na ourivesaria não foi introduzido antes do seculo xv.

Ha alguns pontos de analogia entre a ornamentação do tripitico e a base do calix maior de Arouca, a que me referi

(1) *Noções elementares de archeologia*, por o sr. J. Possidonio Narciso da Silva. Lisboa 1878, pag. 170 e 171.

ha pouco. As figuras de santos que aquelle tem nas portas são as mesmas que se veem na base d'este, sendo igual a fórma do arco sob que está collocada cada uma d'ellas. O rendilhado que corôa o tripitico é egualmente semelhante ao que corre em torno da base do calix.

Aberto o tripitico, mais se accentua a epoca em que foi construido ou remodelado. A especie de portico que tem ao centro formado por um arco trilobado, as rosaceas de prata não douradas ou esmaltadas espalhadas por todo elle, os ornatos a *pointillé* e, finalmente a fórma nos caracteres dos letreiros que designam os nomes dos santos a que pertencem as reliquias que n'elle se guardam, são prova mais que, sufficiente para se ter como obra dos principios do seculo XVI e, parece-me que até para affirmar-se que foi mandado fazer por quem ordenou a feitura do maravilhoso calix, a abbadessa D. Melicia de Mello.

Quando em 1753 se organisou o processo para a canonisação da Rainha Santa Mafalda, foi o tripitico presente a dois ourives Martinho de Cerqueira e José Pereira Mendes, nomeados peritos para as obras de prata pertencentes ao culto da mesma Rainha que, fizeram a proposito d'elle esta declaração:

«Que a custodia chama'a *Sanctuario da Rainha,* que se achava convenientemente collocada na repartição superior do Armario das Reliquias dentro de uma Custodia, que continha as Reliquias do Leite e Sangue de Santa Catharina, e o braço de prata, que continha varias reliquias de Santos, era todo de prata lavrada e dourada com as respectivas portinholas, chavesinha e fechadura tambem de prata, toda guarnecida com uma renda de prata dourada, e era sustentado nos lados, por figuras do mesmo metal, que representavam Leões. A dicta custodia tinha tres palmos e meio de altura, tres palmos de largura, e no interior quasi um palmo. O vão d'esta Custodia estava dividido em 44 nichos, em que estavam dispostas por ordem outras tantas Reliquias de Santos, isto é, da *Santissima Virgem,* dos *Doze Apostolos,* de *S. José,* de *S. Joaquim,* de *Santa Anna,* de *Santo Evangelista,* do *Patriarcha S. Bento* e *S. Bernardo* e de outros Santos e Santas com as suas respectivas inscripções, em cada um dos mesmos nichos gravados em prata a buril. Nas portinholas com que se fecha a dita custodia havia quatro baixos relevos de prata representando respectivamente os Apostolos S. Pedro e S Paulo e os Patriarchas S. Bento e S. Bernardo. (1)

(1) *Sacra ritum congregatione,* etc. Pag. 205.

Os mesmos peritos foram de parecer que o santuario devia contar cinco seculos de existencia, attenta a boa qualidade da prata e a fórma e execução da obra. Julgaram mal. Os lavores e execução do trabalho indicam logo á primeira vista uma epocha muito mais recente.

Mais antiga que o tripitico, menos espectaculosa do que elle mas muito mais elegante, é a cruz de prata dourada pertencente tambem á Real Irmandade da Rainha Santa Mafalda (2) e, que foi como aquelle do mosteiro d'Arouca. E' um exemplar muito notavel; na exposição d'arte sacra onde esteve, não havia semilhante nem me recordo de ter visto egual nas exposições de 1882, em Lisboa e Aveiro. A base sobre que assenta é um enxerto moderno e tão mal feito, que o mais leigo o reconhece logo á primeira vista. De certo pertenceu a um calix a julgar pela sua fórma hexagona. A base primitiva, se a teve, essa, devia ser quadrangular. A cruz muito apreciada por Sua Magestade a Rainha D. Amelia, quando no dia 27 de junho ultimo visitou a exposição d'arte sacra, foi depois desenhada pela mesma senhora no Paço da Pena nos dias 16 e 17 d'agosto findo.

Do seculo xv é egualmente o calix da freguezia da Vera-Cruz (3). Pertenceu á antiga confraria de Santa Maria de Sá, composta de pescadores e marinheiros, e cuja origem remonta ao seculo xiv. Figurou na exposição retrospectiva de arte ornamental em Lisboa, em 1882 (sala M n.º 75). O respectivo catalogo classifica-o como sendo do seculo xvi e o dr. Filippe Simões por esta fórma:

«O calix da Vera-Cruz, de Aveiro, (75) aproxima-se já dos exemplares do seculo XVI nos ornatos de applicação na copa e de relevo na base; mas o nó volumoso, faceado, e os losangos que o adornam são caracteristicos do seculo XV. E' tambem de caracter anterior ao seculo XVI o engradado do bordo ou frizo da base e o plano liso, que tem á roda.» (1)

D'uma epocha, relativamente mais moderna, é o calix de Cacia (4). Pertence á segunda metade do seculo xvi, como o indica o lavor gravado de *rotulos* e *pendurados* que cobrem o pé e a base. Da mesma epocha são as cus-

(1) *A exposição retrospectiva de arte ornamental portugueza e hespanhola em Lisboa—Cartas ao redactor do «Correio da Noite»*—Lisboa, 1882—pag. 73.

todias de S. Thiago de Riba Ul (5), de Cedrim (8) e de Pecegueiro (6). Esta ultima foi recomposta; a parte superior, em estylo manuelino, difere completamente do pé, haste e nó. A segunda, posto seja a mais moderna das tres, é a mais bem acabada e a mais elegante; comtudo as cupulas são iguaes em todas, até o coroamento de ambas é o mesmo, a imagem de Christo Ressuscitado; as columnas são semilhantes e a ornamentação tambem quasi que a mesma; a fórma e numero dos tintinabulos é que diverge. Pódem todas dizer-se estylo renascença. Passando em silencio as custodias de Villarinho do Bairro (7), Roccas (12) e S. João de Loure (335) mas que como objectos d'arte valem pouco, resta-me fallar da d'Ilhavo (9) e da de Oliveira d'Azemeis (10). Esta é um exemplar modesto, mas ainda assim de bastante merecimento, quanto a execução do hoje chamado estylo D. João V; aquella que é um typo nada vulgar entre nós, é no seu genero uma belleza. Deve ser obra do seculo XVII e representa admiravelmente a transição que no seculo seguinte se operou nas nossas custodias, em que o relicario perdeu por completo a fórma rectangular para tomar a circular ou de resplendor. A execução da haste, nó, e ainda mesmo a da base, é primorosa e o todo muito elegante.

Desconhece-se a sua proveniencia. Diz-se que foi comprada em Lisboa nos fins do seculo XVIII e trazida então para Ilhavo. Em 1808 não teve a sorte de tantas outras que foram parar ás mãos dos francezes, porque a pessoa que a tinha sob a sua guarda, a occultou n'uma cova que abriu sobre a abobada do côro da egreja e alli a conservou até 1814 ou 1815. Todas as julgavam perdida, quando n'um dia de festividade aquelle individuo a foi desenterrar e atravessou com ella triumphante por entre a multidão que enchia o vasto templo e onde echoou logo um brado unisono de alegria e agradecimento ao vel-a. Bem disseram todos então feliz lembrança do honrado juiz da egreja em esconder a custodia, salvando assim das garras do exercito invasor tão preciosa alfaia.

A custodia da Irmandade do Senhor Jesus do Bemdito (11) e que é muito elegante tambem, pertenceu ao convento de Sá, d'esta cidade. O calix e a pyxide da extincta mitra de Aveiro (48) e a pyxide de Roccas (43) devidos sem duvida á industria nacional e em que é palpavel a influencia das alfaias vindas para a capella de S. João Baptista, de

S. Roque, são supplantadas pela pyxide de S. João de Loure (24) no mesmo estylo é verdade, mas muito mais ornamentada. N'esta, os ornatos da copa são mais cuidados e os arabescos que povoam a haste e o pé finamente cinzelados.

Das cruzes procissionaes as mais notaveis são a de Roccas (14) e a da Vaccariça (15). Ambas do primeiro terço do seculo XVII, são bellos exemplos dos differentes processos da officina, o lavor de martello, de lima e buril. Foi ao que parece bastante vulgar este genero de cruzes n'esta circumscripção, pois apezar das muitas que levaram os francezes, ainda sei da existencia d'umas dez ou doze. Estas duas escaparam á furia d'aquelles verdadeiros piratas pela seguinte fórma, segundo me foi contado por pessoas de inteiro credito. O parocho da freguezia de Roccas, tio-avô do actual, escondeu a cruz, custodia e pyxide n'um falso que havia na torre da egreja, e fez espalhar que tinham roubado o templo, simulando um arrombamento. O embuste passou em julgado e, as pratas salvaram-se. A cruz da Vaccariça, foi mettida n'um forno arruinado conjunctamente com a de Luso e a da Pampilhosa, freguezias visinhas, e assim escaparam tambem.

Das tres imagens da Virgem, expostas, pertencentes á Irmandade de Nossa Senhora do Rosario de Esgueira (16) Real Irmandade de Santa Joanna Princeza (38) e ao sr. Barão de Cadoro (331), a primeira é a mais antiga. Pertence ao seculo XVII, emquanto que as duas restantes são já do seculo XVIII. Em todas o estylo é pesado, sobresahindo comtudo a ornamentação da base da ultima, que apezar de *boroco* não deixa de ser elegante. A segunda é de todas a de melhor esculptura. Pertencia a uma das capellas interiores do convento de Jesus, a de Nossa Senhora do Rosario, e parece que foi dadiva da fundadora da mesma capella.

Dos relicarios pódem considerar-se como formando um só grupo os da extincta mitra de Aveiro (44) o do sr. Manoel Antonio Loureiro de Mesquita (52) e os da Real Irmandade de Santa Joanna Princeza (337). Todos do mesmo estylo e execução, prata abolhada ou rebatida, variam apenas na altura. São todos do seculo XVIII e, os que hoje pertencem á Real Irmandade de Santa Joanna foram da capella de Nossa Senhora das Dôres, do convento de Jesus.

O da egreja d'Albergaria (36) todo de prata lisa, tendo ao centro um medalhão em filagrana, é d'uma epocha mais remota, meados do seculo XVII, mas não menos elegante. Notavel não só pela grinalda de flôres em folha de prata que o guarnece, como tambem pela proveniencia attestada n'uma indicação manuscripta que tem nas costas é o relicario da Junta de Parochia de S. João de Loure (25).

Diz a inscripção manuscripta:

«Offerta do Reitor Balthazar da Camara Magalhães, que o recebeu de seu irmão fr. Bernardo da Camara Magalhães, e este a recebera de D. fr. Miguel de Bulhões, bispo de Leiria».

Todos os tres são filhos de Aveiro; o ultimo nasceu em Verdemilho a 13 de agosto de 1706. Antes de entrar para o convento de Nossa Senhora da Misericordia (S. Domingos) chamava-se Miguel José Correia da Silva. Foi primeiro bispo do Pará d'onde passou para o bispado de Leiria em 1761. Morreu em 1779 (1). Fr. Bernardo da Camara, foi egualmente religioso no convento de Nossa Senhora da Misericordia, e foi elle quem primeiro asseverou de que D. Catharina d'Athayde, sepultada na capella mór da egreja do mesmo convento, fôra a causa do desterro do nosso grande epico e quem elle cantára sob o nome de Nathercia. Foi levado por indicações manuscriptas deixadas por elle, e algumas das quaes ainda existem, que em 1853 o dr. Bento Xavier Rodrigues de Magalhães seu sobrinho-neto, escreveu uma extensa carta a Garrett e que, foi publicada pelo sr. Francisco Gomes de Amorim na sua edição dos *Lusiadas*.

Outro relicario da Real Irmandade de Santa Joanna Princeza (23) não se recommenda senão pelo seu precioso contheúdo. E' tradicção constante no convento de Jesus que os formosissimos cabellos que n'elle se guardam pertenceram à Princeza Santa Joanna e, foram os mesmos que lhe cortaram ao lançarem-lhe o habito dominico em 25 de janeiro de 1475, facto que fr. Luiz de Sousa descreve assim:

«Começou a cerimonia depois de uma devota pratica da Princeza, e offerecer-lhe a cabeça para dar os cabellos d'ouro

(1) *O Couseiro ou memorias do bispado de Leiria*—Braga, 1868—pag. 345.

em penhor, e primicias do sacrificio, que se fazia a Deus. Cortou-lh'os a Prioreza, mas com tantas lagrimas, que quasi que nem os olhos viam, nem as mãos acertavam o que faziam. (1)

Soror Catharina Pinheiro, com menos galas de linguagem, mas decerto com mais verdade, falla por esta fórma da cerimonia:

«Assim a devota senhora se pôz de joelhos ante esta madre. Ajudando-a as freiras soltos seus formosos e compridos cabellos madre prioreza Brites Leitoa lhos cortou com muita veneração e cortezia deramando muitas lagrimas e dando louvores a Deus.» (2)

Da mesma epocha do relicario é sem duvida o cofre como este pertencente á Real Irmandade de Santa Joanna Princeza (22) e que como elle contém reliquias da sua santa padroeira. No cofre, do lado opposto ás armas reaes portuguezas, veem-se as da Ordem Dominica como aquellas, abertas a buril, e no fundo esta inscripção: *Sendo, Prioreza-madre-sôr-Isabel-da-Visitação—1701* (3). Não era necessario este testemunho para se conhecer que o cofre era obra do começo do seculo XVII, pois os ornatos de cercadilho que n'elle se veem são caracteristicos d'esta epocha. Dentro do cofre está uma parte do habito e da camisa com que a Santa Princeza falleceu, uma correia e um rosario. Este ultimo é notavel pelos engastes de oiro que seguram as contas e bem assim pela cruz que é de filagrana de oiro, de delicado lavor. Julga-se ter pertencido tambem á mesma Santa Princeza, não podendo ser argumento em contrario, a obra de filagrana, pois este processo de trabalho, ao contrario do que muitos pensam, é antiquissimo. Estas reliquias, incluindo o cabello, estavam n'um só cofre depositado no côro de cima e quando em junho de 1689 o bispo de Coimbra D. João de Mello veio examinar os restos mortaes da Princeza e proceder a um

(1) *Historia de S. Domingos*, liv. 5.º, part. 2.ª, cap. 3.º.

(2) *Breve memorial da mui excellente Princeza e mui virtuosa senhora Infanta D. Joanna, nossa senhora, filha do mui catholico e christianissimo rei D. Affonso V e da rainha D. Izabel sua mulher.* Fl. 75, v.

(3) Esta religiosa professou no convento de Jesus em novembro de 1755.

longo inquerito para o processo da beatificação, e foram tambem examinadas por este prelado que tirou uma pequena parte de cada uma d'ellas para mandar para Roma. Na feitura do cofre procurou-se imitar o desenho do grandioso tumulo em que jaz presentemente a Santa Princeza e que, ao tempo estava em construcção, pois foi começado em 1699.

Da mesma epocha, mas com uma ornamentação mais pesada e espectaculosa é o cofre do sr. Visconde de Valdemouro (19). O mais antigo e mais elegante dos tres é o da Misericordia (18). Parece que antigamente era destinado para expôr o Santissimo em quinta-feira maior. Esteve na exposição retrospectiva de arte ornamental em Lisboa em 1882.

Um dos trabalhos da exposição mais bem cinzelados, mais finamente executados, é a garrafa de prata do sr. Visconde de Valdemouro (42). Parece ser trabalho oriental. Na casa do illustre titular é tradição haver sido trazida de Hollanda. Foram com effeito em tempos idos muitas as relações que os antepassados de s. ex.ª tiveram com aquelle paiz, de quem foram aqui representantes consulares. Negociantes de grosso tracto na nossa praça quando Aveiro era um dos primeiros portos de Portugal, nobilitaram se pelo seu trabalho honrado e prestadio, vindo um d'elles João Rodrigues Branco, a constituir um vinculo em 1749 de que, foi ultimo administrador o sr. Antonio Maximo Branco de Mello, pae do sr. Visconde de Valdemouro.

O nosso primeiro critico d'arte o sr. Joaquim de Vasconcellos, é de opinião que a garrafa pertence a um aparelho de fumista turco (1). Pertenceria muito embora, a applicação porém que lhe davam os antepassados do seu feliz possuidor, era o levar agua de flôr de larangeira, para o lavabo quando se baptisava algum dos filhos da casa, e, foi isto o que, me levou a pedil-a por emprestimo para a Exposição d'arte sacra ornamental de Lisboa onde esteve.

De uso profano foram sem duvida as joias expostas sob os n.os 21, 33, 35 mas hoje, e, ha já muitos annos servem de adorno a imagens de santos e, como taes foram expostas. Productos da industria dos seculos XVII e XVIII, em

(1) *Exposição de arte sacra ornamental*, «*Commercio do Porto*» de 2 de agosto do corrente.

todas o engaste é de delicado lavor. Estiveram na exposição retrospectiva de arte ornamental em Lisboa em 1882; e a primeira, um bello collar de diamantes, dá-o a tradição como havendo pertencido a D. Mecia Pereira, uma das fundadoras do convento de Jesus, o que, não é admissivel, pois não ha n'elle nada que o caracterise como trabalho do seculo xv.

Do seculo xvii é do mesmo modo o rosario de filagrana d'oiro da Real Irmandade de Santa Joanna Princeza (45) e, que no seu genero é um verdadeiro primor. Foi o mais notavel que, appareceu na exposição d'arte ornamental em Lisboa, onde esteve e onde havia outros tambem de valor, como o confessa o proprio dr. Filippe Simões. (1)

Ainda da mesma epocha são as galhetas de crystal e prata da Real Irmandade de Santa Joanna Princeza (34) que do mesmo modo que todas aquellas joias, estiveram na exposição d'arte ornamental em Lisboa em 1882, e, na d'arte sacra na mesma cidade em junho ultimo. Muito elegantes na fórma e quasi que, inteiramente cobertas de bellos ornatos e delicados lavores, são um verdadeiro oasis entre os desvarios do seu «*baroquismo*».

Do mesmo estylo, mas lindissima, é a cruz peitoral de crystal e oiro da extincta mitra de Aveiro (50). Pertenceu ao primeiro bispo de Aveiro D. Antonio Freire Gameiro de Sousa, bem como uma outra, riquissima, de esmeraldas e brilhantes, que está reproduzida no quadro que representa o mesmo prelado (266) e que, não foi exposta por não ter sido pedida a tempo ao sr. Bispo Conde. Diz-se que estas duas cruzes foram offerecidas áquelle prelado por uma dama de linhagem muito illustre, sua noiva promettida, antes d'elle ser ecclesiastico e que, depois morreu freira em Santa Clara, de Coimbra.

Um outro trabalho em filagrana de oiro muito apreciavel, é a medalha com a cruz de Christo (39). No catalogo da exposição de Lisboa em 1882, onde esteve, vem classificada como do seculo xvi.

Entre as peças de prata branca occupa logar distinctissimo o jarro e a bacia *d'agua das mãos* do sr. Annibal Fernandes Thomaz (27 e 28). O jarro principalmente, é

(1) *A exposição retrospectiva de arte ornamental*, etc.— Lisboa 1882, pag. 114.

elegantissimo e, tão bello o trabalho que se póde talvez attribuir aos celebres ourivezes Germain, e, se não é obra d'elles é uma das mais felizes imitações dos seus trabalhos.

Trabalho indiano e muito apreciavel são o crucifixo de marfim e prata da extincta mitra de Aveiro (336) e a cruz tambem de prata do sr. dr. Manoel Massa (320). Esta ultima é recortada *au jour* e o vulto do Christo é de bronze. Pertenceu a uma religiosa do convento de Santa Anna, de Coimbra, que a mandou cortar para assim a poder collocar em um pequeno oratorio.

II

Em tecidos e bordados é muito mais riça a exposição. Esta secção é importantissima e, por si só podia formar uma exposição. Como na ourivesaria não ha n'ella exemplares d'uma grande antiguidade e, nem mesmo estes, segundo creio, existem hoje no paiz. O mais antigo que se conhece e, esse mesmo é unico, não vae além do seculo XIII. (1)

Dos exemplares expostos não ha nenhum anterior ao seculo XVI, mas d'esta epocha ha bastantes e, muito notaveis. Um chega já a ser uma maravilha. E' a casula da egreja d'Albergaria (53). Está alli fielmente reproduzida a architectura, a pintura e a ourivesaria da epoca manuelina. O velludo carmezim com os seus ramos tecidos a oiro, substituiu decerto outro tecido que, se inutilisou. E mais moderno do que os sabastos não obstante estar muito mais deteriorado do que elles. Estes que offereceram muito mais resistencia aos estragos do tempo e á furia d'um sachrista que tentou converter a casula em rodilhas (2), são de admiravel trabalho. O sabasto central representa na parte trazeira o Salvador, sentado n'um throno, S. João Evangelista, em pé, e Santo André, sentado; na parte

(1) E' uma mitra encontrada por occasião da exposição d'arte ornamental na egreja da Ermida, perto de Castro Daire e que hoje está no Muzeu de Bellas Artes.

(2) Este ultimo facto foi-me asseverado quando em abril de 1882 visitei a egreja de Albergaria com o meu illustrado amigo e distincto engenheiro o sr. conselheiro Antonio Ferreira de Araujo e Silva, em busca de objectos para a exposição d'arte ornamental em Aveiro.

dianteira S. Thyago e S. Paulo, ambos sentados. A expressão das figuras, rostos principalmente, é inexcedivel. E quão formosissimos não são os baldaquinos sob que cada um se abriga!

Affirmou-se já que, esta preciosidade fôra offerta dada á egreja d'Albergaria pelas freiras do convento de Jesus, a quem pertencia a apresentação dos parochos. E' possivel até que a casula fosse executada no proprio convento, pois não é temeridade o affirmar que o bordado é nacional. E' certo que, alguns paramentos semilares existentes ainda no paiz vieram da Italia e Flandres, mas tambem não é menos verdade que, alguns foram executados em Portugal, e, a não ser assim não teria escripto Francisco de Hollanda:

«Serve o Desenho na obra dos sabastros, almaticas, vestimentas e capas de pontifical com santos ou anjos, como fiz a El-Rei, que Deus tem, magnificamente, para Belem, a qual obra não acabou a Rainha Nossa Senhora por seus trabalhos, V. A. deve mandar acabar.» (1)

E' certo que até ao fim do seculo XVII importavamos primeiro de Flandres, França e Italia e depois da Persia e India as sedas e os estofos caros, mas muito antes se bordava já superiormente em Portugal. O Paço era o primeiro a dar o exemplo, mantendo sempre a rainha uma sala bem guarnecida de *lavandeiras de bastidor*. Muitas senhoras da primeira nobreza empregavam os seus ocios debuxando e bordando e, o mesmo se fazia nos conventos de freiras onde nem sempre a oração era sufficiente para fazer esquecer as saudades do mundo. D. Manoel, por alvará de 13 de julho de 1510, ordenou ao Thesoureiro da Casa da India que, désse á abbadessa de Santa Clara de Coimbra doze onças de aljofar para bordar uns capellos de vestimentas, a saber 4 onças do mais grosso, e 8 do mais miúdo, não sendo de preço de mais de 1$000 réis por onça uns por outros, de cujo aljofar fazia esmola áquelle mosteiro. (2)

---

(1) *De quanto serve a sciencia do desenho*, cap. III. Publicado pelo sr. Joaquim de Vasconcellos na sua *Archeologia artistica*, vol. 2.º, fasciculo 4.º.

(2) J. Pedro Ribeiro—*Dissertações chronologicas e criticas*. Tom. V., pag. 331.

O convento de Jesus foi sempre desde o seu começo uma verdadeica escola de lavor; quasi todos senão todos, os riquissimos paramentos, hoje da Real Irmandade de Santa Joanna Princeza, e que, formavam um dos melhores patrimonios d'aquella casa religiosa, foram executados ali. Mas de tantas bordadoras insignes só um nome chegou até nós, soror Maria das Chagas, que fr. Lucas de Santa Catharina diz ser «singular em obras de agulha, dextra em debuxos e na inventiva d'elles». (1)

Decerto são tambem obra das mesmas religiosas os riquissimos frontaes (54, 55, 57 e 58), dos meados do seculo XVI e principios do seculo XVII. Só um porém está intacto, é o n.º 54; todos os mais foram recompostos. Os fundos que, ou eram iguaes aos d'este ultimo, isto é, de seda branca profusamente bordada a ouro ou então de veludo liso, foram substituidos por tecidos de ouro e prata sem duvida de fabrico italiano, e de que, no convento ha bastantes especimens. Os bordados das fachas é em todos primoroso; o desenho no geral optimo é mais pesado no que tem o n.º 58, mas ainda assim similar. Este ultimo pertencia á capella do Senhor de Jesus, (Capitulo); o n.º 54 á capella de Nossa Senhora d'Assumpção, (Primitivo Capitulo); o n.º 55 á capella de S. João Baptista como o indica o cordeiro que tem na facha superior; e o n.º 57 á de S. João Evangelista como o está demonstrando a aguia com o cesto no bico. As fachas do n.º 56 ao contrario de todas as outras são de tissu, sendo o bordado egualmente de grande belleza.

Um frontal deveras interessante é o que, está exposto sob o n.º 56. E' tambem do seculo XVI, mas o que elle não é decerto, é trabalho nacional. O fundo é como na maioria dos já descriptos, de brocado; os sabastos, esses, são de setim inteiramente cobertos de bordados a seda frouxa e oiro, representando além de flôres symbolicas, pavões imperiaes, e o Fong-Hoang, especie de ave do paraizo, tudo no mais bello colorido. Basta olhar-se para o bordado para logo se attestar a sua proveniencia oriental. Decerto as fachas d'este frontal são resto de maior quantia, fragmento talvez de uma grande colcha ou *sobre-ca-*

(1) Terceira parte da *Historia de S. Domingos*. Liv. IV, cap. XVIII.

ma. No districto ha-as congeneres, possue-as o sr. conde de Castello de Paiva.

E' notavel que havendo no convento de Jesus tamanha variedade de tecidos e bordados, não haja alli nada semilhante. E' unico. Quem sabe; talvez fosse mimo de algum prior do visinho convento de Nossa Senhora da Misericordia, cuja ordem era a mesma e, onde em tempo existiram preciosos estofos orientaes. Mandava-lh'os da India o bispo de Malaca D. fr. Jorge de Santa Luzia, filho que fôra do mesmo convento. (1)

---

(1) «Este D. Jorge de Santa Luzia foi filho d'esta casa e n'ella fez profissão em 21 de junho de 1528, como consta do livro das profissões d'este mosteiro a fl 12, no fim da 2.ª lauda; mandou a este mosteiro dinheiro por vezes e *muitas sedas*, e ultimamente mandou em dinheiro 3500 cruzados. que eu ajudei a cobrar em Lisboa com o P. Fr. Manoel de Sousa, prior que então era d'este mosteiro. Este dinheiro todo veio a este mosteiro 1500 cruzados para um ornamento de brocado, 2000 cruzados para se comprar juro (emprestar a juro) ou fazenda pela missa conventual d'este mosteiro que lhe applicarão por sua alma como consta de uma carta sua para o prior d'esta casa feita em Goa a 20 de setembro de 1578, que eu vi e li. Está n'este cartorio em que por agradecimento de os padres d'este convento lhe darem e offerecerem esta missa conventual, mandou a este convento.

Todo este dinheiro se consumiu sem se comprar juro (emprestar a juro) nem fazenda por culpa dos Priores d'este mosteiro porque 1000 cruzados que se compraram (emprestaram) a estas freiras (do convento de Jesus) se gastaram pouco a pouco nos gastos da casa, e os 2500 cruzados, entrando n'esta villa por força de armas D. Antonio que então estava levantado por Rei, um Padre velho enterrou este dinheiro no nosso pomar e com tão pouca cautela que foi visto e o tomou um soldado, e levou aquella noute a Coimbra. Sabido por D. Antonio, o mandou buscar e o tomou para suas necessidades e deu um escripto seu em que promettia de o pagar. Este assignado rompeu um certo prior d'este mosteiro, e quando El-Rei Filippe II de Castella tomou este Reino, mandando pagar todas as dividas que devia D. Antonio com as rendas do Crato de que elle D. Antonio era prior senão pagou esta foi por estar roto este escripto.

Depois no anno de 1500 vindo a este mosteiro o P.e mestre Fr. Jeronymo Corrêa vigario que então era d'esta provincia que se fôra a Roma informando de como este dinheiro se perdera, e com o parecer dos padres d'este mosteiro, applicou a missa conventual em capella perpetua pela alma do D. Bispo com declaração, que havendo-se de dizer alguma missa de alguma festa em outro altar d'esta egreja ou de defunctos

O frontal do sr. Manoel de Mello Freitas (39) é um bello e raro especimen do trabalho de agulha do seculo XVI. Nas exposições d'arte ornamental de Lisboa e Aveiro em 1882 não appareceu exemplar algum semillar, nem até então se conhecia outro qualquer exemplar no paiz. Na exposição d'arte sacra ornamental ha pouco realisada na capital, appareceu porém um. Pertencia ao Seminario de Evora e tinha sido recomposto. O fundo era de veludo branco, de algodão lavrado, da actualidade.

Notaveis pelo estofo, que sem duvida é do mesmo seculo XVI, são a capa d'asperges de Albergaria (71) e, o frontal da freguezia da Gloria (65). Parece que a ramagem de veludo que se destaca sob o fundo dourado foi tosquiada, processo de fabrico hoje esquecido. No frontal os galões e franja, são de moderna data e, tão ordinarios que, se tornam indignos do logar que occupam. O estylo dos sabastos da capa é igual ao do frontal. Na exposição de arte sacra em Lisboa no presente anno onde esteve exposta a capa, havia apenas um exemplar semilhante, era um frontal do Seminario de Portalegre.

Do seculo XVI são ainda os quatro reposteiros da Irmandade de Santa Joanna (63), tudo o mais que se acha exposto n'esta secção é mais moderno. Digo reposteiros porque sempre assim os vi designar, e, não porque elles propriamente o sejam. A avaliar pelo fim a que antigamente eram destinados, o forrar as paredes da capella de S. João Baptista, do convento de Jesus, e, mesmo pela sua fórma, póde muito bem dar-se-lhe a denominação de pannos de armar, pois pannos de armar não eram só os razes como se crê geralmente, mas tambem tapessarias de ouro, de prata e de seda (1). Cada um dos reposteiros apresen-

---

por algum frade, ou de alguma obrigação, se dissesse a missa conventual entoada com os padres, os quaes pelo menos forem 4, e app'icação para esta obrigação as nossas agras aqui da villa.

De tudo isto sou eu (Frei Thomé dos Reis) testemunha de vista, que a tudo me achei presente. *Tombo do Convento de Nossa Senhora da Misericordia da villa de Aveiro*, fl. 166 v. Este manuscripto guarda-se presentemente no Archivo da Repartição de Fazenda do districto de Aveiro.

(1) *Narratione | particolare | del Capitan Francesco de Marchi da | Bologna, | del gran feste, e trionfi | fatti in Portogallo | ed in Fiandra | nello sposalitio dell' Illustrissimo, & Ex-*

ta dois tons, o ouro é lavrado sobre um fundo amarello e a prata sobre um fundo vermelho, figurando albarradas de bello desenho. Diz o sr. Joaquim de Vasconcellos que são os exemplares mais perfeitos, de maiores dimensões e de melhor estylo que tem visto em Portugal. (1)

Alguns d'estes paramentos especialmente, a casula de Albergaria e o frontal n.º 54 são a imagem viva do esplendor que entre nós attingiu no seculo XVI a architectura e a esculptura em pedra, são pedaços das sumptuosas egrejas da Ordem de Christo em Thomar e, dos Jeronymos e da formosissima torre de Belem, feitos de fio de oiro e seda. E' notavel coincidencia a transição porque entre nós passou á architectura ao finalisar o seculo XVI e, durante a primeira metade do seculo XVII, isto é a corrupção ou falta de bom gosto que se observa nos monumentos d'esta epocha, verdadeiro espelho dos males da patria, pois a elegancia e bellezas d'outr'ora absorveram-os por completo as saudades de Alcacer-Kivir, o captiveiro dos sessenta annos e os sacrificios e cuidados para assegurar a liberdade conquistada no dia 1 de dezembro de 1640, está bem patente na capa d'asperges da freguezia da Gloria (60) na dalmatica e frontal da Irmandade de Santa Joanna (62 e 69). Que vacuo enorme entre uns e outros. O estylo d'aquelles é gracioso, leve e cheio de bellezas, o d'este, é pesado, monotono. Parece sentir-se alli os effeitos da famosa pragmatica de Filippe III que prohibiu em geral o uso dos brocados, telas de oiro ou de prata, lavores de aljofre em seda ou panno, passamanes de oiro, ou tecidos de fio precioso, ou bordados da India, etc. (2)

Tanto a dalmatica como a capa d'asperges fazem parte de paramentos completos; ambas são de brocado carmezim, com fachas de velludo da mesma côr mas de tom mais carregado e, com bordaduras de applicação. O dorsal da capa tem no meio de uma irradiação bordada a fio

---

cellentissimo Signore | in Sign Alessandro Farnese, Prencipe di Parma, | e Piacenza e la Sereniss. Donna Maria | di Portogallo. | Con licentia de' Superiori. In Bologna | Appresso Alessandro Benaci | MDLXVI. 4.º. nas *Cartas Bibliographicas* do sr. Fernandes Thomaz, segunda serie—Coimbra, 1877.

(1) *Exposição districtal de Aveiro em 1882 — Reliquias da arte nacional*—Aveiro, Gremio Moderno MDCCCLXXXIII, pag. 14.

(2) Lei de 29 de outubro de 1609.

dourado a imagem da Virgem do Rosario bordada a seda frouxa. O desenho é como disse já, *baroque*; o do frontal apezar de semilhante é mais gracioso. N'este, os bordados são contornados a requife; uma e outra cousa pertencem aos meados do seculo XVII.

No mesmo genero de bordado de applicação, ha na exposição um exemplar formosissimo. E' a casula do sr. Bernardino Maximo d'Albuquerque (63). Concorreu tambem á exposição de arte sacra ornamental em Lisboa e, alli não teve rival. Com a pureza do desenho, a graduação e harmonia das côres, rivalisa o acabamento perfeitissimo, na parte technica. O cordão e troçal que marca as linhas do desenho varia nas côres: amarello, branco, liláz, rosa e verde claro.

Na exposição d'arte ornamental em Lisboa em 1882, estava um riquissimo pluvial da abbadessa de Lorvão; de certo tambem existiu ali mitra correspondente, pois as freiras da ordem de Cister tinham estes attributos episcopaes, mas esta não appareceu. Em Arouca, convento da mesma ordem, ainda existe a mitra da abbadessa que, é a mesma que está exposta sob o n.º 69. Do pluvial não resta noticia. A mitra é de tecido de prata toda coberta de bordados a fio de oiro em alto relevo. Não só pelo estylo como pela fórma do escudo das armas reaes, póde attribuir-se ao seculo XVI. O brazão que, tem na parte opposta áquellas, rematado por uma corôa de conde é—uma facha ao travez no meio de duas flôres de liz.

Caracterisadamente orientaes e sobretudo de grande belleza são os paramentos da capella das Almas do Bussaco (61, 72 e 73). Estes bellissimos exemplares, pela vivacidade das côres parecem bordados hontem, quando é certo que contam já pelo menos mais de dois seculos. Como nas fachas do frontal da Irmandade de Santa Joanna (56) os motivos do bordado são flôres symbolicas, o Fong-Hoang e o cão de Fó. Ao centro do véu d'hombros, n'um circulo cercado de raios, em grandes caracteres, a divisa da Companhia de Jesus—*I. H. S.* E parece que, elles pertenceram com effeito á Companhia, pois vieram para o Bussaco da egreja do extincto collegio dos Nobres que, como se sabe, foi o antigo noviciado da Cotovia.

Na exposição de arte sacra ornamental onde estiveram havia alguns paramentos de diversa procedencia, mas

tambem de setim branco e, identico bordado. Pertenciam ás Juntas de parochia de Cascaes e de Santa Maria de Obidos e, ao Collegio das Missões Ultramarinas. Entre elles havia dois veus d'hombros, tendo ao centro um, a imagem da Virgem e, outro um grande *papillon*.

A mistura dos symbolismos orientaes com o catholicismo é documento comprovativo de que aquelles bordados não são um producto genuino da industria do Oriente mas sim uma imitação feliz d'elles, executada na India ou por portuguezes que, alli abriram numerosas officinas especialmente em Goa, durante o governo do grande Affonso de Albuquerque (1) ou pelas religiosas de qualquer dos conventos de freiras que havia na India. Fr. Agostinho de Santa Maria escrevendo sobre a egreja do convento de Santa Monica de Goa, diz o seguinte:

«Todas estas capellas e altares tem muitos ricos paramentos e armamentos, não só de grande custo e preço, mas obrados com grande perfeição em ricos bordados e lavores, porque ha n'aquelle mosteiro e houve sempre religiosas insignes n'esta parte de lavrar e bordar.» (2)

O reinado de D. João V foi um periodo de renascimento para as artes em Portugal. A fundação do convento de Mafra póde dizer-se uma loucura, mas feliz loucura, se a olharmos pelo impulso que com ella receberam as artes. D. João V, como a communidade a quem destinára o convento não podia possuir objectos preciosos de oiro ou prata, ainda mesmo que fosse para serviço do culto o que, contrariava sobremaneira o seu animo fastoso e dessipador, procurou conciliar este com aquella pobreza, encommendando no estrangeiro muitos paramentos o mais ricos que se podessem fazer, sem ouro nem prata. As regias ordens foram fielmente cumpridas, das officinas de Genova, Milão, Napoles e França vieram verdadeiras maravilhas em tecidos e bordados (3); e, n'um dos dias das festas da sagração da basilica fazia-se uma brilhante exposição no grande terreiro

(1) *Commentarios.* Vol. IV.

(2) *Historia da fundação do convento de Santa Monica*—pag. 463. Citado por o sr. Sousa Viterbo—*A exposição de arte ornamental—notas ao catalogo*—Lisboa 1883, pag. 20.

(3) *Monumento sacro,* por fr. João de S. Joseph do Prado, pag. 143 e 149.

do palacio de todos os paramentos e mais alfaias pertencentes ao culto, preciosos objectos d'arte, que o monarcha dissera ao entregal-os haverem-lhe custado tanto dinheiro como todo o edificio (1). A enorme quantidade de paramentos de damasco, setim e gorgorão branco, encarnado, roxo, preto e verde, bordados a retroz de côr de palha com maximo primor, foram então a admiração do corpo diplomatico e da côrte e depois de muito proveito para os bordadores nacionaes, «que ali encontravam em diversidade de modelos optimas lições de bom gosto e de perfeita execução» (2). Vinte annos depois nova escola se abriu aos bordadores portuguezes; foi a riquissima collecção de paramentos feitos em Roma e vindos para a capella de S. João Baptista na egreja de S. Roque. Entre estes ha tambem alguns de gorgorão bordados a retroz côr de oiro, (são os destinados ás missas rezadas) mas a sua maioria é de lhama branca e carmezim, roxa, côr de roza secca e verde, bordada a oiro. Para se avaliar da sua riqueza, basta dizer-se que, o bordado de oiro do paramento carmezim custou 5:496$000 réis. (3)

Estes muito mais que os de Mafra formaram logo escola, de fórma que em varios pontos do paiz não tardaram em aparecer muitos paramentos semilares. A lhama e o oiro deslumbravam mais do que o setim e o torçal dos arrabidos, aquelles, tiveram por isso poucos imitadores, emquanto que estes, os de S. João Baptista, foram immensamente reproduzidos. E' raro o paramento feito em Portugal na segunda metade do seculo XVIII que não seja de lhama e, o bordado imitação mais ou menos remota dos d'aquella capella. N'este ultimo caso estão os que se acham expostos sob os n.os 64, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 95 e 99, todos pertencentes á Real Irmandade de Santa Joanna Princeza e que foram, ao que parece, bordados no convento de de Jesus. Alguns, taes como os n.os 84, 91 e 92, são já

(1) *Descripção minuciosa do monumento de Mafra*, pelo sr. Joaquim da Conceição Gomes. Lisboa 1871, pag. 44.

(2) *As bellas artes em Portugal*. serie de folhetins do sr. I. de Vilhena Barbosa, publicados no *Commercio do Porto* em março de 1877.

(3) *A capella de S. João Baptista na egreja de S. Roque da Santa Casa da Misericordia de Lisboa*. (Noticia em portuguez e francez). Lisboa MDCCCXCIII, pag 18 e 19.

d'este seculo. O tecido do véu de calix e, da bolsa de corporaes n.os 88 e 89, é uma especialidade de que, ainda não vi outro exemplar. Nas exposições de arte ornamental em 1882 em Lisboa e, na de arte sacra no presente anno tambem na mesma cidade onde figuram, não havia semilhantes. No mesmo estylo d'aquelles paramentos, porém de estofo differente, é a casula da extincta mitra de Aveiro (79).

Quasi que do mesmo genero de bordado, mas mais bem acabado, são o pluvial e a casula da extincta mitra de Aveiro (75 e 77) e a capa d'asperges da Irmandade dos Passos (78). O da casula tem muito mais recamo mas o estylo é o mesmo e o bordado egual. Tem todos a mesma proveniencia. São productos da industria hespanhola, a uma de cujas cathedraes pertenceram. Todas as tres peças tem o mesmo brazão, um M sobreposto por uma estrella de sete pontas em santor, no timbre um chapeu episcopal; iam todas tres nas bagagens do rei José, na sua retirada para França. Faziam parte dos dois mil carros de bagagem que elle deixou abandonados perto de Victoria, em seguida ao brilhante feito d'armas com que n'aquella cidade, em 21 de junho de 1813, as tropas portuguezas se cobriram de gloria. Uma grande parte d'aquelles despojos foram arrecadados pelos soldados vencedores, em cujo numero se contava o batalhão de caçadores n.º 10, que finda a grande campanha passou a ter o seu quartel em Aveiro. Foram os officiaes inferiores d'este batalhão que trouxeram para aqui aquelles paramentos e, bem assim outros objectos de valor de que, hoje se ignora o fim que tiveram.

Bordado portuguez, são o véu de calix e a bolsa de sanguinhos da Irmandade da Rainha Santa Mafalda (83 e 84); a casula da Junta de Parochia de Esgueira (340) que pertenceu ao convento de frades dominicos d'esta cidade; e o quadro bordado a matiz do sr. Luiz da Silva Mello Guimarães (70). N'este ultimo as carnes são tambem bordadas e não pintadas, como geralmente se encontra, o que mais acentua ser o quadro trabalho nacional. Será obra da notavel bordadora lisbonense Maria Thereza da Conceição Borges? (1).

(1) *Uma bordadora portugueza do seculo XVIII*—artigo do sr. Rodrigo V. de Almeida na *Arte Portugueza* n.º 6 — junho de 1882.

Portuguez tambem, e documento valioso do grande progresso que, attingiu a fabrica do Rato no reinado de D. José, é a casula de veludo lavrado da extincta mitra de Aveiro (39). No mesmo estabelecimento fizeram-se tambem boas sedas de matiz e parece que mesmo em grande quantidade, pois exclusivamente destinados ao seu fabrico havia ali em 1766 desoito teares, (1) com tudo parece-me bem que, não são producto da fabrica do Rato as duas lindissimas cortinas da Real Irmandade de Santa Joanna expostas com o n.º 93. O que é talvez producto da fabrica do Rato é o véu d'hombros pertencente á Real Irmandade de Santa Joanna (98). Este genero de tecido só principiou a ser executado em Portugal depois que, veio para a fabrica do Rato em 1788 o artista francez Estevão Giugú (2). São interessantes os véus d'hombros da Real Irmandade de Santa Joanna e da Irmandade do Santissimo da Gloria (94 e 103), o primeiro pelo tecido e, o segundo pelo bordado. Este bordado que já é antigo, foi modernamente applicado sobre novo estofo.

Devéras curioso é o manto exposto pela Junta de parochia de Vagos (104). Pertence á ermida de Nossa Senhora de Vagos. Junto da antiga capella que ficava proximo da costa do mar e, cuja fundação se affirma haver tido logar no reinado de D. Sancho I, havia uma torre, especie de fortaleza, para reparo e defeza dos que a visitassem, diz fr. Agostinho de Santa Maria (3) que, affirma tambem ser ella obra do mesmo monarcha. Esta torre, de que ainda ha poucos annos havia claros vestigios, é a que se quiz reproduzir no bordado do manto, mas cuja fidelidade deixa decerto muito a desejar.

A bandeira da Real Irmandade de Santa Joanna Princeza (97), foi bordada no Porto em 1876. As armas que tem ao centro são as mesmas que emquanto viva usara a virtuosissima filha de D. Affonso V—uma lisonja partida em pala e esta esquartelada, no primeiro quartel as armas do reino e no segundo uma corôa de espinhos.

---

(1) *Noções historicas, economicas e administrativas sobre a producção e manufactura das sedas em Portugal, etc.*, por Acurcio das Neves—Lisboa 1827, pag. 65.

(2) Acursio das Neves—*Obra citada*—pag. 51.

(3) *Sanctuario Marianno*, tom. IV, pag. 678.

Disse dos paramentos o pouco que sabia, agora duas palavras ainda sobre os restantes tecidos—as colchas.

Na exposição d'arte ornamental em Aveiro em 1882, estiveram umas dez ou doze colchas bordadas, todas magnificas. Existem todas ainda no districto felizmente, mas a commissão não pediu nenhuma d'ellas, quiz apresentar exemplares novos, o que conseguiu brilhantemente.

De origem acentuadamente oriental são as do sr. Manoel de Mello (101 e 339). O genero de bordado da primeira e, bem assim o estylo e desenho da ornamentação, são muito semilhantes ao das fachas do frontal da Irmandade de Santa Joanna (56); a segunda bordada a seda cor de tijolo e verde, a ponto de cadeia, de estylo persa, e de bello desenho, é um dos mais melhores exemplares que tenho visto. As colchas do sr. Fernandes Thomaz (82 e 103) bordadas a matiz, cobertas de flôres e plantas bem estylisadas parecem ser trabalho nacional e, o mesmo se póde dizer da extincta mitra de Aveiro (338). A outra colcha do sr. Fernandes Thomaz (84) talvez não seja a melhor da exposição mas é sem duvida a que, produz mais effeito. O bordado é de mais elegante desenho e, a sua execução um primor. O azul empregado em dois tons está disposto com tal arte sobre o fundo branco, de leite, que o todo da colcha é d'uma suavidade e frescura sem egual.

III

Na presente exposição do mesmo modo que na de arte ornamental que em 1882 se realisou n'esta cidade, não se procurou apenas deslumbrar a vista do visitante reunindo de preferencia objectos de metaes preciosos como se fez então e, ainda agora em Lisboa. A arte popular não ficou esquecida, tem na exposição o seu logar de honra. E se encanta o vêr as preciosas alfaias de prata e oiro, primores artisticos d'um alto valor, testemunho do esplendor como nas ricas cathedraes e mosteiros se celebravam outr'ora as ceremonias do culto catholico, commove a fórma despretenciosa e simples como na modesta egreja da aldeia se deviam celebrar essas mesmas ceremonias, ao vêrem-se as pobres alfaias de cobre e estanho, que aqui occupavam o logar d'aquellas. Razão esta porque a commissão julgou e bem que, ao lado das galhetas de crystal de

rocha, cobertas de finissimos arrendados de prata dourada da Irmandade de Santa Joanna, houvesse outras de estanho e que, junto do formosissimo jarro de prata que parece sahido das mãos dos celebres Germain, do sr. Fernandes Thomaz, se visse outro de simples estanho tambem.

Ainda ha bem poucos annos que o serviço dos altares em muitas egrejas ruraes era todo de estanho e cobre. Hoje, quasi que nem uma cousa nem outra existe, tudo tem sido inutilisado, fundido. Os castiçaes, jarros e picheis expostos são restos de muito maior quantia, pois eram vulgarissimos entre nós os objectos d'estes metaes, especialmente os de estanho.

Quando principiaram a ser usados em Portugal, não o sei. O estanho foi um dos minerios começados logo a explorar no começo da monarchia o que, não obstava a que, já o importassemos do estrangeiro em bruto e manufacturado no tempo de D. Affonso III. Em 1516 as minas de estanho da Beira estavam a cargo de Gil Homem e Gonçalo Privado e era rendeiro do mesmo metal Ruy Mendes. As minas mais importantes, conhecidas no seculo XVII, diz Rebello da Silva foram as de estanho no concelho de Lafões, que a corôa dava de renda; e as de ferro em Penella e em Thomar, tambem arrendadas (1). Tinhamos a materia prima, mas não sabiamos ou não podiamos manufactural-o.

Até ao fim do reinado de D. Manoel quasi que não tivemos nem a grande nem a média industria, propriamente dita, recebiamos tudo de fôra. Como muitos outros productos industriaes importavamos o estanho em obra, de Flandres, especialmente de Bruges (2).

Christovam Rodrigues de Oliveira enumerando as industrias e pessoas que as exercitavam em Lisboa, em 1551, não se refere aos pecheleiros com quanto enumere a existencia de 57 latoeiros. (3)

---

(1) *Historia de Portugal dos seculos XVII e XVIII,* tomo IV, pag. 479.

(2) *Flandres et Portugal,* por Bussche—Bruges 1874, pag. 81.—Tableau des marchandises importeés par les portuguais depuis le VX siécle jusqu'a la fin du XVI.

(3) *Summario de algumas cousas assi ecclesiasticas como seculares que ha na cidade de Lisboa.* Anno de 1551.

Existe na Bibliotheca Nacional de Lisboa um manuscripto muito curioso do meado do seculo XVI com relação ás industrias então em voga na mesma cidade, mas ignoro se ha ahi qualquer referencia aos picheleiros; nos largos extractos que d'ella publicou Ribeiro Guimarães no vol. 5.º do seu *Summario de varia historia* nada se encontra.

Muito embora Christovam Rodrigues de Oliveira não faça minima referencia aos picheleiros é de presumir que ao tempo já se manufacturasse entre nós o estanho. Poucos annos adiante, em 1580, não resta d'isso duvida; attestam-n'o os cavalheiros Tron e Lippomani que na descripção da sua viagem a Portugal n'este anno, dizem:

«Vasos de estanho e mais objectos d'este metal se fabricam abundantemente n'esta rua, e se carregam para a India, onde dão grande lucro». (1)

Fr. Nicolau de Oliveira em 1630 accusa já a existencia ali, em 1620 de 14 picheleiros (2).

Dois seculos mais tarde ainda se continuavam a fabricar em Portugal objectos de estanho, pois Accursio das Neves referindo-se á fundação da fabrica de louça do Rato (1767) escreve:

«Até esse tempo as nossas mesas de luxo eram servidas, como ainda hoje com a louça fina da Asia, e para o uso ordinario servia a louça de Chincheu que é de inferior qualidade; *a de estanho que se fabrica no reino*, e uma especie de faiança, que nos vinha da Hollan a: até a louça de fogo se importava de paizes estrangeiros». (3)

Em 1803 havia em Lisboa 26 picheleiros, em 1824, 14 e, em 1834, 13 (4).

Tanto a importação estrangeira dos objectos de estanho como o fabrico nacional estão representados na exposição e, authenticados por as respectivas marcas. O prato do sr. Joaquim de Mello Freitas (113) tem no fundo exterior as

(1) *Panorama*, vol. II, 2.ª serie, pag. 83.
(2) *Livro das grandezas de Lisboa*, part. IV, cap. VIII.
(3) *Noções historicas, economicas e administrativas sobre a producção e manufactura das sedas em Portugal.*—Lisboa 1827, pag. 243.
(4) Casa dos vinte e quatro. Artigos do sr. J. da Silva—*Boletim da Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes*—2.ª serie, anno de 1882—tomo III, pag. 184 e 186.

seguintes marcas Cornhili-London—Joseph Spchman e uma outra n'um escudete em que apenas se póde lêr—London, O pichel do mesmo cavalheiro (113) tem no fundo, ao centro de um escudete encimado por uma corôa—*Porto—Barbosa*. O copo da Junta de parochia d'Albergaria (115) tem do mesmo modo no fundo, n'uma oval a palavra—Sousa e a bacia da egreja das Carmelitas (111) as iniciaes P. S., cruzadas.

Talvez se julgue que os picheis são demais n'uma exposição d'arte religiosa. Perfeito engano. Tem aqui o seu logar como os jarros e as galhetas, quer se considerem como vasos proprios para vinho, pois assim os define Bluteau, quer se tomem como vasos d'agua ás mãos, como vem mencionados no inventario do thesouro do infante D. Diniz, (era de 1316, anno 1278), copiado n'um antigo manuscripto da Real Bibliotheca d'Ajuda, a saber: «Um pichel de tres marcos e seis onças e meia, para dar *agua ás mãos* a D. Diniz» (1). N'um inventario da sachristia de Alcobaça no principio do seculo XVI, cujo original se guarda na Torre do Pombo (*Corpo chronologico*, part. I, maço 24, doc. 65) ha esta referencia: «It.—hu pychell destanho de canada pera vinho das missas.» (2)

Com o dizer que os picheis serviam na sachristia para o vinho das missas, não quero affirmar que a louça de estanho não fosse tambem applicada a usos profanos, porque o é, ou para melhor, porque o foi sempre. Fr. Luiz de Sousa referindo-se á modestia com que vivia no seu paço de Braga o santo arcebispo D. fr. Bartholomeu dos Martyres, escreve: «A baixela mais lustrosa era a louça de Talaveira, *o mais tudo estanho*» (3). «Os picheleiros, escrevia ainda ha pouco o sr. Gabriel Pereira, lavravam em estanho, pratos, tijelas, jarros, galhetas, gamellas e frascos. Ha meio seculo seria rara a casa portugueza, que não tivesse *estanheira*, tambem se foi o estanho» (4).

Todas as restantes peças de estanho expostas, não es-

(1) *Historia da arte em Portugal, estudos publicados sob a direcção* do sr. Joaquim de Vasconcellos, n.º 2—*Documentos ineditos, collegidos* por Rodrigo Vicente d'Almeida, pag. 2.

(2) Sr. Sousa Viterbo—*A exposição d'arte ornamental—Notas ao catalogo* - Lisboa, 1883—pag. 60.

(3) *Vida do Arcebispo*, liv. 1.º, cap. XI.

(4) *Arte portugueza*, n.º 5, pag. 105.

tão marcadas, provavelmente são nacionaes. De que não resta duvida que são estrangeiros é os grandes pratos de latão. As inscripções que tem alguns são proverbios biblicos, sendo do mesmo modo passagens da Escriptura Sagrada o assumpto principal da ornamentação, nos que pertencem á Junta de parochia de Macinhata do Vouga (118) e ao sr. Fernandes Thomaz (120).

A inscripção do prato (121) que pertence á Junta de parochia de Oliveira d'Azemeis, e que por equivoco disse ser em latim, é como as dos restantes em allemão. Sem duvida foram todos importados dos Paizes Baixos, onde esta industria muito floresceu nos seculos XVI e XVII, e, é de presumir que este ultimo seja anterior á Reforma, a julgar pela imagem da Virgem que tem ao centro. Talvez de egual proveniencia seja a campainha da Misericordia de Arouca (105). Na exposição d'arte ornamental em Lisboa em 1882, havia exemplares semilares, tendo uma, o nome do fabricante em allemão e, a data de 1548; apenas 5 annos mais velha do que a de Arouca. O aprimorado dos baixos relevos levam-me a tel-a por estrangeira, e não porque esta industria não fosse já então exercida em Portugal, pois o auctor da *Estatistica manuscripta de 1552* já citada, fallando dos arsenaes ou armazens de guerra que havia em Lisboa, escreve:

«Fazem-se um anno por outro 40 sinos, dos quaes S. A. provê os mosteiros e egrejas d'este reino e lhe faz esmola d'elles.» (1)

Os castiçaes de metal da Junta de parochia da Vera-Cruz, (114) todos typos differentes e, eguaes a outros que possue a mesma parochia, alguns dos quaes pertenceram ao extincto convento de Sá, são industria nacional, e até talvez do proprio concelho de Aveiro, pois foi importantissima na freguezia de Eixo a industria de latão, chegando a ser quasi que um monopolio d'esta, hoje extincta villa (2).

Portugueza é tambem a grande lampada de bronze da

(1) Ribeiro Guimarães—*Summario de varia historia*, tom. V. pag. 26.

(2) *O Districto de Aveiro*, por Marques Gomes—Coimbra, 1877; pag. 171.

Irmandade de Santa Joanna Princeza (122). E' no estylo Luiz XVI e pena é que fosse ha poucos annos estupidamente prateada. E' tradicção no convento que, foi mandada fazer em Lisboa, no Arsenal. A ser verdadeira a tradicção, maior é o seu valor, pois n'este caso é de presumir que seja congenere das peças de bronze que n'aquelle estabelecimento se executaram para a basilica e convento de Mafra, sob a direcção do celebre esculptor Aguiar, que foi ali o successor de Machado de Castro (1). No arsenal salientou-se immenso um illustre filho de Aveiro João de Figueiredo, gravador, e, um filho d'este, Gaspar de Figueiredo, era contra-mestre na fundição do mesmo Arsenal, em 1820.

Das seis lampadas de prata da egreja da Apresentação d'esta cidade, que disse terem sido levadas pelos francezes (2), duas são producto da industria aveirense. Fel-as o ourives d'esta cidade Braz dos Santos Pinheiro, em 1737, que recebeu pelo seu trabalho a razão de 1$200 réis por cada marco. O peso das lampadas era de noventa e tres marcos e duas onças e meia.

As chaves de bronze dourado da extincta mitra d'Aveiro (106) são um primor de mimo e de graciosidade. Uma d'ellas esteve na exposição d'arte ornamental em Lisboa em 1882 (sala O n.º 228) e, ambas agora, na de arte sacra. Eram destinadas a uma das ceremonias das ordens menores, ou de *ostiario*—«porteiro da casa de Deus, encarregado das *chaves* para cuidar da sua limpeza e acceio.» (3)

IV

Para que a collecção do mobiliario fosse de primeira ordem bastaria transportar para o local da exposição, se isso fosse possivel, os tectos, retabulos e altares que estão espalhados pelo resto do convento e egreja.

---

(1) *A basilica de Mafra*, artigo do sr. Joaquim da Conceição Gomes, publicado no *Boletim da Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes*, 2.ª serie—anno de 1881—n.º 11, pag. 166 a 169— Raczynski. — *Dictionnaire historico-artistique du Portugal.*

(2) Vide pag. 63.

(3) *Thesouro do sacerdote*, pelo Padre José Mach—Versão portugueza—Porto, 1876—Tomo I, pag. 8.

O estylo dos nossos entalhadores desde o meado do seculo XVI até o fim do seculo XVIII, isto é, da renascença classica ao recoco maximo, patentea-se exhuberantemente no convento de Jesus, pois além da egreja onde se admira um dos mais bellos specimens de talha que se conhecem no paiz, ha treze capellas com retabulos de talha d'uma extraordinaria variedade. E o que succede no convento de Jesus dá-se nos restantes templos da cidade, pois nas desoito egrejas e ermidas que ha em Aveiro, apenas em cinco deixa de se encontrar obra de talha, tendo existido egualmente nas egrejas hoje demolidas de S. Miguel, Espirito Santo, Vera-Cruz e Nossa Senhora da Madre de Deus de Sá. Aveiro possue uma quantidade tão grande de talha que, leva a crêr que aqui existissem por muitos annos e em larga escala officinas de *carpinteiro de maçanaria*, assim se denominava o entalhador e torneiro, d'onde sahiriam os variadissimos e opulentos trabalhos de talha que ornamentam os seus templos.

Este facto não se deu só em Aveiro. O meu fallecido amigo e mestre o sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, referindo-se ao estado das Bellas artes em Portugal no seculo XVII, escreve: «O emprego das obras de talha dourada para ornamentação das capellas e altares das egrejas, dando trabalho a numerosos entalhadores e abrindo nas principaes terras do reino officinas, que se tornaram em verdadeiras escolas, não só obstou a que proseguisse a decadencia da esculptura em madeira, mas até lhe dispoz os elementos da sua futura florescencia». (1)

Perante a impossibilidade que apontei, a commissão tendo apenas deante de si cinco dias, tantos foram os que levou a organisar a exposição, procurou reunir o maior numero de peças de talha de pequenas dimensões e facil transporte, por onde se podesse aquilatar o elevado grau de perfeição que aqui attingiu a marcenaria religiosa. Quasi que só da bellissima ornamentação do formosissimo tecto da capella-mór da egreja de Jesus, não foi possivel apresentar qualquer modelo ou fragmento.

A talha do resto da egreja de Jesus, que data do principio do seculo XVIII, e, que é com pequenas alterações a

(1) *O Commercio do Porto*, n.º 302, de 17 de dezembro de 1876.

mesma das egrejas de Nossa Senhora da Apresentação, Carmelitas, Ordem Terceira de S. Francisco e Santo Antonio, etc., está reproduzida nas credencias da Real Irmandade de Santa Joanna e na da egreja das Carmelitas (146, 149) nas columnas salomonicas do sr. Manoel de Mello (155) e, em algumas das molduras do sr. Manoel Luiz Mendes Leite (153) entre as quaes ha verdadeiros primores de execução e mesmo bellezas de estylo, apezar d'este ser acentuadamente recoco. O pesadissimo retabulo do altar-mór da egreja do Carmo está fielmente representado na credencia da Irmandade dos Passos (152), sendo egualmente do mesmo estylo as credencias da Real Irmandade de Santa Joanna (123); e, a tribuna da Misericordia, nas columnas do sr. Fernandes Thomaz (156). Da antiga tribuna da egreja de S. Domingos, mandada arrancar pela Junta de parochia em 1835 como *cousa antiquada*, e, encomiasticamente descripta por fr. Lucas de Santa Catharina (1) são restos interessantes, applicados a outros usos, as molduras n.º 139 e as misulas n.ºs 141 e 142.

Entre as molduras, de fórma quadrada ha apenas duas, são as que tem o n.º 129 e a do sr. Mendes Leite (154). N'aquella dois cherubins seguram uma corôa de flôres e algumas avesinhas pousam sobre pequenos ramos, n'esta veem-se cabeças de cherubins no meio de um lavor *rocaille*. Desiguaes no desenho mas irmãs no estylo, são as do Collegio de Santa Joanna (147).

N'uma cidade em que, ha tão notaveis trabalhos de talha não podia deixar de existirem banquetas de altar tambem notaveis, e com effeito assim é; a prova são os dois castiçaes da extincta mitra de Aveiro (124), de certo copia d'alguma rica banqueta de prata, os do Collegio de Santa Joanna (127) e, os do sr. Luiz da Silva Mello Guimarães (150), estes em puro estylo Luiz XV. Bello exemplar, em estylo renascença, é o tocheiro do cyrio paschal da Junta de parochia da freguezia da Gloria (125), pertença já da mesma egreja quando esta era dos frades dominicos. A base sobre que pousa o bocal que recebe o cyrio é sustentada por tres sereias, que, nem só pertencem á mytologia pagã, pois são um dos symbolos do catholicismo nas primeiras epochas christãs.

(1) *Historia de S. Domingos*, part. 4.ª, cap. XXIX.

São conhecidos os nomes de alguns dos entalhadores que trabalharam na Batalha, nas egrejas de S. Francisco, da Cartuxa e S. José, de Evora, no convento de Christo em Thomar (1) e outros templos notaveis pelas obras de talha que os guarnecem; em Aveiro, porém onde ha tanto trabalho d'este genero, ignora-se geralmente quem o executou; até hoje apenas consegui descobrir um nome, o do mestre entalhador Francisco Machado de Sandim, que em 1720 justou a obra do arco cruzeiro da egreja de Nossa Senhora d'Apresentação, por 140$000 réis.

Vão sendo rarissimos em Portugal os moveis anteriores ao seculo XVII; para se conhecerem os typos do mobiliario do seculo XVI quasi que, é preciso recorrer aos velhos quadros gothicos. No Collegio de Santa Joanna existe ainda felizmente uma cadeira de castanho, enorme, massiça, sem duvida anterior a 1600. Foi recomposta é verdade, mas a sua estructura primitiva, authentica, facilmente se distingue. Por imperdoavel esquecimento não foi exposta. Em 1882 pedio-a o dr. Filippe Simões para a exposição de arte ornamental, onde aliás não appareceu um unico movel sequer da epocha, mas não chegou a ir. Quem então superintendia no convento de Jesus, oppoz-se a que a cadeira fosse para Lisboa por «ser muito feia». No espaldar entre diversos ornatos tem um circulo, com as iniciaes I. H. S., rematado por uma corôa ducal, tudo de talha, pintada. Muito mais moderna, mas tambem muito mais elegante é a cadeira de pau santo e velludo como aquella pertencente ao Collegio de Santa Joanna (145). Os pés e travessas são torneados em espiral. Além d'esta, ha outras cadeiras dos seculos XVII e XVIII, formando uma bella collecção. Salientam-se as do sr. Luiz da Silva Mello Guimarães (342) de couro estampado, esplendidamente restauradas, e, de typo pouco vulgar; as da Ordem Terceira (344) muito elegantes, e, finalmente as do sr. Fernandes Thomaz (346), enormes, magnificas, de grossa pregaria amarella com as travessas guarnecidas de talha. Correspondem a estas ultimas os mochos da Junta de parochia da Vera-Cruz

(1) *Curiosidades historicas e artisticas VII—Entalhadores*, artigo anonymo mas sem duvida escripto pelo sr. Sousa Viterbo, publicado no n.º 10:113 do *Diario de Noticias*, de 19 de fevereiro de 1894.

(131 e 434) com a differença de que n'estes, os assentos são forrados de risso ou veludo; os da Irmandade de Santa Joanna (133) são do mesmo estylo da cadeira a que ha pouco me referi (145), e os que tem o n.º 132, pódem considerar-se como já *imperio* e, por tanto congeneres das cadeiras da Camara Municipal (343).

Do seculo xv ha no Collegio de Santa Joanna um curiosissimo bahú de couro e ferro muito semilhante a um que possue S. M. a Rainha D. Amelia e, que vem reproduzido em gravura no n.º 4 da *Arte portugueza.*

Logar distincto occupam tambem as cadeiras da Real Irmandade de Santa Joanna (143) e bem assim a da Junta de parochia da Vera-Cruz (158). D'aquellas para se deprehender a causa de terem no espaldar o brazão da Ordem de S. Domingos, basta saber-se que pertenceram a um convento d'essa ordem, o de Jesus, facto que se não dá com esta, pois a cruz d'Aviz é encimada pelas armas pontificias. O motivo d'estes emblemas é o ser a cadeira destinada a um parocho, cuja apresentação pertencia ao grão-mestre d'aquella Ordem, o que se dava na egreja da Vera-Cruz. (1)

V

A prova mais completa que podia dar a commissão, que nem só pódem ser apreciados os objectos pelo seu valor intrinseco ou pela sua perfeição artistica, é secção de esculptura decorativa, uma das mais numerosas e sobretudo mais interessantes da exposição.

Como ao numero ha a juntar a variedade dos objectos, agruparei os d'esta secção em subdivisões, a saber: esculptura em pedra, em barro, em madeira, e, em marfim, para assim melhor se aquilatar do seu valor.

E' n'esta secção que se encontram os objectos mais antigos, pois alguns vão até á epocha da occupação romana, havendo outros ainda tambem anteriores ao seculo XVI.

No primeiro caso estão os capiteis corinthios do sr. Duarte Ferreira Pinto Basto (201). Foram encontrados ha annos n'umas escavações em Ançã, conjunctamente com a

(1) *Memorias de Aveiro*, por Marques Gomes. — Aveiro, 1875—pag. 108.

cabeça d'uma estatua, segundo me affirmou aquelle meu illustre amigo. Pinto Leal refere haverem sido encontradas no mesmo local umas banheiras de granito com guarnecimento de mosaico e um busto de marmore, vestigios estes, da occupação romana a que, diz ser anterior á mesma povoação (1). Desconheço a auctoridade que serviu de base a este escriptor e meu saudoso amigo para sustentar que aquelles vestigios são romanos, pois não os chegou a vêr, segundo parece; mas pelo estudo comparativo que fiz dos capiteis expostos com os desenhos de outros congeneres existentes no paiz, não tenho receio algum em affirmar que elles são monumentos romanos.

Por equivoco disse no corpo do catalogo que eram de calcareo, quando na verdade são de marmore branco e, muito elegantes, tendo sido lavrados com grande perfeição as respectivas folhagens. Pertenceriam a columnas de algum dos muitos templos edificados pelos romanos no nosso paiz? O que elles são, é especimens muito perfeitos da arte luso romana, e, se se tomarem a rigor as leis de Vitrubio, poder se ha affirmar que o templo a quẽ pertenciam era dedicado a Venus, a Flora, a Proserpina, ou ás Naiadas, pois nos que se erigiam a estas divindades empregava-se exclusivamente o estylo corinthio (2).

Para seguir a ordem chronologica, depois de me ter occupado dos capiteis corinthios devo referir-me ao baixo relevo do sr. Annibal Fernandes Thomaz (166), pois o seu typo é tão orchaico e a sua proveniencia tão authentica, que não será desacerto attribuil-o ao seculo x. Foi encontrado n'uma excavação do castello de Montemór o Velho junto da egreja de Santa Maria de Alcaçova, que o meu illustrado amigo o sr. Simões de Castro diz ter sido fundado no tempo do conde D. Sisnando, pelo presbytero Vermudo (3). Seria porém preciso confrontar o baixo relevo com outros congeneres existentes nos muzeus estrangeiros, já classificados, para com segurança se lhe fixar a idade, mas não se carece d'esse confronto para se affirmar que elle não é nacional. O estado das artes n'esta parte da Peninsula, desde o seculo v até o seculo xi não podia ser

(1) *Portugal antigo e moderno*. Tom. I, pag. 203.
(2) Archit lib. I, cap. II.
(3) *Guia historica do viajante em Coimbra. etc.*, pag. 320.

mais decadente, não havia quasi que alvaneus (1), como pois procurar esculptores, e esculptores que produzissem obras como o baixo relevo do sr. Fernandes Thomaz, em que o trabalho artistico se por um lado revela decadencia, por outro patenteia bastantes dotes de perfeição que o collocam muito acima do que, no paiz existe d'aquella epocha.

No resto da Europa, principalmente em França e na Italia as artes mantiveram sempre o antigo lustre.

Não obstante os progressos da architectura e da esculptura entre nós, a partir do começo do seculo XIV, a julgar pela declicadeza da esculptura, deve considerar-se tambem como obra estrangeira o baixo relevo da junta de parochia de Cedrim (193). A arte nacional d'esta epocha, na parte respectiva a estatuaria e ao desenho da figura humana em baixo relevo, era como muito bem diz Filippe Simões, de um estylo pesado e sem elegancia (2), então a estatuaria era, pela deformidade das figuras a negação da arte, escreve o sr. Vilhena Barbosa (3).

São hoje geralmente raros estes baixos relevos em alabastro, e sempre apreciados, e, em verdade elles são muito interessantes. No museu do Carmo em Lisboa estão quatro, Guerra Junqueiro possue dois; o sr. Domingos José de Oliveira, de Lamego, tem um; e em Aveiro ha um tambem que não chegou a ser exposto. Representa a Ressurreição de Christo, e está coberto por uma pintura polychromo de detestavel effeito. No museu municipal de Coimbra vi tambem ha pouco um outro mas este, parece mais moderno.

O baixo relevo de Cedrim tem ao centro a figura do Padre Eterno sentado, suspendendo nos braços uma cruz e n'ella pregado o Salvador. Os pés estão sobrepostos e, não tem suppedaneo. O ninbo é opaco e saliente. Na parte superior dois anjos com tribulos incensando, ao meio outros dois e, em baixo ainda outros dois com calices de fórma hexagona, aparando o sangue que corre das chagas,

(1) Em 978 a 985 mandou um abbade do mosteiro de Lorvão vir de Cordova mestre Zacharias, para levar a effeito umas obras quaesquer, depois o concelho de Coimbra mandou pedir ao abbade o referido mestre para lhe fazer pontes em seus ribeiros. *Reliquias da architectura romana bysantina em Portugal*, por A. Filippe Simões, cap. I.

(2) *Album de phototypias da exposição retrospectiva de arte ornamental em Lisboa*, por Carlos Relvas, pag. 22.

(3) *Archivo pitoresco*, vol. VII, pag. 381.

das mãos e dos pés do Salvador. A attitude de todas as figuras é bastante natural, havendo em tudo certa expressão e movimento.

Ha muito mais analogia entre a esculptura do baixo relevo de Cedrim e o do sr. Oliveira Salvador, que, esteve na exposição de arte ornamental em Lisboa em 1882 (sala M 123) e que, se acha reproduzido no Album Relvas do que, com os do Museu do Carmo, d'um dos quaes ha uma photographia no *Boletim da Real Associação dos architectos civis e archeologos portuguezes* (1).

Dos restantes objectos de esculptura em pedra que mais se aproximam d'estes são a imagem da Virgem e, a estatueta representando a Trindade, do sr. Duarte Ferreira Pinto Basto (198 e 200). Pertenceram ambos á antiga egreja de Sôza (2) cabeça da ordem dos ermitas de Santa Maria de Roca Amador e da mesma invocação.

Fr. Agostinho de Santa Maria, diz no seu *Santuario mariano* (3) que a imagem da Virgem que n'ella se venera sob aquella invocação, fôra trazida pelos primeiros religiosos que vieram habitar em Sôza, e que chegaram a Portugal com a armada de cruzados que, auxiliou D. Sancho I na conquista de Silves em 1189. Nem sempre se póde dar inteira fé ás affirmativas do curioso graciano que, por muitas vezes se deixou levar por falsas informações, mas no caso presente não se póde dizer que andou inteiramente transviado, pois a imagem da Virgem exposta, e, que ha bons fundamentos para crer que seja a mesma a que, elle se refere, tem um caracter bysantino tão pronunciado, que afoitamente se póde attribuir-lhe uma longa idade e sobretudo uma nacionalidade que não seja a portugueza.

Não são raras apezar de antigas, as estatuetas representando a Trindade pela fórma que está representada na que tem o n.º 200. Só no concelho de Aveiro ha umas quatro ou cinco. Em Coimbra, na egreja de Santhiago, ha uma assim como na ermida do Espirito Santo, suburbios da mesma cidade, existe outra. Foi usual no fim do seculo XIV, em todo o seculo XV e principios do seculo XVI re-

(1) 2.ª serie—anno de 1881—Tomo III—n.º 5.

(2) Freguezia do concelho de Vagos e capital do antigo concelho do mesmo nome, extincto em 1853.

(3) Tomo IV, pag. 709.

presentar o Padre Eterno ora pela figura d'um papa, ora d'um imperador ou d'um rei (1). No primeiro caso está a estatueta exposta.

Já depois da morte do seu regio fundador estabeleceu-se no convento de Mafra (1735) uma escola de esculptura de que foi primeiro director o italiano Alexandre Giusti a que se seguiu depois no desempenho do mesmo cargo, até 1820 em que findou Joaquim Machado de Castro, Joaquim José de Barros Laborão e Braz Toscano de Mello. D'esta escola que se subdividiu depois vindo uma fracção para Lisboa quando em 1770 principiaram os trabalhos da estatua equestre de el-rei D. José, sahiram muitos discipulos e, numerosas obras de esculptura e estatuaria (2).

No geral os trabalhos da escola visavam a ornamentação da egreja e convento de Mafra, mas os alumnos durante a aprendizagem faziam pequenas estatuetas aproveitando para isso os pedaços do jaspe que, sobrava dos retabulos, sob a direcção dos mestres e, que eram vendidos depois em beneficio proprio; o mesmo que ainda hoje se dá nas obras da restauração da Batalha. Um d'estes trabalhos é o grupo exposto sob o n.º 172. Foi comprado em Lisboa em 179., por meu tio avô o capitão Francisco dos Santos Silva pela quantia de 14$400 réis. Possue um exemplar muito semilhante o sr. José Marques de Azevedo d'esta cidade, e, eu tenho tambem varias estatuetas de jaspe decerto da mesma procedencia, representando a Virgem sob diversas invocações e outros santos como Santo Antonio, S. José, etc. A uma das imagens da Virgem serve de peanha um globo em que se enrosca um dragão alado, sobre uma base de estylo *rocaille*. Estas pertenceram a um modesto mas intelligente colleccionador de cousas portuguezas, o profundo latinista José Lucas de Sousa da Silveira, professor de meu pae, de José Estevão, de Mendes Leite e de muitos outros filhos de Aveiro, ha muito fallecido.

---

(1) *Elementos de archeologia e iconographia christã*, por D. Antonio Xavier de Sousa Monteiro—Coimbra 1887, pag. 89.

(2) *A Basilica de Mafra*, artigo do sr. Joaquim da Conceição Gomes no *Boletim da Real Associação dos architectos e archeologos portuguezes*, serie 3.ª, anno de 1880 — Tomo III, n.º 3, pag. 38—*Collecção de memorias relativas ás vidas dos pintores, esculptores, architectos e gravadores portuguezes*, por Cyrilo Volkmar Machado, pag. 262 e 263.

O assumpto dos dois grupos é por assim dizer a reproducção do retabulo do altar-mór da egreja da Estrella, apenas com a differença de que as quatro partes do mundo estão adorando aqui o coração de Jesus e acolá a Virgem da Conceição.

Ora é para lembrar que da escola de Mafra, ou para melhor da secção d'esta escola que veio para Lisboa saiu, segundo affirma Cyrillo (1), toda a esculptura da Basilica do Coração de Jesus, por isso talvez os dois grupos fossem executados em Lisboa por alumnos d'aquella escola visto a analogia que se dá entre elles e o retabulo d'esta egreja.

A esculptura em barro além de estar admiravelmente representada tem um *cacket* local que, ainda a torna mais interessante. Tudo que na exposição ha de trabalho em barro, com excepção apenas de tres ou quatro peças, tem sido executado em Aveiro. Foi muito importante aqui a industria do oleiro; os fornos de louça e respectivas officinas chegaram em meados do seculo XVIII a formar um bairro que era o ultimo dos cinco em que a cidade, então villa, estava dividida. Ficava extra-muros, junto da antiga porta de Sol e, da torre da velha muralha que, d'elle tomou o nome (2) O local ainda hoje conserva o nome de *Olarias*.

O estabelecimento das primeiras olarias data do seculo XVI, a sua grande elaboração porém, só começou em meados do seculo immediato. Então os productos das olarias aveirenses não se lemitavam a abastecer a villa e logares visinhos, eram exportados em larga escala para os portos de Vianna e Caminha.

A principio, a louça e mais objectos que se fabricavam, como estatuas, brazões, manilhas, brutescos para telhados, etc., era tudo barro vermelho, na sua côr. Em 1762 escrevia fr. Francisco de S. Thiago:

«E' a primeira porta a que chamam *da Villa*, da qual se sáe para a estrada real, da qual porta para fóra ao nascente

(1) *Memorias citadas*, pag. 264.

(2) Filippe I por provisão de 16 de maio de 1585, mandou a requerimento da camara de Aveiro, que fosse tapada a entrada que dava acesso para a Torre dos Oleiros, afim de não ser devassada d'alli a cerca do convento de Jesus.

fica a fabrica dos oleiros, onde o *barro vermelho* formado em louça tão dura, e perduravel dá materia, especialmente pelas invenções varias de pucaros e quartinhas, aos aplausos, porque com repuchos, retalhados, e figuras lisongeiam a sêde sem se penetrarem da agua». (1)

Do barro vermelho passaram depois estas olarias a produzir a louça vidrada, em que o esmalte era quasi sempre o verde. O progresso foi talvez uma das causas da sua ruina e, total anniquilamento. Em 1813 ainda havia nas Olarias dez fornos de coser louça vermelha e vidrada, mas poucos annos depois este numero estava reduzido a dois, o do João da Graça e o do *Mocho* que em 182. acabaram tambem.

Como diz fr. Francisco de S. Thiago, os oleiros aveirenses tambem faziam figuras sendo algumas de tamanho maior que o natural. D'estas, as mais antigas e perfeitas que hoje existem são as tres estatuas que, corôam o tympano da frontaria do convento de Santo Antonio, representando a Fé, a Esperança e a Caridade, e a imagem da Virgem da Conceição que se vê no frontispicio da egreja do mesmo convento e, que fazem lembrar as que em Alcobaça ornamentam o *sanctuario* e a *salla dos reis* e, os restos do antigo apostolado do convento de Santa Cruz de Coimbra, hoje no museu municipal da mesma cidade. No claustro e cerca do antigo recolhimento de S. Bernardino, bem como na cerca d'aquelle convento havia egualmente diversas estatuas e grupos de barro vermelho de egual proveniencia. Umas e outras não vão além do seculo XVIII.

Foi grande a producção das olarias aveirenses n'este genero de fabrico durante todo aquelle seculo. Seria curiosa e por muitos titulos interessante uma lista tão completa quanto possivel dos nossos oleiros. A empreza é difficil mas não impraticavel. Em 1882 denunciei a existencia de dois oleiros, agora augmento a lista com cinco ou seis nomes mais e, não me dou por desobrigado de continuar procurando outros.

Creio que algumas das obras de barro expostas, feitas em Aveiro, não foram fabricadas nas olarias propriamente ditas. Modeladas por curiosos em suas casas, só iam alli para receber a cozedura e, algumas eram mesmo cozidas

(1) *Chronica da santa provincia de Nossa Senhora da Soledade*, Tomo I, liv. 7, cap. I.

por elles. Pertencem a este numero os presepios e as imagens de devoção de menor tamanho.

Pódem considerar se como sendo obra do mesmo artista o presepio e os baixos relevos do Collegio de Santa Joanna (174, 188) e o descimento da cruz do sr. José Bernardes da Cruz (171) e o baixo relevo da Junta de parochia da Vera-Cruz (230) Predomina em todas as figuras o mesmo caracter amaneirado, convencional, que se observa nas obras d'este genero fabricadas no paiz, no decurso do seculo XVIII. Ha um certo exagêro na attitude de algumas figuras, mas como outras tem graça, perdoam-se facilmente aquelles senões. Nenhuma d'estas obras está assignada ou datada, facto que se não dá com outras imagens expostas, santos do nosso agilogio, e, que tem muitos pontos de semilhança com as d'aquelles grupos, como são: a Santa Maria Magdalena do sr. José Antonio Marques (161) que tem a marca—*Joseph Dias dos Santos;* a Virgem e S. José da sr.ª Maria Rosa dos Reis (194) tendo a primeira, gravada pelo lado debaixo da base—*Feita aos 24 de dezembro de 1739 annos,* e a segunda—*Feita a 2 de outubro de 1739 annos;* a Virgem da Conceição da sr.ª Rosa Gamellas (224) com esta inscripção: — *Maio 22 de 1761, Gaspar;* o S. Sebastião do sr. José Bernardes da Cruz (211) onde se lê:—*Julho, 1729 annos, Joseph Dias*; esta ultima é uma bella esculptura.

O grupo que representa a morte de Santa Joanaa (221) é muitissimo interessante, a disposição e modelação das figuras do segundo plano principalmente, é devéras artistica.

As armas pintadas na cupula que corôa a redoma que a resguarda, são: Um escudo partido em pala; na primeira as armas dos Sousas do Prado e Sousas Chichorros, escudo esquartelado, no primeiro quartel as quinas do reino, sem a orla dos castellos; no segundo quartel, em campo de prata um leão de purpura, e assim os contrarios; na segunda pala as armas dos Freires de Andrade, oriundos de Castella; em campo verde uma banda vermelha coticada de ouro, sahindo das boccas de duas serpes do mesmo metal armadas de sanguinho e em volta uma orla de prata com estas letras de negro — Ave-Maria. Sobre a corôa o chapeu semi-pontifical de Bispo, de côr preta forrado de verde e guarnecido com cordões de seda verde.

E' o brazão de que usou D. Antonio Freire Gameiro de Sousa primeiro bispo de Aveiro, cuja diocese governou desde março de 1775 até 1800. Foi decerto n'este periodo que foi fabricado o grupo aludido.

O grupo representando a Virgem, S. José e o Menino do sr. arcypreste Manoel Ferreira Pinto de Sousa (210), são restos do antigo e grande presepio do recolhimento de S. Bernardino, cuja egreja foi depois Sé, e é tradição que pertencera ao celebrado medico Braz Luiz de Abreu—*O olho de vidro*, que o doou áquella casa religiosa em 1734 por occasião da sua esposa D. Josepha Maria de Sá, alli professar e, elle receber o habito franciscano no convento de Santo Antonio, d'esta cidade.

Os dois grupos de pastores e as figuras representando uma, um homem tocando gaita de folles e a outra um *marreca* com uma restea de cebolas ás costas, da sr.ª Rosa Gamellas (189, 195 e 196) são um primor de esculptura e jovialidade. Nos grupos figuram velhos, moços, mulheres e creanças, tudo disposto com arte. Todas estas figuras bem como as estatuetas da Virgem e S. José (224) fazem parte de um bello presepio que pertenceu ao rev. João José dos Santos, antigo prior da freguezia de Nossa Senhora da Gloria e cujos antepassados foram oleiros. Tenho ouvido attribuil-o a Bartholomeu Gaspar barrista apreciavel, auctor da estatueta n.º 22 e, a Joaquim Marques dos Santos, estatuista muito notavel de quem é o baixo relevo da Junta de parochia da Vera-Cruz (230) e, um outro que está na egreja de Nossa Senhora d'Apresentação, representando a Trindade, formosissimos exemplares da esculptura em barro. Este Joaquim Marques dos Santos era ourives e, como simples curiosidade é que modelava em barro; teve um filho, Manoel Marques de Figueiredo tambem ourives e da mesma fórma barrista curioso. São obra sua a estatueta que representa S. Francisco de Paula do sr. José Antonio Marques (163) a imagem de Nossa Senhora do Carmo que está sobre a porta de entrada da egreja do mesmo nome, um presepio que existia no convento de Sá e, alguns outros cujo paradeiro hoje se ignora. Diz-se que um, de proporções maiores que o regular n'este genero de trabalho fôra para o Porto, por encommenda d'um abastado d'aquella cidade.

Das estatuetas em barro, datadas, a mais antiga que

conheço é uma imagem da Virgem, adquirida ha pouco pelo meu illustrado amigo sr. Annibal Fernandes Thomaz que tem a data de 1703 e, em que ha muitos pontos de contacto com a imagem de Santa Maria Magdalena do sr. José Antonio Marques (161) a que me referi já, parecendo-me muito provavel que fosse executado pelo auctor d'esta, José Dias dos Santos.

De merito relativamente superior são as estatuetas da Junta de parochia da Vera-Cruz (218 e 226) representando S. João Evangelista, Santa Maria Magdalena e a Virgem na meio de duas das santas mulheres. Pertenceram ao convento da Madre de Deus de Sá e faziam parte d'um Calvario que, existiu n'uma das capellas interiores do mesmo convento. Era tambem da mesma casa religiosa o S. João Evangelista exposto sob o n.º 227, mas que me parece não ser obra do mesmo artista. N'esta, as roupagens em que, se procurou reproduzir o lavor estofado estão bem tratadas, mas o estudo do *nú* está muito áquem do d'aquellas.

As primeiras, principalmente, pódem collocar-se a par do melhor que no genero existe no paiz, rivalisam senão excedem na modelação cuidada que, lhe dá sentimento e vida, as melhores da collecção do Muzeu Nacional até agora geralmente attribuidas a Machado de Castro e que, além de ser um dos nossos primeiros esculptores foi egualmente barrista insigne.

Aqui como no resto do paiz, os coroplastas aveirenses produziram primores emquanto se limitaram ás figurinhas de presepe e, a estatuetas de pouco maior tamanho como são os de que venho tratando; quando sahiram d'este meio produzindo estatuas como a imagem da Virgem do sr. José Maria Coelho (355), o S. João do Asylo Escola (203) e o S. Pedro (229), o fiasco era quasi certo e, senão vejam-se os phariseus da capella de Nossa Senhora das Dôres, em Verdemilho (1), uns verdadeiros *fantoches*.

Ainda ha bem poucos annos era vulgar o encontrar-se tanto na cidade como nos logares visinhos pequenos retabulos em barro vermelho ora pintados ora na sua côr, representando as *Almas do Purgatorio*. Hoje são já rarissimos. Eram baixos relevos com moldura do mesmo

(1) Logar da freguezia d'Aradas, concelho de Aveiro.

barro, de fórma oval ou quadrada. Conheço tres typos differentes dois dos quaes estão representados na exposição (n.os 217 e 221). Do primeiro está tambem alli o respectivo contra molde (220) datado e assignado. Uma preciosidade. E' tambem muito interessante a sacra (213) ou fragmento de fonte d'agua benta, *bénitier*. E' datada e assignada—*174·, Dias*—e pertence á sr.ª Roza Gamellas. Aquelle tem como disse no corpo do catalogo a assignatura de Gaspar e a data de 1766. Do mesmo artista parece ser tambem além da imagem da Virgem da Conceição *(224)* a estatueta representando S. João, do sr. Annibal Fernandes Thomaz *(349)* em que se lê esta inscripção aberta no barro:—«*Feita a 19 de setembro de 1740—Gaspar.*»

D'uma epocha mais moderna, contemporanea quasi, são as estatuetas n.os 209, 219, 348, 353 e 354; são obra dos oleiros João da Graça e José Joaquim, o *Pintor*, e producção de 182· a 183·. As que representam S. João, pertencentes aos srs. José Antonio Marques (162) Manoel Amaro de Carvalho (222) e Manoel Francisco Leitão (352), são decerto producção do auctor do S. João, do sr. Fernandes Thomaz, Gaspar.

Os dois medalhões do sr. Manoel de Mello (214 e 215) talvez sejam industria nacional, mas o que elles não são é producto das olarias aveirenses. No mesmo caso está o grupo n.º 228 que pertence ao sr. David da Silva Mello Guimarães. E' muito semilhante e, afigura-se-me até que se poderá attribuir ao auctor d'um outro, representando tambem Santa Anna ensinando a lêr a Virgem, que esteve na Exposição de Ceramica no Palacio de Crystal no Porto em 1882, pertencente ao sr. dr. Ayres de Gouveia e, onde havia esta inscripção:—Hieronimo Furtado fes de Jvnho 8 era de 1721 A,

Em epocha em que as antigas olarias estavam ainda em toda a sua pujança, em 1775 fundou-se aqui, na chamada quinta do Cojó uma fabrica de fainça popular em que se empregava um barro branco proveniente de um concelho visinho, mas nunca o vermelho, que era a materia prima ali usada. Em 1811 quando aquellas olarias tendiam a desaparecer de todo a fabrica que então era explorada por

Custodio Ferreira da Silva & Comp.ª (1) estava tambem em decadencia, decadencia de que quasi se não levantou mais, pois produziu sempre pouco e mau. Parece-me que só modernamente ali se fabricaram imagens e outras figuras de barro. Na exposição julgo que ha apenas dois exemplares dos productos d'esta fabrica que ainda existe, mas em que ha muito se não se executa esta ordem de trabalhos, e são a estatueta da Virgem, do sr. Manuel de Mello /225/ e a estatueta representando uma criança orando do sr. Fernandes Thomaz /350/. Aquella foi executada por um pintor por alcunha o Porto e esta, por Pedro Antonio Marques, pintor tambem, um artista cheio de talento e boa vontade, que explorou a fabrica por conta propria desde 1860 até 1886 em que falleceu. São numerosos os seus trabalhos em barro, entre outros lembro-me da estatua representando a Caridade que corôa o edificio do hospital da Misericordia e das imagens de Santa Marinha, na egreja da Mamarosa, Coração de Maria na de Amoreira da Gandara, S. Geraldo na capella da Preza, e as de S. Thomé e S. Roque, na capella d'esta ultima invocação no bairro piscatorio.

Aos barristas já citados póde juntar-se ainda o nome de Manuel Antonio por alcunha o *Tijelinha*, que além de oleiro era poeta ainda que, *d'agua doce*.

No convento de Sá eram muito usuaes os *oiteiros*, esses certamens poeticos onde discreteavam e indiscreteavam á porfia poetas e poetastros, como os definiu um escriptor muito esperançoso ha pouco roubado á gloria das letras patrias (2). Bingre hourou-os por vezes com os esplendores do seu estro, e o Tijelinha inutilisou um, com uma glosa um pouco suja a este motte ou cousa que o valha de uma criada da abbadessa: «Amei a um ingrato».

Algumas vezes, ainda que poucas, tambem no convento de Jesus havia oiteiro, levantando-se para isso um largo estrado de madeira á altura do muro da cerca pelo lado da Viella da Nora, em razão do convento não ter janellas para a rua de Nossa Senhora da Misericordia (9) e

(1) *Variedades, sobre objectos relativos ás artes, commercio e manufacturas, etc.*, por José Acurcio das Neves — Lisboa, 1814—Tom. I, pag. 195.

(1) A. C. Borges de Figueiredo.

(1) Era esta a invocação do convento de frades dominicos que ficava no topo da hoje rua de Jesus.

que, d'elle depois tomou o nome. N'um d'elles, em 1816 ou 1817, por occasião da eleição da prioreza, o nosso Tijelinha salientou-se bastante declamando versos já feitos e improvisando outros, o que lhe rendeu uma chuva de *fartes* que, eram uma das especialidades do convento. Os triumphos do Tijelinha estimularam a veia poetica do juiz de fóra da comarca, o bacharel Manoel Sebastião de Gouveia Almeida Figueiredo, muito melhor legista do que poeta e, para isso não era preciso muito, que, decerto despeitado com os applausos e os doces que ia apanhando o pobre oleiro, improvisou este terceto:

«Vil canalha dos oleiros
Alfaiates e sapateiros
Que vindes vós fazer aos oiteiros?»

que minutos depois Tijelinha batendo as palmas, glosava assim:

«Fazer versos de repente
Sem ter ideia para isso
Se não sabes o que dizes
Manoel deixa-te d'isso.»

Aos exemplares em barro feitos aqui ha a juntar os de porcelana fabricados tambem no districto e, apenas a alguns kilometros distante da cidade, na Real Fabrica da Vista Alegre. Os productos d'esta fabrica são hoje conhecidos não só em Portugal mas até na Europa inteira. N'esta fabrica produzem-se entre mil outros objectos, pequenas imagens de devoção, todas muito graciosas e bem acabadas. D'estas, porém, não vieram exemplares á exposição, as que n'ella ha são peças unicas que, nunca entraram no mercado. A estatueta da Virgem (357) notavel pelo tamanho, pois é difficilimo fazer vingar uma peça de porcelana de taes dimensões, foi cosida em 1861 e, é copia da imagem do Coração de Maria que, n'esse mesmo anno foi exposta á veneração dos fieis n'um dos altares da egreja de Jesus. A estatueta de S. Fernando (197) é a redução da imagem do mesmo santo que se venera na grandiosa capella de Nossa Senhora da Penha de França, pertença da fabrica (1); e, a da

(1) Já que me referi á capella de Nossa Senhora da Penha de França, aproveito a occasião para fazer uma rectificação ao que escrevi ha annos no meu opusculo — *A Vista Alegre, apontamentos para a sua historia, Porto 1883* — sobre o patri-

Virgem com o Menino é redução tambem, da grande estatua em pedra que se vê sobre a porta principal da mesma capella. Esta ultima estatueta é copia d'uma outra que foi modelada por um dos mais habeis artistas que tem tido a fabrica, Manoel de Moraes, gravador distinctissimo e discipulo da Casa Pia em Lisboa d'onde veio para a Vista Alegre 1826 e, onde se conservou até 1833.

E' muito menor o numero das esculpturas em madeira, mas ainda assim as que ha são muito interessantes. Sobreleva a todas porém a imagem do Senhor Ecce-Homo da Misericordia de Aveiro (159), «suspensão dos Estrangeiros admirados, diz o padre Luiz Cardoso, em que a escriptura nunca teve que notar e a devoção achou sempre com que se enternecer» (1). No seu genero é um assombro. Na estatuaria religiosa não se encontra no paiz cousa parecida; é primeira imagem do Ecce-Homo que existe em Portugal, já assim o affirmava em 1747 o mesmo padre Luiz

---

monio da mesma capella. Disse ali por mal informado que a capella e quinta da Vista Alegre fôra vendida em 1815 por Alexandre de Castro Brandão a José Ferreira Pinto Basto; isto não succedeu assim. A verdade é a que segue.

Os haveres do dr. Manoel F. Botelho depois de ausufruidos por D. Theodora e padre Ferreira da Graça, passaram para a fabrica da capella de Nossa Senhora da Penha de França e não para Manuel Alvares Brandão, como affirmei.

Ha noticia de differentes administradores dos bens da capella a saber: padre Ignacio André e dr. Jeronymo Tavares da Silva (1741), D. Nicolau Biliberti, vice-reitor do Collegio dos Nobres em Lisboa e depois reitor do Seminario episcopal de Coimbra (1764), Nicolau Vieira da Trindade (1771), padre João Nunes dos Reis (1780), padre Antonio Domingos (1782).

Em 1799 foi a capella declarada vaga e como tal incorporada nos proprios da coróa, que d'ella tomou posse em 7 de novembro. Depois o governo fez doação da capella e patrimonio respectivo, a D. Thereza Luiza de Sousa, filha do desembargador do Paço, Feliciano José Alves da Costa Pinto. A esta senhora comprou o benemerito fundador da fabrica da Vista Alegre, José Ferreira Pinto Basto, todo o direito, acção, fruição e posse que ella tinha á capella e bens annexos pela quantia de 800$000 réis por escriptura feita em Lisboa em 25 de outubro de 1817 e no dia seguinte comprou perante o juiso das capellas da corôa a mesma capella pe a quantia de 2:850$000.

(1) *Diccionario geographico, ou noticia historica de todas as cidades, villas, etc.—Aveiro.*

Cardoso que escreveu: «e certamente não tem o Reino outra semilhante» e não se enganou. Infelizmente não é obra portugueza. Veio de Inglaterra para Aveiro quando alli se estabeleceu a Reforma.

Teria sido talvez possivel, sem grande trabalho e mesmo sem sahir da cidade, reunir uma boa collecção de imagens notaveis pela sua esculptura. Faltou porém o tempo para isso, mas ainda assim ha na exposição exemplares valiosos e sobre tudo muito apreciaveis. O mais antigo é o crucifixo da Real Irmandade de Santa Joanna Princeza (186). A tradicção dá-o como havendo pertencido á virtuosissima filha de D. Affonso V, como disse já no corpo do catalogo e, as imperfeições da esculptura, o alongado dos membros, e a falta de verdade anatomica, emfim, predispõe para se ter por verdadeira a tradicção. Em Portugal houve muitos imaginarios a partir do seculo xv, portanto é de presumir que sejam portuguezas uma grande parte das imagens expostas.

Propriamente de Aveiro tenho noticia d'um imaginario que nem Cyrillo (1), nem o cardeal Saraiva (2), nem Raezynski (3), tiveram conhecimento. E' fr. Cypriano da Barca, auctor de quasi todas senão todas as imagens da egreja de Santo Antonio (2).

São muito interessantes e sobre tudo muito bem tratadas as respectivas roupagens, o S. Miguel e o S. Raphael da Real Irmandade de Santa Joanna Princeza (181 e 191).

Verdadeira obra d'arte é um outro crucifixo da mesma irmandade de Santa Joanna (190); como esculptura em madeira é de primeira ordem. E' do mesmo modo muito apreciavel o Menino Jesus do sr. João Salgado (184).

Já tive occasião de me referir n'estas ligeiras notas a diversos objectos do culto, expostos, de origem genuinamente oriental; na secção de que me estou occupando ha tambem alguns de egual procedencia e, são entre outros o grande crucifixo de marfim do sr. Duarte Ferreira Pinto

(1) *Collecção de memorias relativas ás vidas dos pintores, esculptores, architectos e gravadores portuguezes*—Lisboa, 1823. (2) *Lista de alguns artistas portuguezes* nas *Obras completas*—Lisboa, 1876, tomo VI. (3) *Dictionnaire historico artistique du Portugal*—Pariz, 1847.

(2) *Chronica da santa provincia da Soledade*, por fr. Francisco de S. Thiago—Tom. I, pag. 644.

Basto (173) e o crucifixo egualmente de marfim do sr. Fernandes Thomaz (177). O primeiro, um bello pedaço de marfim foi ha poucos annos avaliado em Lisboa em inventario orphanologico n'um conto de reis, o segundo, que é muito mais pequeno mas de muito superior esculptura, pertenceu á fallecida viscondessa de Espinhal.

Tanto um como outro parecem ser obra indiana, e, tanto se pódem attribuir a artifices indigenas, como a naturaes convertidos ao christianismo, como finalmente a portuguezes residentes na India, pois todos ali tinham officinas onde se executava esta ordem de trabalhos, não obstante aos primeiros ser vedado pelo concilio provincial de Goa o tractarem as imagens e figuras da religião catholica (1).

Notavel pela sua belleza e pela perfeição da esculptura é o crucifixo de azeviche da Real Irmandade de Santa Mafalda (192). Tem pendente uma tira de pergaminho com estes dizeres: «Este crucifixo de marfim entra no numero das reliquias que a Santa Rainha Mafalda deixou a este mosteiro, declarando no seu testamento feito em 1294; e é o mesmo que se mette na mão ás Novissas professas, e Freiras, e no benzimento; porém é uma das cousas que ella prohibe com a benção e maldição das reliquias que nenhum Abbade ou Abbadessa, nem homem, ou mulher as possa alienar ou dividir, nem mudar, ou tirar do Mosteiro de Arouca».

O crucifixo além de ser, como é, trabalho indiano, não vae além do ultimo quartel do seculo XVII, portanto escusado é dizer que nunca pertenceu á rainha Santa Mafalda e, no mesmo caso está um outro que existe na sachristia interior do mesmo mosteiro de Arouca e que, é uma verdadeira joia artista.

Trabalho italiano são egualmente o grupo em marfim do sr. Fernandes Thomaz (164) e as duas imagens de Santa Joanna e S. Domingos (178 e 179). Estas, rostos e mãos, foram mandadas fazer em Roma pela communidade do Convento de Jesus em 178·. ,

São esculpturas do seculo XVII os baixos relevos do sr. Fernandes Thomaz (169) e o da Junta de parochia da Gloria (176). Os primeiros tem molduras modernas, obra do habil artista aveirense o sr. Antonio Augusto da Silva que

(1) Por Sousa Viterbo *A exposição de arte ornamental, notas ao catalogo*—Lisboa 1883, pag. 43.

foi quem os restaurou. Fizeram parte do retabulo do altar de S. José na egreja matriz d'esta cidade, S. Miguel, demolida em 1835 e cuja fundação primitiva remontava ao seculo xv. Demolida a egreja foi o altar vendido para a capella do Bom-Successo, da freguezia d'Aradas, onde se conservou até ha pouco.

O outro baixo relevo era pertença da antiga egreja do Espirito Santo d'esta cidade, demolida ha bastantes annos já e, que serviu de parochia desde 1512 até 1835.

Póde dizer-se da mesma epocha o baixo relevo da Camara municipal (187). Servia na chamada procissão da *Visitação* feita a expensas da camara conforme o determinado no titulo VI, § 48 do Liv. I das *Ordenações*. Sobre o assumpto lê-se nas *Ordenações manoelinas*:

«Ordenamos e Mandamos que em todos Nossos Reynos, e Senhorios, em cada hu anno em o dia da Visitaçam de Nossa Senhora, que vem a dous dias do mes de Julho, se faça huã Procissam solene a louuor de Nossa Senhora, pera que assi como ella quis visitar corporalmente a Santa Isabel, assi espiritualmente nos vesite, e a todos os fiees Cristaõs, pera que nossas obras sejam feitas, e aderençadas a seruiço de Nosso-Senhor, e seu.» (1)

VI

E' modesta a secção de ceramica, mas podia ser rica se fosse possivel conduzir para o local da exposição alguns dos quadros em azulejo que se encontram nas egrejas da cidade, taes como Santo Antonio, Ordem Terceira, Jesus e Carmelitas. Os d'esta ultima são datados—1737, os de todas as outras não vão além do seculo xviii. Todos, perfeitamente conservados, são de superficie lisa e de pintura azul sobre fundo branco, em estylo recóco; em alguns o desenho é bastante correcto. Além d'estes, ocupariam ali logar distincto exemplares de diversos typos dos azulejos do seculo xvii que revestem as paredes do claustro e capellas do convento de Jesus, entre os quaes ha alguns muito notaveis e, de grande belleza e, bem assim dos da capella de Nossa Senhora d'Alegria em Sá. Estes, uns de superficie lisa enxaquetada de verde e branco e, outros de meio relevo, ora formando florões de quatro azulejos,

(1) Liv. I, Tit. LXXVIII.

a cinco côres, ora de laçaria e ornato vegetal a cinco côres tambem.

Não ha na exposição exemplares dos antigos azulejos que Aveiro abriga em seu seio, mas em compensação ha ali os que ella produz actualmente e que, no seu genero é o melhor que hoje se fabrica no paiz. Tem ha muito feita a sua reputação os azulejos da fabrica da Fonte Nova d'esta cidade, a primeira consagração receberam-a na Exposição Industrial do Palacio de Crystal no Porto, em 1891.

São numerosissimas as placas de azulejo fabricadas na Fonte Nova e hoje espalhadas por todo o paiz, mas se fosse possivel reunil-as agora, destacar-se-hiam entre todas, duas das seis que se acham expostas—o claustro de Thomar (242) e a Sagrada Familia (239). São ambas pintadas por o sr. José de Pinho de quem eu dizia em agosto de 1892, fallando dos artistas da Fonte Nova: «Hoje emprega-se no mesmo genero de pintura (azulejo) o sr. José de Pinho, um rapaz imberbe mas cheio de vontade, que trocou ha pouco mais de um anno a sua aprendizagem de carpinteiro pela de pintor de faiança» (1). O alumno tornou-se mestre, e a prova são os dois azulejos a que me venho referindo. E' do mesmo pintor o retrato do sr. Bispo Conde (235) mas n'este, o fogo prejudicou bastante o trabalho do artista. Foram os retratos em faiança que principiaram a tornar conhecidos os azulejos da Fonte Nova. Referindo se á visita que a Rainha D. Amelia fez á mesma exposição industrial do Palacio de Crystal, dizia o *Commercio do Porto*:

«S. M. visitou tambem o annexo, merecendo-lhe especial attenção os productos da Fabrica da Fonte Nova. Entre os productos expostos figuram uns medalhões com retratos de diversos homens notaveis. E' um trabalho perfeitissimo.

Attentando S. M. no retrato do fallecido estadista Fontes Pereira de Mello, perguntou:

—Aquelle é o Fontes, pois não é?

S. M. escolheu dois dos medalhões que um dos proprietarios da fabrica pediu licença para lhe offerecer.»

As duas placas, uma, representando um cruzeiro na Serra de Estrella e a outra, o cruzeiro de S. Domingos (Aveiro) (237 e 238) são d'um outro pintor, o sr. José da Silva, mas muito apreciaveis tambem, principalmente, sabendo-se

(1) *O Campeão das Provincias* n.º 4:129 de 20 de agosto de 1892.

que a aquella foi um dos seus primeiros ensaios de pintura em azulejo. O sr. José da Silva que não chegou a estar um anno, segundo creio, na Fonte Nova, deixou ali sobejas provas da sua aptidão. Hoje consagra-se a gravura em madeira em que tem feito notabilissimos progressos, promettendo continuar assim as tradições de dois gravadores aveirenses muito conhecidos João de Figueiredo e Antonio Joaquim de Figueiredo, os muito distinctos Figueiredos como ainda ha pouco lhes chamava um notavel critico d'arte e, de quem talvez ainda me tenha de occupar.

O barro vermelho, empregado nas molduras dos dois medalhões de azulejo (241 e 242) é egual ao que antigamente se empregava nas olarias aveirenses e, portanto o mesmo da maioria das estatuetas e imagens em barro, expostas.

O azulejo de Delft, do sr. Fernandes Thomaz (237) é proveniente do palacio que os condes da Figueira tinham na villa hoje cidade, de que trazem o titulo e, onde presentemente se acha instalada a Escola industrial Bernardino Machado e o Museu municipal. A peanha de barro da Ordem Terceira (236) é um dos variadissimos productos das antigas olarias aveirenses.

São muito valiosas e interessantes as tres jarras da Irmandade de Santa Joanna Princeza (244). Se me levasse pelas impressões que me deixou a leitura de Jacquemart (1), unico tradatista d'um assumpto que conheço, talvez as tivesse classificado como do Japão, mas como tenho visto muitos exemplares semilares apresentados por mestres como chinezes, assim as classifiquei tambem. Além d'isto actuou no meu espirito a ideia de que ellas fossem talvez como o estofo do frontal da mesma Irmandade de Santa Joanna (56), dadiva do bispo de Malaca, D. fr. Jorge de Santa Luzia, e tanto mais que era n'aquelle porto que fundeavam as embarcações que vinham da China e era ali que se faziam as primeiras transacções com o ouro em pasta, as obras finas de madeira e marfim, os charões, as sedas e as porcelanas trazidas do celeste imperio (2).

---

(1) *Les merveilles de la ceramique.*
(2) Scherer—*Histoire du Commerce,* tom. II.

VII

São oriundos do oriente a maioria dos objectos que compõem esta secção. O mais interessante porém de todos é o prato de madeira do sr. José Reynaldo Rangel de Quadros (254). Ha um egual no muzeu do sr. Marquez da Graciosa, e esteve aqui na exposição d'arte ornamental em 1882. Parece que pertenceram ambos, durante muitos annos ao mesmo dono, a sr.ª D. Maria Guilhermina Rangel de Quadros.

As cruzes com incrustações (248, 250, 251, 253 e 255) eram mimos com que os religiosos Capuchos Menores Reformados, dos conventos de Jerusalem (1), presenteavam as pessoas encarregadas de receberem as esmolas dos fieis para os Logares Santos.

E' um d'estes religiosos, fr. Miguel das Almas Santas, que o affirma porque depois de se referir a differentes reliquias que os mesmos religiosos traziam da Terra Santa para retribuição dos seus esmoleres e bemfeitores escreve: «mas além das referidas Reliquias, trazem mais huãs Cruzes compostas de varias madeiras, e huãs Corôas ou Rozarios de contas com que premeião os seus devotos: todas estas devotas prendas, mandão fabricar os Religiosos que residem naquella Custodia de Jerusalem, pelos Maranitas e Catholicos reduzidos a Santa fé; mas na S. Cidade, se fabricão só as contas, e as Cruzes se fazem nas Montanhas da Judêa.» (2)

Relata o mesmo escriptor o seguinte facto que é para relembrar, pois demonstra a existencia de mais uma industria portugueza, cuja existencia tem passado inteiramente desapercebida:

«E sem duvida não consta a sua real piedade, fr. Manoel das Almas Santas refere-se a D. João V, se fabricão nas Cidades, e Villas d'este seu vastissimo Imperio contas, Cruzes, Rozarios, e Corôas, á imitação das que por Reliquias trazem da Terra S. os Religiosos, para retribuição

(1) Fr. Pantaleão de Aveiro—*Itenerario da Terra Santa*—Cap. XXXIV.

(2) *Clamores feitos ao céo, suspiros dados na Terra Santa de Jerusalem*—Porto 1739—pag. 203.

de seus Bemfeitores, e em tudo tão parecidas, que huãs com outras se confundem.» (1)

Identica proveniencia é provavel que seja a da concha e medalhão de madreperola do sr. Fernandes Thomaz (251 e 255). A estante de missal, essa, é trabalho indiano, e pertenceu sem duvida a alguma casa ou collegio da Companhia de Jesus. E' do mesmo modo trabalho indiano e, sobre tudo muito interessante, o cofre de tartaruga do Collegio de Santa Joanna (249). Os ornatos do outro cofre (252) são estylo baroque é verdade, mas de bom desenho. O escudo com o primeiro quartel da lisonja em branco, indica que pertenceu a uma senhora solteira, a alguma religiosa talvez; e, as quinas do reino sem a orla dos castellos no segundo quartel que, esta era da familia dos Lencastres. Pertenceria a soror Monica de Santo Agostinho, filha illegitima de D. Jorge de Lencastre, 1.º Duque de Torres Novas e, que professou no convento de Jesus, em março de 1645?

A senhora a quem o sr. D. Miguel de Bragança offereceu os rosarios, descriptos sob o n.º 256, foi D. Francisca Joanna do Vadre Almeida Castel Branco (2), a sua querida aia, como elle lhe chamava, «senhora já muito idosa em 1834, escreve o sr. Gabriel Pereira, e que se tornou fallada pela sua extraordinaria dedicação e por ter querido salvar as joias e pratas particulares de D. Miguel» (3). D. Francisca Vadre deu os depois a sua sobrinha a sr.ª D. Eugenia do Valle que presenteou com elles o sr. Manoel José Mendes Leite que, depois os offereceu a sua irmã a sr.ª D. Anna Augusta Leite Marques Gomes.

VIII

Não desmerece das outras secções da exposição a secção de pintura, antes pelo contrario, sobreleva algumas em valor e interesse. N'uma região tão rica em objectos d'arte como era o districto de Aveiro, não podiam deixar de existir quadros de valor, sobretudo quadros portuguezes dos aureos tempos da nossa nacionalidade. Nos mosteiros de Arouca e Jesus, principalmente, habitação queri-

(1) Obra citada, pag. 190.

(2) *Breve resumo dos privilegios da nobreza*, por Francisco Antonio Martins Bastos—Lisboa, 1854—pag. 223.

(3) *Revista Illustrada*, n.º 59—pag. 199, 1892.

da e sarcophago venerando de filhas de reis, verdadeiros thesouros d'arte, alguma cousa devia restar da antiga pintura portugueza; atravez dos longos corredores ou ao fundo d'alguma das suas numerosissimas cellas, por entre centenares de painneis indifferentes, devia encontrar-se necessariamente quando mais não fosse uma tabua ou uma tela de merito, e felizmente assim succedeu. Não obstante Filippe Simões haver affirmado que no mosteiro de Arouca não existiam quadros de algum valor (1), direi que ali alguns ha, pelo menos meia duzia de tabuas muito apreciaveis da chamada escola gothica. Uma d'ellas encontra-se na exposição. E' o quadro da Real Irmandade de Santa Mafalda que tem o n.º 291. Faz parte d'uma serie de dez ou doze quadros em madeira, representando scenas da vida de Jesus Christo a principiar em Belem e a terminar no Golgotha. Além d'estes ha ali um de maiores dimensões—*O lavapés*, interessante não só pela boa disposição das figuras mas tambem pela reproducção fiel de muitos objectos de uso domestico caracterisadamente portuguezes.

No convento de Jesus, a quantidade é menor mas maior a valia. Ha aqui alguns elementos interessantes para o estudo das nossas officinas de pintura no longo periodo que, decorre desde meados do seculo xv até quasi ao ultimo quartel do seculo xvi e para que, ultimamente tem carreado importantissimos subsidios na sua parte ineditos ou quasi desconhecidos, o mestre de todos nós os que mais ou menos nos interessamos por estes assumptos de historia da arte portugueza, o sr. Joaquim de Vasconcellos.

Dos quadros expostos pelo Collegio de Santa Joanna, quatro pertencem á escola gothica a que me referi já, e, são o tryptico (274), o S. Thiago (281), a Adoração dos Magos (294) e o S. João Evangelista (300). O terceiro afigura-se-me mais antigo do que qualquer dos outros, mas ainda assim tambem já do seculo xvi. Nenhum d'elles veio á exposição de 1882 e, póde-se até affirmar que passaram inteiramente desapercebidos até outubro de 1887, em que a familia real veio a Aveiro (2). São quatro tabuas preciosas;

(1) Vid. pag. 71.

(2) O facto passou-se assim: Horas depois de el-rei D. Luiz ter visitado o Collegio de Santa Joanna, n'uma das salas do Gremio Aveirense onde a familia real se havia alojado, disse-me Sua Magestade:

o tryptico e o S. João Evangelista porém são de excepcional valor. Este ultimo é na opinião auctorisada de Ramalho Ortigão, um Frei Carlos. E em verdade ha muita analogia entre elle e alguns dos quadros atribuidos a este notavel pintor eborense, existentes no Museu nacional de bellas artes. Parece-me até que está intacto, mas o mesmo já se não póde dizer do tryptico, pois é incontestavel que mãos sacrilegas de restaurador passaram sobre elle.

E' fóra de duvida que estas tabuas existem ha seculos no convento de Jesus, hoje Collegio de Santa Joanna. Sobre a sua proveniencia, porém, nada pude averiguar de positivo. Com relação ao tryptico, ha comtudo uma indicação muito aproveitavel, os brazões que tem pintados nas portas, exteriormente; na direita, um escudo partido em pala, na primeira as armas dos Almeidas—em campo vermelho

---

—Conhece um quadro gothico em que ha no primeiro plano uma freira de joelhos? Está sobre uma porta n'um dos corredores do convento onde hoje estivemos? Pareceu-me bom.

Respondi que me não recordava de ter visto no convento de Jesus qualquer pintura de valor, não obstante haver entrado ali muitas vezes. Disse a verdade. Até então ignorei a existencia do quadro a que se queria referir el-rei.

— Pois ha um. Quando ali voltar examine bem todas as pinturas e verá que ha-de encontrar aquelle a que me refiro, observou-me Sua Magestade. (*)

A visita ao convento de Jesus (Collegio de Santa Joanna) não fôra muito demorada, mas ainda assim a familia real e comitiva visitaram a egreja, as aulas, capellas e mais dependencias do Collegio, inquirindo dos methodos de ensino e adiantamento das educandas a quem dirigiram palavras de estimulo, fazendo ao mesmo tempo os mais levantados e merecidos louvores á virtuosissima superiora e communidade das Irmãs Terceiras de S. Domingos, a quem está entregue a direcção da casa, no meio de tudo el-rei com a sua elevada intuição artistica pois teve occasião de descortinar o que até ahi tinha passado inteiramente desapercebido a todos.

No dia seguinte dirigi-me ao Collegio e depois de haver relatado o que tinha passado com el-rei, percorri o longo corredor em que se afigurava dever existir o quadro. Não fôram necessarias muitas pesquizas. As indicações d'el-rei foram-me guia seguro. Por cima da porta d'uma cella estava com effeito um quadro em madeira, representando um dos Apos-

---

(*) Do mais que então se passou entre mim e el-rei, direi em capitulo especial no livro que estou publicando sob o titulo—*Os meus mortos, recordações e memorias*.

seis bisantes de oiro entre uma cruz doble, e bordadura do mesmo metal; na segunda pala as armas dos Silvas— em campo de prata um leão de purpura armado de azul. Na porta esquerda um escudo esquartelado—no primeiro quartel as armas de Portugal com um filete negro em contrabanda, no segundo as de Castella, mantelado de prata, e dois leões de purpura batalhantes, com uma bordadura composta de oiro e veiros de côr azul e assim os seus alternos. E' o brazão privativo dos Noronhas da casa d'Angeja.

A minha primeira ideia foi que o tryptico fosse presente dado ao convento de Jesus pelo bispo de Coimbra D. Jorge de Almeida, que n'elle esteve por varias vezes, (1) pois o brazão da porta da direita era o mesmo que este prelado usava, e que ainda hoje se vê esculpido sobre a sua sepultura na egreja da Sé Velha, em Coimbra e, no famoso retabulo da capella-mór da mesma egreja, com a differença do que lá o brazão é rematado pelo chapeu episcopal, o que aqui se não dá. Esta circumstancia

---

tolos, tendo ao lado uma religiosa dominica de joelhos e mãos postas. Estava confirmada a descoberta. A minha surpreza porém, que fora grande, maior se tornou ainda quando na parede fronteira deparei com um outro quadro gothico tambem, e que logo se me afigurou de superior valia. Era o S. João Evangelista, essa famosa perola da exposição, que tão apreciado foi ainda agora na Exposição de arte sacra em Lisboa, onde esteve. Pareceu-me que devia ser este o quadro para que el-rei chamára a minha attenção, mas como Sua Magestade se havia referido á freira no primeiro plano, acceitei a primeira indicação.

Ficou ali logo assente que o quadro fosse mandado a el-rei, resolução que foi posta em pratica poucos dias depois. Enviado o quadro para Lisboa e apresentado a el-rei, este disse immediatamente ao vêl-o:

— Não é este o bom quadro que vi em Aveiro, ou então a altura a que elle lá estava, fez-me suppol-o muito melhor. Colloquem-n'o lá outra vez.

O equivoco fôra d'el-rei, como mezes depois tive occasião de ouvir da propria boca de Sua Magestade, dignando-se receber-me no Paço d'Ajuda, onde lhe fui novamente apresentado pelo meu saudoso amigo o sr. conselheiro Antonio José Duarte Nazareth.

O quadro voltou com effeito para o Collegio e é o mesmo que se acha exposto sob o n.º 28.

(1) Marques Gomes—*D. Joanna de Portugal a princeza santa*—Aveiro 1879—pag. 41 e 44.

junta ao facto de na porta fronteira haver o brazão dos Noronhas, levou-me a fazer pesquizas no archivo do convento e hoje, em resultado d'ellas parece-me poder affirmar que o tripitico pertenceu a D. Brites de Noronha, filha do 2.º conde d'Abrantes D. João d'Almeida (1) e da condessa sua esposa D. Ignez de Noronha, que professou no mesmo convento de Jesus em 1488.

Os outros quadros, principalmente os mais antigos, talvez fossem dadiva de D. Leonor de Menezes, filha do 1.º conde de Vianna que professou tambem ali em 8 de dezembro de 1472 e, que diz fr. Luiz de Sousa (2) trouxera para o convento um grande emprego de livros e de retabulos, de paramentos para a egreja, e de ornamentos para os altares.

Não se póde considerar como sendo uma preciosidade o quadro representando a Virgem e o Menino, da Irmandade de Santa Joanna (263), mas ha tanta suavidade nos rosto de ambos e resalta por tal fórma da tela o religioso affecto com a Virgem, estreita nos seus braços o Filho querido, que lhe dão valia e fazem crer que seja obra de quem sabia pintar. A moldura de talha que representa um portico estylo Renascença, é dos meados do seculo XVII.

Verdadeira joia, uma perola, é o delicioso quadrinho do sr. Manuel de Mello Freitas *A adoração dos reis* (271). Tenho ouvido classifical-o por mestres como pertencente á escola allemã, mas sei que o seu feliz possuidor levando-o a Pariz em 1889, ali lhe foi dito por um avaliador de telas muito conhecido a quem o apresentou, que o quadro era um exemplar authentico e muito valioso da escola flamenga.

Os retratos de Clemente XIV e o de D. Antonio Freire Gameiro de Sousa não foram expostos pelo seu valor historico ou artistico, mas sim como homenagem agradecida da cidade, pois este foi o primeiro bispo da sua hoje extincta diocese, aquelle o do papa que concedeu a bulla *Militantibus ecclesiae gubernacula*, orando-o.

O claustro de S. Bento, do sr. Mendes Leite (269) como trabalho de amador tem bastante merecimento. Foi exposto pela primeira vez na Exposição de productos da industruia portugueza, feita pela Sociedade promotora da indus-

(1) Era irmão primogenito do bispo D. Jorge d'Almeida.
(2) *Historia de S. Domingos*—2.ª parte, liv. 4.º, cap. XIV.

tria nacional e inaugurada em Lisboa a 22 de julho de 1838. Vem assim discripto no respectivo catalogo:

«*Bellas Artes.*—Um Quadro do Claustro de S. Bento, obra do sr. Conde de Melo, nosso digno Socio, cujos talentos como Artista são conhecidos, veio adornar a Exposição. O desempenho das regras da perspectiva, força de luz, e os claros escuros o recommendão sobejamente.»

Os dois quadrinhos em cobre do Collegio de Santa Joanna (273 e 276) representando Santa Joanna e Santa Barbara são muito interessantes, especialmente o segundo, sendo egualmente recommendaveis as respectivas molduras no estylo dos antigos bufetes e contadores, já de pau santo com tremidos, já axaroadas.

Portuguezes e muito portuguezes são os tres quadros do Collegio de Santa Joanna (283, 298 e 300). São por assim dizer illustrações do *Agiologio dominico* de fr. Manoel de Lima. Fazem parte do retabulo da capella de S. Domingos, no convento de Jesus, mandada edificar por soror Izabel Padilha que ali professou em 1618. Toda a capella é revestida de pinturas a oleo, representando as grandes sumidades da ordem dominica, com bellas molduras de talha dourada, porém parece que d'outro pincel. Dos quadros só um é assignado, mas é fóra de duvida que são todos tres do mesmo pintor—*Antonio André*. Desconheço este artista aliás d'um tal ou qual merecimento, e em vão tenho procurado noticias que lhe digam respeito. Ha annos consultei sobre o assumpto o illustre cooperador de Raczynski o sr. Visconde de Juromenha, que me respondeu com esta carta:

«*Sr. Marques Gomes.*— Respondendo aos esclarecimentos que v. pede, por ora não posso adiantar cousa alguma com certeza. Fui á Bibliotheca Nacional e ahi nada poude encontrar, e por ora na Bibliotheca das Bellas Artes que examinei o mesmo. Parte dos livros que pertencem a esta ultima andam por fóra: alguns no Muzeu de Bellas Artes, e entre estes uma obra sobre monogramas por um auctor Christ, que me disse o bibliothecario que era a mais importante. O filho do velho pintor Fonseca teve a bondade de se prestar a fazer a indagação na citada obra do monograma, de que tirou copia. Mostrei tambem o monograma ao meu parente e amigo Julio Mardel, que é intelligente, competente e que conhece a v.

Parece que os monogramas se decifram com facilidade o primeiro *Antonio* em abreviatura, e o segundo *André* integral-

mente. Aguardo a informação do Fonseca, e logo que esta me chegue participarei, aproveitando esta occasião de me assignar com toda a estima e consideração

De v. etc.,

Carnide, 7—8—86.

Visconde de Juromenha.

O S. Gregorio, do sr. Mendes Leite (259) foi comprado em Roma pelo fallecido conde de Mello. E' egual a um que se acha no Muzeu nacional de Bellas Artes (Sala E n.º 475). Qual d'elles será o original? Serão ambos copias? Este ultimo pertenceu á collecção Cambiasso e foi offerecido á Academia de Bellas Artes por el-rei D. Fernando em 1865.

O retrato de Jesus Christo, da Irmandade dos Passos (287) como trabalho artistico é mediocre. Se se dér inteira fé ao que diz a inscripção, então tem um certo valor historico. Fr. Belchior de Santa Anna (1) tratando do convento dos carmelitas descalços d'esta cidade, a cuja egreja pertence o quadro, não lhe faz a minima referencia, porém o padre Carvalho e Costa (2) já acusa a existencia d'elle na mesma egreja a quem diz ter sido dado por D. Brites de Lara e Menezes, filha de D. Manoel de Menezes e de D. Anna da Silva, duques de Villa Real, viuva de D. Pedro de Medicis, filho do grão duque de Florença Cosme de Medicis, e grande bemfeitora do convento.

A Virgem e o Menino do sr. Fernandes Thomaz (295) é copia fiel do retabulo de marmore em baixo relevo, da capella denominada da Conceição, na Basilica de Mafra (3).

Das pinturas em vidro a mais interessante é o quadro representando S. Pedro, do Collegio de Santa Joanna (278). O Ecce-Homo, do sr. Fernandes Thomaz é uma boa pintura do seculo XVII escola bolonheza, talvez obra de alguns dos irmãos Carraches ou então de algum dos seus melhores discipulos. Da mesma epocha e da escola italiana é o Presepe (288), que é patrimonio de minha familia desde meados do seculo passado.

A Virgem da Piedade, da sr.ª Rosa Gamellas (261) é um bom quadro da escola hespanhola, mas nunca um legitimo Morales como tenho ouvido classifical-o. E' certo que

(1) *Chronica dos Carmelitas descalços*—Lisboa 1657. Tom I.
(2) *Chorographia portugueza*, tom. II, pag. 106.
(3) *Descripção minuciosa do monumento de Mafra*, por o sr. Joaquim da Conceição Gomes—Lisboa 1871—pag. 307.

Morales, o Divino como o appelidaram os seus contemporaneos, reproduziu uma e muitas vezes a *Virgem com o Christo nos braços*, em meio corpo. Foi este um dos seus assumptos predilectos como o foram tambem o *Ecce-Homo* e o *Christo preso á columna*, sempre nas mesmas proporções. A morte está ali maravilhosamente reproduzida no semblante amortecido do Christo, comtudo a face divina conserva sempre uma serenidade inalteravel, reveladora da ressurreição, e a dôr da Virgem é tão respeitavel e tão intima que ao vel-os nos detemos involuntariamente a meditar perante este grande drama de soffrimento e de amor.

Ora não é n'estas condições que está pintado o presente quadro, que quando muito, poder-se-hia tomar por um Morales, dos que é preciso pôr de parte como indignos do seu pincel, como são uns Ecce-Homo descarnados e umas Mater Dolorosa *grimaçantes*, naturezas doentias, grotescas, que se lhe attribuem. Parece-me que este quadro não é de Morales o Divino, mas sim de algum dos seus discipulos ou talvez de seu filho Christovam Morales, que todos se esforçaram por copiar e reproduzir as suas producções, mas exagerando sempre e algumas vezes até ao ridiculo os defeitos do mestre. (1)

IX

Não existem presentemente pannos de Arras no districto de Aveiro, segundo me parece. Houve-os e magnificos no antigo solar da Graciosa, mas foram infelizmente ha annos arrancados das paredes que, revestiam d'alto a baixo, duas ou tres salas e, substituidos por papel ordinario!!

Ainda ali cheguei a ver restos d'estas tapeçarias, servindo de toldo á noite ao milho nas eiras e de ninho aos ratos.

Na antiga casa do Seixal, d'esta cidade, adquirida pelo sr. Mendes Leite havia uma sala forrada de *pannos pintados*, imitação muito ingenua dos pannos de Arras, pois são apenas um tecido crú de cordão. Filippe Simões que os vio, ao que parece muito de passagem, chegou a pedil os para a exposição de Arte ornamental em Lisboa, como se elles fossem verdadeiros razes.

(1) *Histoire des peintres de toutes les écoles espagnoles* par Charles Blanc Mell., W. Burger, Paul Mantz, L. Viardot et Paul Lefort.—*Luiz de Morales.*

Classifiquei como de Arrayolos os tapetes da Irmandade de Santa Joanna, da Junta de parochia da Vera-Cruz e da sr.ª D. Anna Candida de Mello, não porque tenha inteira convicção que provenham todos das hoje extinctas officinas da modesta villa alemtejana, onde tão larga escala attingiu este genero de manufactura nacional, mas sim por não saber como melhor classifical-os, sendo como são obra portugueza mas nunca das antigas fabricas de Tavira ou Lisboa. Alguns d'elles ás côres typiticas dos productos de Arrayolos juntam o desenho grotesco que os caracterisavam. (1)

Talvez alguns fossem feitos no proprio convento de Jesus, verdadeira escola de lavor d'onde sahiram, como disse, muitos dos paramentos expostos, mas d'isto não resta noticia ou tradição sequer.

X

Havendo-se perdido por completo a noticia de quem fôra o architecto do soberbo sarcophago que encerra as cinzas do bispo de Miranda D. Manoel de Moura Manoel, na capella da Vista Alegre a superstição popular creou varias lendas que acabavam todas por dar o diabo como auctor da obra.

Quando em 1883 publiquei o meu opusculo *A Vista Alegre* revivi o nome do auctor do tumulo, o esculptor francez Nicolau de Laplada em que já ninguem fallava.

Coincidiu a publicação d'aquelle meu trabalho com a visita a Aveiro do notavel pintor e inexcedivel acquarelista Henrique Casanova. Depois de lhe haver mostrado tudo que na cidade ha digno de vêr-se, acompanhei-o á Vista Alegre. Visitamos a Fabrica e na despedida fomos á Capella. Casanova ficou maravilhado com o trabalho do tumulo e emquanto eu lhe repetia a lenda popular que dava o diabo como auctor da obra, e, lhe indicava como havia chegado a apurar quem fôra o seu verdadeiro auctor, elle meio voltado para mim desenhava apressadamente, qualquer cousa no seu album. Acabada a minha narrativa que foi curta, Casanova arrancava uma folha do album e offe-

(1) O sr. Sousa Viterbo –*Artes e artistas em Portugal*– Lisboa 1892, pag. 70.

recia-me com uma amavel dedicatoria o soberbo *croquis* exposto sob o n.º 306.

Desenho igualmente original e muito interessante, é o enterro de Christo do sr. Fernandes Thomaz (328). Não está assignado, mas a firmeza do traço, a disposição geral do quadro, e o cuidado com que estão tractadas especialmente as figuras do Christo e a da Virgem fazem suppôl-o producto do fecundissimo lapis de Vieira Lusitano.

Copia d'um desenho d'este mesmo pintor é o Santo Antonio adorando o Menino (321). E' seu auctor Joaquim Manoel da Rocha, pintor, que tambem copiou quantos desenhos pôde de Vieira; e copiava-os tão bem que se pareciam muito com os originaes, diz Cyrillo. (1)

Ha ainda um outro desenho, que por esquecimento não foi incluido no corpo do catalogo, é a lapis contornado a tinta. Pertence ao sr. Fernandes Thomaz e é copia d'um quadro de Vieira Lusitano *Nossa Senhora do Rosario* actualmente existente no Museu Nacional de Bellas Artes.

Se é muito limitado o numero dos desenhos expostos, já o mesmo se não póde dizer felizmente com relação ás gravuras; todas, como aquelles de caracter puramente religioso, são elementos valiosos sobre diversos pontos de vista para a historia d'arte em Portugal. São na sua maioria nacionaes, e algumas de gravadores até hoje desconhecidos apezar de portuguezes, taes como a Ascenção da Virgem, o Santo Antonio e o Santo Ivo do sr. Fernandes Thomaz (311, 325 e 363), o S. Francisco de Paula (322), e bem assim o S. Francisco de Paula (322) e Santo Antonio cortando os ares (323).

A gravura representando a Ascenção da Virgem, é reproducção d'um quadro a oleo do grande Vieira Lusitano, que não sei onde hoje está, mas de que o Cardeal Saraiva dá esta noticia: «O quadro da Assumpção de Nossa Senhora e de seu filho sahindo a recebel a na Gloria, assumpto dado por El-Rei, e cujo desempenho mereceu grandes louvores d'este Principe.» (2)

Do periodo do renascimento da gravura em Portugal ha na exposição exemplares tambem. São *As quatro par-*

(1) *Collecção de memorias*, etc., pag. 116.

(2) *Lista de alguns artistas portuguezes* nas *Obras completas*, tom. VI, pag. 387.

tes do mundo adorando o Coração de Jesus e a *Virgem, o Menino e S. João* do sr. Fernandes Thomaz (364 e 366). Esta ultima que é um exemplar muito interessante, justifica plenamente os elevados creditos de Francisco Bartolozzi como gravador, e a excellente escolha que do mesmo fez o governo portuguez chamando-o para Lisboa em 1802 e encarregando-o da aula de gravura então fechada pela demissão concedida a Joaquim Carneiro da Silva.

O *S. José*, do sr. Fernandes Thomaz (365) é uma das melhores producções que se conhecem de Antonio Joaquim Padrão o auctor do esboceto da celebre gravura de Beauvarlet—*O marquez de Pombal expulsando os jesuitas.*

Comprehendia o programma da exposição uma secção de encadernações, pois, este é um dos ramos da industria portugueza e que bem merece ser estudado. A escacez do tempo porém obstou a que a commissão podesse reunir um numero avultado de especimens, mas nem por isso deixa de haver na exposição alguns exemplares apreciaveis e para isto bastava o *Officio do tempo Pascoal* do Collegio de Santa Joanna (389), bello codice em pergaminho com capas de couro pintado. Uma belleza.

Como se não podiam expôr as encadernações sem se expôrem tambem as obras a que ellas serviam de precioso involucro, formou-se uma pequena secção bibliographica sob o ponto de vista religioso, tambem, e, que é por assim dizer a continuação da que agora se fez na Bibliotheca Nacional de Lisboa de obras referentes ao grande Thaumaturgo, reunindo-se alguns exemplares das edições que á sua raridade juntam a belleza e que ali não figuraram, taes como os n.os 380, 381 e 382. Pertencem todas á opulentissima livraria do sr. Annibal Fernandes Thomaz, hoje inconteslavelmente uma das primeiras do paiz.

O codice n.° 386 é um manuscripto precioso, e que bem merecia ser publicado. A primeira parte é uma chronica da fundação do Mosteiro de Jesus, e contem noticias interessantes. A segunda uma extensa biographia da Infanta D. Joanna. Foi tudo escripto por D. Catharina Pinheiro, freira do Convento de Jesus, onde recebeu o habito em 1467, e professou em 24 de junho de 1480 e que falleceu, sendo sub-prioreza, n'uma quarta-feira 12 de setembro de 1528.

A auctora do outro codice—*Officio do tempo pascoal*

—Maria d'Athaide era filha da fundadora do Convento, Brites Leitoa. Recebeu o habito em 25 de dezembro de 1464, que lhe foi lançado pelo Padre Fr. João de Guimarães, e professou no 1.º Domingo do mez de janeiro de 1466, estando presente El-Rei D. Affonso V. Falleceu ás 2 horas depois da meia noite de domingo 10 de novembro de 1526, sendo prioreza 42 annos.

Aveiro, 22 de agosto de 1895.

O vogal da commissão da exposição,

J. A. Marques Gomes.

EXPOSIÇÃO DE ARTE RELIGIOSA EM AVEIRO

I

Como em 1882, acompanhando a exposição de arte ornamental de Lisboa com uma empreza sua muito meritoria, quiz agora Aveiro mostrar que tinha ainda recursos proprios para fazer boa figura n'uma segunda tentativa parallela. Quando Lisboa fechava a exposição de arte sacra-ornamental, Aveiro abria a sua exposição de arte religiosa em 22 de agosto, em beneficio dos pobres, n'uma casa que foi desde o seculo XV abrigo da caridade e santo refugio de innumeras desillusões mundanas.

A fundação do real convento de Jesus em 1462 e a sua chronica, sobretudo desde a entrada em 1472 da princeza D. Joanna, filha de D. Affonso V, resume uma boa parte da historia da cidade até á extincção das Ordens religiosas. Como em Arouca, Lorvão e Santa Clara de Coimbra (fundações e jazigos de outras princezas illustres), formou-se dentro da clausura no correr dos seculos um precioso muzeu de arte e uma eschola de lavores de todo o genero, que conservam ainda hoje uma feição local, com attractivos e até encantos capazes de subjugar o espirito mais rebelde.

Sobre o claustro cingido de formosas capellas, onde os mais deliciosos azulejos luzem discretamente n'uma fresca e perfumada penumbra paira ainda o espirito gentil que dentro d'aquelles muros se enterrou voluntariamente, renunciando aos esplendores do throno n'um seculo em que a mão de uma infanta portugueza pesava a valer na balança do equilibrio europeu.

Olha o visitante para o seu formoso rosto melancolico—n'uma preciosa pintura coeva, suspensa no côro alto—e por detraz surge a tragedia de Setubal, e o cadafalso de Evora, um proximo parente apunhalado pelo irmão (D. João II), e outro parente, o duque de Bragança, cuja cabeça viu talvez em sonhos, rolando no pó do Alemtejo, com uma pennada do mesmo irmão. Como viveu até 1490, viu tudo isso e o mais que encheu o reino de pavor e de admiração no curto, mas glorioso e fecundo reinado do *Principe Perfeito* (14 annos).

Essa unica obra, o retrato da princeza, vestida com todo o esplendor da côrte, mas triumphante sobretudo pela sua ideal belleza, vale uma viagem a Aveiro. E' um encanto! Foi gravado no principio do seculo XVII, em Flandres, por Boutats habilmente, mas com pouca fidelidade, e parece não ter sido reconhecido até hoje na sua importancia capital como pintura coeva, intacta, facto que terá do

ser comprovado com razões intrinsecas e technicas. Deixamos essa tarefa para outro lugar, pondo aqui em evidencia sómente a figura historica, que creou o singular e raro muzeu d'onde saliu o melhor quinhão para a *exposição de arte religiosa* de Aveiro. E' este o seu titulo official, bem escolhido e comprovado no catalogo, que pela modica quantia de 50 réis (custando a entrada outro tanto) informa o visitante do que lhe é mais necessario. Até n'este caso a prodiga capital ficou atraz da modesta cidade provinciana! — pois é sabido que ninguem viu o catalogo da exposição de Lisboa até hoje, nem o verá.

Estava feito um guia modesto, ao que parece, mas gastava-se com a impressão uns *cem mil réis*—caso para arruinar o thesouro no meio da folia antoniana. Não será preciso pôr nomes para documentar a veracidade da affirmativa; sendo necessario, não faltarão.

Em Aveiro fez-se tudo sem alarde e bem, e até na escolha da localidade, que não é a da exposição de 1882, deu a commissão organisadora prova de criterio e até de gratidão pela memoria da princeza fundadora do real cenobio; de criterio, porque as salas são grandes, arejadas e frescas, ainda mesmo n'esta estação de grandes calores, e tem um revestimento de azulejos polychromicos do seculo XVII, de variados e bellos desenhos: aspecto nobre e artistico em tudo.

E' justo que publiquemos aqui os nomes dos cavalheiros que n'ella entraram: srs. Visconde de Alemquer, presidente; Annibal Fernandes Thomaz, vice-presidente; vogaes: Manoel Joaquim Massa, Manoel Ferreira Pinto de Sousa, José Maria de Mello de Mattos, Manoel Maria de Mello Freitas, Luiz da Silva Mello Guimarães, Francisco Victorino Barbosa de Magalhães, Joaquim de M. Freitas, Francisco da Silva Rocha e João Augusto Marques Gomes. E' d'este ultimo o catalogo; o sr. secretario tem estudado cidade e districto com proveito e já tomou parte saliente na exposição de 1882. Os outros cavalheiros representam o que ha de mais distincto no funccionalismo intelligente, nas lettras, na industria e no commercio. Todos os bibliophilos conhecem o sr. vice-presidente Fernandes Thomaz como um dos individuos mais instruidos e mais obsequiadores do gremio, porque não aferrolha, antes facilita o exame dos seus thesouros aos estudiosos, por todos os modos.

Como o leitor vê, as circumstancias convidavam a uma visita.

Do estudo demorado a que procedemos resultaram dous factos importantes e novos para a historia da arte e das industrias artisticas portuguezas. De um lado surge um ramo da pintura portugueza novo e do outro um grupo inteiro de esculptores ceramicos, desconhecidos, de oleiros modeladores que assignaram e dataram uma serie de trabalhos notaveis.

Em 1882, na exposição ceramica da Sociedade de Instrucção, appareceram os primeiros typos assignados: *Hieronymo Furtado,* 1721. Era um grupo de cerca de dous palmos: Santa Anna ensinando a lêr a Virgem, modelado, pintado e dourado no estylo rocóco, mas discretamente, sem exaggeros, sem nenhum feitio ascetico: a traducção em barro de uma scena intima da vida burgueza, repassada de affecto, de sentimentalismo, bem portuguez.

As peças de Aveiro constituem um pequeno muzeu. Contamos

45 numeros, sendo assignados uns oito ou dez, mas nem todos com datas.

Estes oscillam entre 1714 e 1782, abrangendo um largo periodo de 68 annos ou tres gerações de artifices, com dous estylos historicos bem distinctos.

Salientam-se tres nomes: *Gaspar* entre 1750-1770, com uma rubrica no fim do nome, que eu decifro em J. A. (enlaçados); *Joseph Dias* 1714-1720, com uma abreviatura, que eu leio *dos Santos;* e Joaquim Marques dos Santos, no fim do seculo (1782). Ha outras assignaturas dos mesmos individuos com datas intermedias.

Compete aos intelligentes amadores de Aveiro fazer um estudo technico e completo com as marcas e desenhos das peças notaveis.

Mas é indispensavel uma selecção cuidadosa. Descontando umas dez ou doze, que devem fundir-se n'um só grupo como elementos que são de um mesmo presepio, ficam-nos ainda 32 ou 33 peças, que pódem classificar-se do seguinte modo:

1.º, Baixos relevos com scenas religiosas *para suspensão*, como se fossem estampas devotas. São peças de fôrma e teem a moldura no proprio barro.

2.º, Estatuetas avulsas, pintadas e douradas, variando de tamanho, de 18 a 70 e até 80 centimetros. Representam Santos e Santas do nosso agiologio.

3.º, Grupos de 2 a 3 figuras, constituindo scenas da Escriptura Sagrada, para altar ou oratorio.

4.º, Presepios, geralmente truncados. E' poesia popular traduzida no barro.

5.º, Objectos de pequeno mobiliario, para uso sagrado e profano: Fontes de agua benta, molduras para quadros, misulas, castiçaes, etc.

Todo o lavor é rocóco. A modelação é cuidada, com vida, expressão affectuosa, e phantasia inexgotavel nos episodios familiares. Nas figuras maiores a expressão attinge o pathetico, o sentimento chega a ser palpitante; o barro estremece, as linhas fluctuam, a materia anima-se, move-se, falla entre suspiros e chora as lagrimas da tragedia humana e divina. Bastará citar uma imagem de S. João Evangelista, soluçante, com olhar enevoado pelo pranto, talvez elemento de um grande Calvario (n.º 167); um S. Sebastião, no ultimo transe, dôr concentrada e muda, fitando os céus, uma formosa e caracteristica figura (n.º 211); emfim, uma Magdalena aos pés da cruz (n.º 161), *terra cotta* de pequenas dimensões, mas de grande estylo e poderosa factura, apesar do seu ar rocóco.

O material é, ás vezes, simplesmente cosido *(terra cotta);* outras vezes pintado com singular delicadeza de carnação e estudo do *nú,* e grande apparato de côres e ouro nas roupagens, simulando o lavor *estofado,* celebre em toda a peninsula durante quatro seculos para a esculptura religiosa em pedra, marmore, barro e obra de talha. Ha peças inferiores a essas na collecção, mas o conjuncto é notavel e denota uma actividade local, digna do mais sério estudo. E temos o direito a dizer *local,* porque nas ruas, nas casas e nos templos estão *fixos* e moveis outros restos de ceramica da mesma epocha, tambem notaveis. A fabrica da Fonte Nova, estabelecimento dignamente dirigido e que já honra a cidade e o paiz, está re-

produzindo os baixos relevos de suspensão, em parte pelas antigas matrizes!

Aviso aos amadores, porque a imitação é perfeita. Ha, pois, um élo entre o passado e o presente. A fabrica nova não só imita o antigo, mas faz bem, e muito bem, os productos novos de fainça fina e commum. Ahi tem Aveiro uma ancora segura para sahir de uma inacção industrial que entristece o visitante, aliás encantado com a paizagem da ria e com a gente da terra e do mar.

Outra ancora deve vir a ser, sem duvida, o *Laboratorio maritimo*, que valerá uma mina de ouro para a cidade e para o paiz. («Revista de sciencias naturaes e sociaes». Porto 1894-1895).

Para concluir com a ceramica antiga, cujo estylo se relaciona intimamente com o da obra de esculptura em pedra e com o lavor de talha, (uma e outra tambem *sui generis* em Aveiro), só mais duas palavras. Recordarei ao leitor que em Alcobaça ha no celebre convento composições em barro, grandiosas, com figuras de vulto natural de extraordinario valor, feitas por artistas privilegiados que foram os predecessores dos de Aveiro na segunda metade do seculo XVI.

Segundo, que em Coimbra vimos ha dias preciosidades ceramicas que deverão lançar tambem alguma luz sobre o problema de Aveiro. Remontam ao meiado do mesmo seculo. Embora não sejam figuras, mas sim vasilhame, ha mais de um ponto de contacto entre essas reliquias.

A peça mais antiga em Aveiro é de 1714 e recorda uma Renascença ainda relativamente pura nas linhas geraes do contorno e na expressão das figuras. Dir-se-hia que essa peça notavel (talvez uma fonte de agua benta, a que falta o receptaculo, de fórma hexagonal alongada) é do principio do seculo XVII. Ha alli, repetimol-o, mais de um traço, até feições salientes que recordam duas ou tres peças capitaes de pequeno vasilhame (em *terra cotta*, como esta fonte e datadas de 1558) propriedade do nosso amigo sr. Antonio Augusto Gonçalves, director da Eschola Industrial de Coimbra.

O apparecimento d'esses objectos em Coimbra constitue um facto de primeira ordem para a historia da ceramica em Portugal e até na peninsula. Não ha o menor exaggero, se dissermos ao leitor que essas peças de *terra cotta* de Coimbra juntas á de 1714 (que representa uma repetição de padrão anterior do principio do seculo XVII) estabelecem para a olaria moldada e uma serie historica ininterrupta que vai desde 1558 pelas figuras de Alcobaça e de outras terras circumvisinhas através do seculo XVII até 1782, á ultima data de Aveiro, quasi dous seculos e meio de lavor nacional!

Parabens, pois, ao sr. Gonçalves cujo fino criterio mais uma vez se revelou de um modo notavel, descobrindo e salvando uns *cacos* inapreciaveis; e tambem parabens a Aveiro que nos ajuda a construir a genealogia artistica de tres gerações, e a ligar elementos em localidades tão distantes.

Não podemos dedicar a mesma attenção ás outras secções da exposição, que resumiremos no proximo artigo, tratando dos quadros do principio do seculo XVI em primeiro lugar.

II

Os quadros notaveis a que alludimos foram pintados em taboa no principio do seculo XVI. O mais curioso é um tryptico com tres apostolos (S. Simão no centro, S. Thiago Menor e S. Judas Thadeu); fechado mostra os escudos dos Almeidas (á direita) e Noronha (á esquerda). Estes foram depois condes de Villa-Verde (1654) e marquezes de Angeja. As armas dos Almeidas no lugar de honra são exactamente as do celebre bispo de Coimbra D. Jorge de Almeida, filho de D. Lopo de Almeida, primeiro conde de Abrantes, que encheu Coimbra de preciosidades artisticas durante o seu longo governo (1481-1543). Fez-nos impressão o escudo, principalmente depois de reflectirmos sobre a analogia do tryptico com algumas pinturas do museu municipal de Coimbra. Os quadros de Aveiro, todos em taboa e todos do começo do seculo XVI, são os numeros do catalogo 274, 281, 294 e 300. Pertenceram e pertencem todos ao real convento de Santa Joanna, e constituem, com os de Coimbra, um grupo novo, ainda não classificado até hoje pela critica.

Não é este o lugar para uma analyse miuda. Temos, comtudo, os elementos na mão e antevemos a possibilidade de ligar essas pinturas a outras talvez avulsas, dispersas pelo paiz. E' evidente para nós a caracterisação local das figuras, dos typos, e a sua expressão inconfundivel.

As outras secções da exposição offerecem a *ourivesaria* e joalheria em exemplares interessantes, mas já vistos, com excepção de poucos, mas esses notaveis. Já nos referimos ao mais saliente, ao relicario portatil do convento de Arouca («Commercio do Porto» de 1 de agosto), a proposito da exposição de Lisboa; vimos tambem algumas joias novas de valor e reliquias de summo interesse da Santa Princeza nos competentes engastes de prata e ouro, filagrana, etc. Commove-nos o relicario circular de crystal e prata (n.º 23) com uma madeixa dos formosissimos cabellos loiros da Santa Princeza; é um reflexo das *ondas de ouro* que inundam o esbelto busto no retrato do côro. As grandes custodias de prata dourada do meado do seculo XVII ao meado do seculo XVIII, constituem um grupo muito completo para o estudo de um typo bem portuguez; variam de 0,60 a 0,80 centimetros e, combinadas com as cruzes processionaes, ainda maiores (até $1^{m},16$), dão uma vaga ideia de um fausto excepcional na região de Aveiro nos reinados dos tres primeiros reis da dynastia brigantina. Parecem andar aqui em jogo os grandes recursos da casa dos duques de Aveiro, animando officinas notaveis na região septentrional do paiz.

Aveiro tinha emprestado a Lisboa os seus melhores tecidos e bordados, que alli brilharam já em 1882. Pertencem ainda á mesma real casa opulentissima de Santa Joanna. Repare-se, porém, nos bordados a matiz com seda frouxa e retroz, nos lavores sobre torçal, nas peças encadeadas, nas finissimas applicações, que denunciam uma officina de lavor conventual de subtil execução e gosto aprimorado. Queira Deus que o novo internato e externato, regido por irmãs da Ordem Terceira, já muito acreditado e com grande frequencia escholar, não perca de vista tão primorosas tradições artisticas. No estabelecimento havia férias; comtudo, o asseio, a ordem

luzia em tudo, como nos dias de festa. A bondade das senhoras dirigentes transformou a peregrinação de um archeologo importuno, que tudo desejava vêr e prescrutar, n'uma romaria encantadora através de quatro seculos de historia politica, religiosa e artistica. O real convento é um annexo da exposição de que o catalogo não falia; mas seria falta de cortezia não apresentar os nossos respeitos áquellas senhoras, cheias de abnegação, que vem de todos os cantos da Europa ajudar na educação, tão descurada ainda, da mulher portugueza, e que fallam da nossa lingua, das nossas cousas de arte com tanta affeição, direi mesmo, com tanta poesia.

Mobiliario vimos pouco, e exemplares pouco salientes, a não ser os do convento (seculos XVII e XVIII); n'uma das capellas do claustro avistámos, porém, uma grade de madeira, deliciosa, do meado do seculo XVI, com embutidos muito lindos, lavor de intarsiatura e obra de tôrno igualmente perfeitos. Essa grade com dous batentes (asseguraram-nos haver outra, que já cahiu) representa um estylo e lavor, facil ainda de encontrar no mobiliario popular (vidè Muzeu Industrial e Commercial do Porto) nas feiras aveirenses, e póde ser seguido por caminhos e atalhos singulares da esthetica popular até Bragança! As provas nos nossos cadernos de desenhos.

Quem não se contentasse com o mobiliario da exposição podia e póde ainda encontrar no convento obra de talha dos dous ultimos seculos, que rivalisa com os exemplares mais perfeitos do Porto e Lisboa.

Das restantes secções escolheremos como as mais dignas de nota os livros illuminados e impressos, as encadernações e as estampas: gravura, desenho e photographia.

Sobresahem em todas objectos de valor, verdadeiras preciosidades; abstrahindo dos codices do convento (seculo XV a XVIII, datas de 1619, 1744, etc.) temos os volumes, desenhos e gravuras da valiosa bibliotheca do sr. Fernandes Thomaz, e, ligadas aos primeiros, as encadernações, escolhidas com apurado gosto. Ultrapassariamos os limites d'este jornal, descendo a pormenores que pertencem antes a uma monographia sobre a exposição.

Limitar-nos-hemos ás seguintes notas: E' de grande valor o in-folio (0,50 × 0,35) com uma assignatura que podémos descobrir (o catalogo estava então ainda incompleto).

«Este liuro screueo & apontou a muyto virtuosa madre: Maria Dathayde: prioresa deste moesteyro de Jesus nosso senhor.» (Dissolvemos as abreviaturas). Esta senhora, que professou na presença de D. Affonso V em 1471, era prioreza em 1482, como consta do livro de profissões, outra joia historica e felizmente completa, que começa com a fundação e chega até nossos dias. O lavor da illuminura e escripta do in-folio, que é um *Officio do tempo pascal*, cêrca de 1480, não é muito notavel, mas a encadernação é de primeira ordem: carneira fina toda pintada em arabescos, preto e ouro, estylo gothico florido; no centro Nossa Senhora da Conceição; no verso repete-se o mesmo arabesco, tendo no meio a Virgem symbolisada n'uma *Pulchra luna*, sobre nuvens, tambem pintadas a côres; a orla em ambas as capas e as costas do volume está coberta de lavor *gauffré*, em bellos rendilhados. E' o especimen de encadernação *pintada* mais bello que temos visto em Portugal e seria uma rari-

dade notavel, mesmo lá fóra. A pintura é coeva do codice. As gravuras e desenhos e as outras encadernações pertencem ás bellas collecções do sr. Fernandes Thomaz. Só quem conhecer a raridade das gravuras portuguezas do seculo XVI e XVII (não fallamos dos frontespicios de livros gravados em madeira e cobre) de devoção e dos retratos de caracter profano, é que poderá avaliar o merecimento das estampas expostas, aliás como meras amostras de uma opulenta collecção. No seculo XVIII augmentou muito a producção, mas de um modo desigual, e continuou no mesmo estylo até nossos dias.

Ha ahi problemas importantes a estudar de iconographia local, de tradições, usos e costumes e de historia da arte comparada; differentes artes industriaes foram beber a essas fontes. Nós mesmo temos uma não pequena collecção das referidas estampas, retratos e desenhos autographos; estamos, pois, no caso de poder dar os parabens ao sr. Fernandes Thomaz pela sua collecção e pela sua iniciativa em crear uma secção que faltou em Lisboa e só foi supprida pela exposição antoniana da Bibliotheca Nacional, aberta mez e meio depois de acabadas as festas. E' tempo de concluir!

Despedimo-nos com pezar de tantas cousas bellas e novas, com um modesto conselho. Não comecemos a classificar de industria de Arraiolos todo e qualquer tapete bordado no estylo do seculo XVI. Apenas dous, talvez, de oito, citados no catalogo, serão da localidade alemtejana. Estavam velhos e gastos, mas brilhavam todos elles pelo optimo estylo no meio de riquissimas colchas de setim, bordadas a matiz. Em mais de um convento das Beiras e da Extremadura se bordou no bastidor, se teceu e se tingiu tão bem como em Arraiolos, e nas casas religiosas de Evora.

O catalogo estava no dia 8 em paginas 56, faltando só umas dezeseis paginas. Merece ser lido.

Joaquim de Vasconcellos. (*)

(*) O «Commercio do Porto» n.os 224 e 225 de 20 e 21 de setembro de 1895.